



HUMANUS

Brasil, "ordem e progresso"?

Duzentos anos de uma
pátria independente

É hora de falar sobre a
Amazônia

Habit(ação): lutas
sociais pelo direito
moradia



SUMÁRIO

11

Preconceito e estereótipo?

14

Um dos maiores problemas do Brasil: Desigualdade social

16

Habit(ação): lutas sociais pelo direito à moradia no centro de São Paulo

18

Desigualdade social atinge mais as famílias do Brasil do que se pensa

20

A polarização política e a violência entre movimentos

23

Mídia auxilia na difusão de estereótipos

25

A imigração no Brasil

27

Estereótipos de gênero: muito mais do que rosa para meninas e azul para meninos

31

Efeitos do racismo na sociedade

36

As verdadeiras faces da intolerância racial

39

Uma nova chance no Brasil

41

Evasão escolar e seus prejuízos à economia brasileira

SUMÁRIO

45

Amazônia: ameaças e
desafios na
preservação

48

Crise da água e a
transposição do Rio São
Francisco: como
tudo funciona?

50

Representatividade
dos problemas
ambientais na arte

52

É hora de falar
sobre a Amazônia

54

Biospiracy: The new form
of colonialism that is
affecting native people
around the world

57

Nadando em ácido

61

How coral reefs have
been affected by the
climate change

63

A luta dos Guaranis

SUMÁRIO

67

Arte e resistência
na ditadura

70

O cinema é um reflexo
da cultura?

72

Arte e questões de
negritude

73

Machado de Assis, o
marco da literatura
brasileira

75

A história e memória:
o patrimônio histórico
em sp

78

A representação
indígena nas artes
plásticas

81

Arte contemporânea
brasileira e o ativismo

82

From the screens to
real life

85

Duzentos anos de
uma pátria
independente

EXPEDIENTE

AUTORES

Alexandre Schuartz Bove
Ana Beatriz Smith De Oliveira
Ana Lavínia Fernandes Silva
Anna Clara Silva Santos
Antonio Corazza De Oliveira
Arthur Pokorny Magalhães De Castro
Beatriz Ferrite Pires Caltabellota
Breno Aranha Ferraz
Carolina Dalbem Freire
Carolina Greche Aymard
Eduardo Paganotti Carnaval
Eduardo Pereira Porto Intatilo
Enrico Zapparoli Barbosa Zavarezzi
Felipe Pino Zinho Dos Santos
Gabriel Molinari Péres
Gabriela Orlando De Cicco Nascimento
Helena Silva Telles Caiero
Ingrid Haapalainen Cravo
Joana De Vasconcelos Leite Groch
Letícia Casseano Soeiro Igreja
Letícia Sawczuk Bueno Saraiva
Luc Francisco Ferreira Le Corre
Lucas Melo De Souza
Maria Eduarda Blane Amaral Leone
Maria Luiza Basseto Costa E Silva
Marina Bedone Azeredo
Sophia Sayuri Onizuka Mota
Valentina Madeiros Zein
Victória Mai Ogawa Yogui
Walter De Avila Goulart Fares
Zahra Felipe Jaluul
Alícia Romanovas R Pereira
André Velloso Passarell
Bruna Novelino Catão
Bruno José Bussotti
Carolina Brant De Carvalho Murad
Carolina Gomes Teixeira
Catarina Dellore Junqueira Dicker
Cecília Busch Sensato
Fernanda Oliveira De Lima Pinto
Guilherme Silvi Barros
Hadija Atala Elmor
Isabel Do Prado V. Seixas Maia
Isabela Filizzola Alegre
José Carlos Mohr Saes
José Henrique Mannis
José Roberto Menezes Linaris
João Merquior Menon
Julia Toledo Pereira Carneiro
Júlia Meleiro Luna
Laís De Alvarenga Santa ÁRbara
Leonardo Sinclair F. F. Rocha
Luana De Toledo Piza Oliveira
Lucas Prado De Almeida Machado
Luiza Assef Boggio
Luísa Piantavini Ferrari
Maria Júlia Amorim M. C. Santos
Maria Luísa Fregnani Ming Elias
Maria Olívia Simonetti De Faria
Matheus Lima Nobrega Corrêa
Nikolas Silva Casarin
Olga Castro Turim
Pietro Giuliano Delgado Gomez
Saskia Giovanna Ramacciotti Pina
Sofia Basso Carvalheiro
Téo Mesquita De Castro Medeiros
Victor Constantino Lin Branco

EXPEDIENTE

AUTORES

André Keiji Takahara
Anna Luiza Notari Gavaldon
Beatriz De Campos Lopes
Bernardo Tamborindeguy
Enrico Budriesi Gaspar
Enzo Legat Vianna
Fernanda Caldeira Marques Miname
Fernando Torres Levy
Frederico Ayres Vieira
Guilherme Alves Gallafrio
Guilherme De Freitas Saraiva
Henrique Ferrara Curti
Isabela Cristina Savoia Glücksman
Isabella Senger Monteiro
João Fernando De Mello Franco
Cristóvão Herlin
Kalil Felipe Jaluul
Laura Souza Cunha
Leonardo Bernini Vidal
Lucas Travain Alves
Lucca Soares Casseb
Manoella Francisco Pretel
Matheus Da Fonseca Goering
Matheus Maizza Lopes
Murilo Aranha Ferraz
Paolo Bertini De Abreu
Pedro Henrique Maciel Ferreira Da
Silva
Pedro Macêdo Martinelli
Riccardo Farah Leonelli
Rodrigo Ochoa Garcia
Théo De Carvalho
Thiago Nogueira
Victoria Francisco Preteo
Amanda Garrido Santin
Ana Beatriz Brandão Greenhalgh
Ana Beatriz Pinto Trigo
Anna Teresa Frauendorf Siqueira
Eduarda Evangelista De Souza
Felipe Carlos Savoia Glücksman
Gabriel Andrei Dos Reis
Giovanna Telles S. B. De Oliveira
Giovanna Rezende Pinto
Guilherme Carvalho Amorim
Juliana Kaori Yoshimura Inada
Jamile Cunha Turri
Linda Hong
Lorena Lopes Gerodetti
Luisa Kümmel Loschi
Maria Eduarda S. Branco Caram
Maria Laura V. M. e A. da Silva Campos
Maria Luisa Costa Do Carmo
Maria Cristina Daher Lazzarini
Maria Eduarda De Andrade Salomão
Maria Fernanda Damasceno Saiki
Maria Rita Ghirardi Miragaia
Téo Brazoloto
Victor Da Silva Costa Cortizo
Vitoria Bueno S. Conrado Mesquita

APRESENTAÇÃO

A segunda edição da Revista Humanus consolida uma estratégia de educomunicação junto aos estudantes do Ensino Médio do Colégio São Luís. Resultante do empenho das áreas de Ciências Humanas, Ciências da Natureza e de Linguagens, a revista cria a oportunidade de reflexão e sistematização do conhecimento aos alunos e alunas jornalistas. O novo currículo do colégio é um convite a experiências como essa. Desenvolve-se a criatividade, a capacidade de trabalhar em equipe, a competência comunicativa e lógico-analítica em um processo de pesquisa e produção da consciência sobre temas extremamente relevantes.

Os artigos da revista revelam as escolhas dos estudantes por temas urgentes. Poderiam ter optado por questões triviais, mas saltam aos olhos reflexões sobre preconceitos, estereótipos, racismo, intolerância e desigualdades sociais.

São urgências que demandam nossa atenção e ação, assim como a da imigração, déficit de moradia, evasão escolar e polarização política. Uma escola jesuíta tem por finalidade formar homens e mulheres para os demais. Para nós, educadores, é confortante observarmos os interesses de nossos estudantes. Não é possível ser um cidadão fraterno, que tenha cuidado com o próximo, sem conhecer as estruturas que mantêm as situações de injustiças.

A questão ambiental também se destaca entre os artigos e confirma que o processo de amadurecimento de nossos alunos segue em sintonia com as preferências apostólicas dos jesuítas. O cuidado com a casa comum passa pela atenção à situação da Amazônia, à crise da água, às mudanças climáticas e à biopirataria. O humanismo que queremos praticar passa por uma visão interdisciplinar, permitindo o olhar atento às conexões presentes entre o mundo em que vivemos e a forma como o habitamos. O cuidado com a Humanidade passa pela solidariedade, pela consciência de que as pessoas precisam umas das outras, de que nos realizamos no outro e para o outro. Passa também pela necessidade de construirmos a consciência sobre a sustentabilidade, não apenas a respeito do ambiente em que habitamos, e a cultura.

A palavra cultura deriva da expressão latina colere, que significa cuidado. É curioso pensar que o termo, antes de significar o cuidado com o espírito, significou o cuidado com a terra, com a agricultura. Hannah Arendt, em um ensaio reflexivo sobre a cultura de massa, lembra-nos a importância desta como o meio de dar perenidade e sustentabilidade ao mundo. Nesse sentido, os textos dedicados às diferentes formas de arte trazidos por nossos estudantes são muito significativos. Chamam a atenção do leitor para a importância de reconhecermos a arte como uma potente ferramenta de conscientização, capaz de promover a reflexão e a ação.

A arte naturalmente relaciona-se com a política, na medida que promove o pensamento e a significação do mundo.

Dessa forma, ao avaliarem a representação artística dos problemas ambientais, a presença da negritude e dos povos indígenas na arte, o patrimônio histórico de São Paulo, nossos autores não só apontam para a racionalidade dos temas, como ativam nosso corpo sensório. As discussões sobre cinema, Machado de Assis, Independência do Brasil também são contribuições fundamentais para a reflexão de cidadãos responsivos, que devem compreender e cuidar de seu país em todos os sentidos. A revista Humanus, resultado do esforço e paixão de nossos estudantes e professores, é um exemplo que materializa a pedagogia de inspiração inaciana. Todo o trabalho realizado partiu de um contexto; promoveu a experiência da pesquisa, sistematização e edição dos textos, como resultado de reflexões que extrapolam a sala de aula com esta bela edição. A própria revista é fruto da ação pedagógica, mas é também ação transformadora na medida em que propõe a qualificação do debate e a pensamento crítico de toda a comunidade educativo. Obrigado aos educadores e estudantes envolvidos neste projeto maravilhoso!

Rafael de Paula Aguiar Araújo

EXPEDIENTE

EDITORES-GERAIS

Carolina Greche Aymar
Isabel do Prado Valladares Seixas Maia
André Keiji Takahara
Felipe Carlos Saboia Glüksman

REVISORES

Alexandre Schuartz Bove
Zahra Felipe Jaluul
Bruna Novelino Catão
Luísa Piantavini Ferrari
Laura Souza Cunha
Ana Beatriz Pinto Trigo
Lorena Lopes Gerodetti
Maria Laura Vieira Machado e Alvares da Silva Campos

DIAGRAMADORES

Isabela Filizzola Alegre
Letícia Casseano Soeiro Igreja
Victória Mai Ogawa Yogui
Saskia Giovanna Ramacciotti Pina
Isabella Senger Monteiro
Eduarda Evangelista de Souza
Téo Brazoloto

EXPEDIENTE

DIREÇÃO

Pe. Edison de Lima, SJ – Diretor-Geral
Irineu de Jesus Villares - Diretor Administrativo e Financeiro
Beatriz Helena Gallian - Diretora Acadêmica
Rafael Araújo – Coord. de Segmento - EM
Andrea Rodrigues - Coord. de IB
Thiago Vicente de Camargo – Orientador Educacional
João Agildo - Coord. de Língua Inglesa
Denise Curi - Coord. de Ciências da Natureza
Max Rocha – Coord. de Ciências Humanas
Paula Marques – Coord. de Linguagens

CORPO DOCENTE

Adriana Paolillo - professora de Química EM e IB
Andrea Muner - professora de Língua Inglesa IB
Caio Nagayoshi - professor de Biologia IB
Cláudia Terra - professora de Língua Portuguesa IB
Evandro César dos Santos - professor de BSS Geography IB
Fernanda Franco - professora de Língua Portuguesa EM
Juliano Sobrinho - professor de BSS History e História IB e EM
Paula Galasso - professora de Arte EM
Thiago Vale - professor de Geografia e Oficina de Argumentação EM
Wilson Ferreira - professor de Biologia EM

EDITORIAL

A revista Humanus, do Colégio São Luís, em sua segunda edição - BRASIL: "ORDEM E PROGRESSO"? - visa instigar o senso crítico dos leitores a fim de criar cidadãos mais conscientes, se unindo para construir cidades do futuro e garantindo uma sociedade melhor. No contexto de 200 anos de Independência do Brasil, a revista traz uma reflexão acerca dos grandes avanços e dos persistentes problemas enraizados em nosso corpo social. Com o objetivo de fazer com que os horizontes e perspectivas dos nossos estudantes se aperfeiçoem e se expandam.

Essa edição consta com uma divisão em três grandes temas, sendo eles: sociedade, meio ambiente e cultura; contendo matérias como a preservação da Amazônia, perda de biodiversidade, crise hídrica, elitização da cultura, educação, desigualdade social, preconceito, entre outros. Com enfoque nos macros temas, a Humanus busca relacionar os assuntos com os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), que são metas criadas pela ONU em 2015 com o intuito de obter Cidades do Futuro, assim como a revista se propôs em sua edição anterior.

É importante ressaltar que não só as reportagens foram escritas pelos estudantes, mas também a revisão, a diagramação e a edição ocorreram de maneira autônoma em absolutamente todos os trechos de confecção do produto, contendo textos tanto em português como em inglês. Vale lembrar que ao longo desse processo, os professores envolvidos supervisionaram todas as etapas. Os estudantes assumiram uma importante responsabilidade para o resultado, sendo um projeto interclasses e interdisciplinar, considerado um dos mais significativos de 2022 para a nossa aprendizagem. Contando com a colaboração de todos os estudantes da primeira série do Ensino Médio e IB, a revista proporcionou uma verdadeira experiência, a qual possibilitou a abordagem de temas trabalhados ao longo do ano em todas as disciplinas em um projeto acadêmico condizente com a realidade do mercado profissional.

Portanto, como editores-chefes, apresentamos a realização desta tão aclamada e singular edição da Revista Humanus, voltada para os 200 anos da independência de nossa nação. O árduo trabalho dos alunos permitiu que esta revista saísse do plano das ideias e se concretizasse em meio a uma realidade em constante evolução e crescimento. Desejamos uma prazerosa leitura, tendo em vista que melhorias no âmbito ambiental, social e cultural são indispensáveis.

André Keiji, Carolina Aymard, Felipe Glüksman e Isabel Maia

Sociedade

HUMANUS

Exposições, espetáculos, críticas, ensaios tudo que
rola no mundo da arte

CAPA

A fotografia mágica
de Tim Castro

DESTAQUE

Minorias e os
preconceitos criados
sobre eles.

ESPECIAL

Arte e ativismo
ambiental

BIOGRAFIA

Ana Paula
Montegrando

5 JUNE 2022

EDITION #2

PARTE 1

HUMANUS JOHNNY MILLER

PRECONCEITO E ESTEREÓTIPO?



Canal Mundos psíquicos

O que é estereótipo? De acordo com o dicionário, a palavra corresponde a 'chapa' ou 'clichê'. No entanto, o significado empírico do termo vai muito além disso. Estereótipo é um tipo de padrão criado pela sociedade para colocar as pessoas em 'caixinhas', a partir de rótulos que ditam seus comportamentos e padronizam sua imagem de forma bem preconceituosa.

O que é preconceito? De acordo com o dicionário: Qualquer opinião ou sentimento concebido sem exame crítico. Sentimento hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio; intolerância.

Ou seja, o preconceito é uma forma de julgar outras pessoas, sem nem ao mesmo conhecê-las por diferentes motivos, sendo eles: cor de pele, religião, classe social, nacionalidade, dentre outros.

Embora tal julgamento envolva emoções que podem ser negativas ou positivas. De modo geral, ele é representado como uma atitude hostil contra pessoas de determinado grupo, baseando-se unicamente na condição destes como membros do grupo.

Um exemplo simples: quando afirmamos que alguém tem preconceito contra os negros, queremos dizer que ele está disposto a comportar-se de maneira hostil em relação a eles. O preconceito é um comportamento emocional/afetivo, parcialmente automático e bastante sensível à estrutura social.

Em contrapartida, o estereótipo é um componente cognitivo, ou seja, não é necessariamente emocional, positivo ou negativo e fixa-se mais na generalização do grupo todo (e não de uma característica específica, como é o caso do preconceito). A partir disso depreende-se que enquanto o preconceito é uma atitude positiva ou negativa em relação a um grupo com base em seus traços, o estereótipo é o ato de atribuir características idênticas a todos os membros de um grupo.

A estereotipagem não é necessariamente emocional, nem obrigatoriamente leva a atos intencionais de hostilidade. Pelo contrário, frequentemente a estereotipagem é apenas uma maneira de simplificar os pressupostos que temos e formamos do mundo – e todos nós fazemos isso. Vamos testar: imagine a aparência das seguintes pessoas: 1) líder de torcida, 2) motorista de táxi, 3) músico negro.

Acredito que não tenha sido uma tarefa difícil, porque todos nós concebemos imagens mentais de “tipos de pessoas”. Provavelmente você imaginou a líder de torcida como uma moça animada, não-intelectual, bem feminina, como as que são representadas em muitos filmes americanos, o motorista provavelmente era homem, provavelmente com a idade entre 30 e 60 anos e o músico negro provavelmente cantava rap ou funk e dificilmente tocava música clássica.

Essas associações não são ruins, apenas têm como ponto de partida uma visão incutida nas nossas mentes. Esse olhar nasce da observação constante de representações desses personagens como portadores dessas características, o mesmo acontece com diversos grupos.

Em resumo: Preconceito: atitude negativa dirigida a um grupo, com base em uma característica desse. É um julgamento voltado ao grupo como um todo, ignorando diferenças individuais.

Estereótipo: generalização de um grupo, na qual características idênticas são atribuídas a todos os seus membros. Não é necessariamente emocional, positivo ou negativo, e não é imprescindível que venha acompanhado de discriminação.

RACISMO



Nesses últimos anos estão se tornando extremamente virais e frequentes casos de preconceitos com pessoas negras e LGBTQIA+.

De acordo com o infográfico sobre “Violência e Desigualdade Racial no Brasil”, elaborado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, os negros são 79,1% das vítimas de intervenções policiais que resultam em morte. Esses são dados que se referem às mortes que ocorreram no ano de 2019 em todo o país. Neste período, 35.543 pessoas pretas foram mortas, número que equivale ao Estádio do Pacaembu (SP) quase em sua capacidade total de ocupação.

Mais da metade da população brasileira é de pessoas autodeclaradas negras (56,7%) e esse número pode ser ainda maior considerando aqueles que não se declaram como tais. Mas, ainda assim, o grupo é tido como uma "minorias social" e é muito vulnerável às violências que resultam em morte.

Na realidade atual do Brasil, uma pessoa negra tem 2,7 mais chances de ser assassinada do que uma pessoa branca. É o que revela o informativo Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, no Rio de Janeiro, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo a analista de indicadores sociais do IBGE Luanda Botelho, enquanto a violência contra pessoas brancas se mantém estável, a taxa de homicídio de pretos e pardos aumentou em todas as faixas etárias.

Apesar dessa estatística ser um dado nacional, tal realidade também é comum no exterior, como por exemplo nos Estados Unidos e em países europeus.

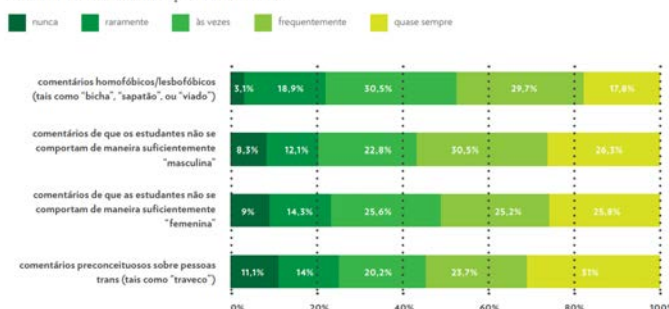
LGBTQIA+

No ano passado pelo menos 237 pessoas da comunidade LGBTQIA+ morreram por conta do preconceito. Desse total, mais de 94% das mortes foram homicídios, o que é o mesmo que 224 pessoas dessa comunidade.

Segundo dados do Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+, feito pelos grupos Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia (GGB), foram contabilizadas mais de cinco mil mortes de pessoas representadas por essas letras em vinte anos.

No dia 13 de fevereiro de 2019, o STF teve seu primeiro contato com a LGBTfobia, quando se deu início ao julgamento sobre a questão da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero. Nesse contato, foi estabelecido se qualquer tipo de preconceito contra as pessoas do grupo seria crime ou não.

FREQUÊNCIA COM QUE OS/AS ESTUDANTES OUVEM COMENTÁRIOS CONTRA LGBT NA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL



Para saber mais sobre, acesse o site da Politize:

(<https://www.politize.com.br/lgbtfobia-brasil-fatos-numeros-polemicas/>)

TIPOS DE ESTERÉOTIPOS

Estereótipo de gênero

O estereótipo de gênero se refere ao padrão de comportamento feminino e masculino. Essa é uma ideia construída socialmente, que acompanha as crianças assim que elas nascem. Meninos e meninas usam roupas de cores determinadas, só podem brincar com alguns brinquedos e, é claro, devem ter um comportamento adequado ao seu gênero. Um dos grandes problemas causados por esse tipo de preconceito é que a padronização do comportamento desrespeita a individualidade de cada pessoa. Se, a partir do momento em que o indivíduo nasce, ele só puder seguir um padrão de interesses, ele acaba sendo limitado tanto agora quanto futuramente. Um grande exemplo de padronização, que afeta e muito a nossa sociedade, é a “insensibilidade masculina”, o conceito que determina ideais tais como 'homens não podem chorar'.

Estereótipo de classe social e econômica

Esse tipo de padronização é um dos mais nocivos para a sociedade. A ideia estereotipada de classe social e econômica é extremamente prejudicial, sobretudo quando acompanhada pelo recorte de raça. As pessoas são “avaliadas”, segundo a posição social que pertencem. Assim como os grupos sociais são separados por “superior e inferior”, tudo o que tem relação com eles recebe a mesma atribuição. Nesse contexto, a ideia de que as pessoas que vivem nas periferias e favelas são criminosos surge a partir dos

estereótipos de classe econômica, e notícias na mídia, pois a maioria dos crimes que passam na televisão são causados por pessoas negras ou pardas e muitas vezes pobres, o que nos incita a construir uma barreira contra todas as pessoas que possuem características.

Estereótipo da beleza

Esse tópico está relacionado aos aspectos físicos dentro de uma sociedade na qual existem ideais perfeitos de tudo (corpo, peso, rosto, cabelo, boca, unhas, pés, roupas) e que variam de acordo com a cultura de cada país. É perceptível que o padrão de beleza da Alemanha é diferente do brasileiro, o qual, por sua vez, não é parecido com o do Japão, e por aí vai. Nessa perspectiva, é interessante que, com o passar dos anos, o padrão de beleza tem mudado muito, e mais do que nunca, as pessoas têm buscado aceitar cada vez mais suas características, formas, cabelos. Tal discurso de autoaceitação tem encontrado muita força entre as mulheres, que são as que mais sofrem com a pressão estética, uma vez que o padrão de beleza é imposto a tal grupo com veemência. Nesse contexto, o ideal de perfeição vem associado à uma série de comportamentos sexistas e intolerantes que infelizmente fazem parte do nosso cotidiano e prejudicam a saúde feminina. O resultado disso é o aumento do número de mulheres com doenças como a bulimia ou a anorexia, numa luta em busca do corpo perfeito.



Estereótipo cultural

Associado às culturas, etnias e raças. Desenvolvemos uma ideia preconcebida sobre as pessoas e também sobre os lugares de onde elas vêm. Como, por exemplo, além de acreditar que a população africana passa fome, reproduzimos a ideia de que a África é um lugar consumido pela pobreza. Algumas pessoas inclusive, chegam ao cúmulo de acreditar que toda a África é um país só, quando na verdade é um continente composto por 54 países. Outro estereótipo comum é o do árabe terrorista ou da mulher brasileira tida como sexualmente "fácil". Através dessa forma de pensar, as pessoas acabam criando uma aversão ao estrangeiro, e desenvolvem outros tipos de preconceito, como a xenofobia ou o etnocentrismo, os quais são desenvolvidos, principalmente, nas relações entre diferentes países.

CONCLUSÃO

Apesar de serem duas ideias diferentes, o estereótipo e o preconceito andam de lado a lado em muitas situações, como por exemplo, quando alguém do exterior diz ou "brinca" que todo brasileiro é "macaco", isso não só é uma ideia estereotipada, mas extremamente racista.

A população LGBTQIA+ também recebe diversos estereótipos. Por exemplo, muitos membros do grupo podem, de maneira generalizante, ser classificados como 'gays' ainda que tenham outra sexualidade que não corresponde ao termo. Além disso, frequentemente os homens são considerados afeminados quando não demonstram um comportamento considerado adequado a alguém do gênero masculino e são hostilizados por conta disso. Apesar de serem ofensivos em sua grande maioria, os estereótipos não são necessariamente nocivos. Por exemplo, estereótipos como o dos policiais que sempre comem rosquinhas ou dos presidiários que usam roupas listradas, estão muito presentes em desenhos animados e não têm um teor ofensivo.

Já no esporte, as pessoas chamam todo americano, negro e alto de jogador de basquete, uma vez que a maioria dos melhores jogadores são assim. No "Ping Pong" as pessoas consideram que todos os jogadores do esporte tênis de mesa são japoneses. Quando estrangeiros vêm ao Brasil, chamam todo brasileiro de jogador de futebol ou até mesmo sambista, por conta do nosso Carnaval.

FUI ROUBADA
MAS O LADRÃO
NÃO PARECIA
LADRÃO.

ESPERO QUE ELE
TENHA ROUBADO
SEU PRECONCEITO
JUNTO.



Charge por Niniu

UM DOS MAIORES PROBLEMAS DO BRASIL: DESIGUALDADE SOCIAL



Afetando milhões de brasileiros de baixa classe social, os dados do IDH mostram o índice de desenvolvimento humano no Brasil, e evidenciam que sua respectiva posição no ranking mundial vem diminuindo cada vez mais. Este ano foi o segundo consecutivo em que decaiu, indo de 84° para 87° posição. Sendo o IDH atual do Brasil de 0,754, enquanto o maior índice é o da Suíça liderando com 0,962.

O IDH baixo é um dos principais indicadores de uma problemática recorrente da sociedade brasileira: a desigualdade social. Outro fator que evidencia tal desequilíbrio na nossa realidade é o coeficiente de Gini, que mede a desigualdade, por meio da análise de variados aspectos, como a concentração de renda e a educação, o que é feito a partir da observação do rendimento dos mais pobres e dos mais ricos. A análise é feita da seguinte forma: o número zero representa um país 100% igualitário, no qual toda a população possui a mesma renda, e o 100 apresenta um país absolutamente desigual, onde a renda se concentra em apenas uma parcela da sociedade. Segundo o coeficiente de Gini o Brasil é um dos países menos igualitários do mundo, demonstrando que a maior renda se concentra na menor parte da população do país. Os fatores que ocasionam essa desproporção de classes sociais são a falta de acesso à educação de qualidade, baixos salários e dificuldade de acesso a serviços fundamentais como uma saúde de qualidade e o saneamento básico.

Tendo noção desse problema, o governo brasileiro criou o plano BSM (Brasil Sem Miséria), que tinha como principal objetivo acabar com a grande pobreza que assolava o país em 2014.

O BSM tentou abranger diversos problemas que ocasionavam a essa discrepância de classes. Assim, o plano buscou garantir uma renda provisória aos mais pobres e melhorar os serviços públicos, ampliando o acesso à educação e à serviços de saúde, além de prestar uma ajuda especial a famílias em situação de vulnerabilidade social e procurar garantir melhores oportunidades de trabalho.

Uma das teorias que tenta explicar a diferença de hierarquias socioeconômicas é a de Herbert Spencer, também conhecida como Darwinismo Social. Ele dizia que no universo havia uma hierarquia entre as sociedades e classes e, se baseando na teoria de Charles Darwin sobre a evolução biológica, afirmava que apenas quem apresentasse uma maior aptidão para as posições sociais, seria capaz de conviver em sociedade. Essas ideias encontraram respaldo na lógica econômica e política da sociedade imperialista, na qual os mais poderosos, de maior poder aquisitivo, exploravam os mais pobres, considerados inferiores. Além disso, a teoria também teve suas ideias relacionadas com questões raciais, sustentando fundamentos segundos os quais uma raça acredita ser superior a outra. A construção desse ideário resultou em diversas consequências que hoje intensificam a desigualdade socioeconômica.

A empatia é a capacidade que uma pessoa possui, ou deveria possuir, de colocar-se momentaneamente no lugar da outra pessoa, imaginando como ela deve estar se sentindo em determinado contexto. É uma das mais nobres características humanas. Portanto, sua falta está associada a um comportamento egoísta, que gera diversos problemas de relacionamento, seja nas relações familiares, em um círculo de amizade ou em um ambiente de trabalho. Dessa forma, faz parte do desenvolvimento pessoal, o estímulo ao pensamento e ao comportamento empático.



Fonte: <https://www.ecodebate.com.br/2019/11/14/desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca-no-brasil-pretos-ou-pardos-recebem-menos-do-que-os-brancos-independentemente-do-nivel-de-instrucao/>

Nesse gráfico é possível ter um melhor entendimento sobre como a raça também pode ser um fator determinante nas consequências da desigualdade social. Em todos os tópicos, que refletem indicadores sociais, a maior porcentagem de rendimento é de pessoas brancas.

Conforme mostra o gráfico, a maior diferença é a no meio acadêmico (10,1%), tal discrepância revela o déficit escolar sofrido pela maioria da população negra.

Hoje, a falta de empatia é a maior doença da humanidade, causada pelo estranhamento entre as pessoas, mais especificamente entre os que estão situados em “lugares sociais” diferentes. Ela é motivada, principalmente, pela má representação de minorias em produções audiovisuais e pelo crescente posicionamento governamental, que induz os cidadãos a não serem empáticos.



Fonte: Rafael Kraisch/ T.R.I (3 dezembro, 2019)

“Nós somos sociais, precisamos viver nesta harmonia social. Mas quando há egoísmo, o nosso olhar não vai para os outros, para a comunidade, mas volta para nós mesmos e isso nos torna feios, maus, egoístas. Destrói a harmonia.” disse Papa Francisco em uma audiência geral em agosto de 2020. Nesse contexto, a ideia de distância social geralmente refere-se às discrepâncias econômicas entre os indivíduos. Sob essa leitura, é enfatizada a diferença entre os mais ricos e os mais pobres, na qual a distância é medida pelo volume de capitais econômicos



A desigualdade é um grande problema da contemporaneidade, porém ela precisa ser considerada a partir da distância cultural e a falta de empatia da sociedade. É a falta de empatia que permite a desigualdade social latente. Essa falta não é, obrigatoriamente, resultado de uma personalidade ruim, mas da distância cultural que separam as pessoas e seus diferentes mundos. As pessoas vivem em “seus mundos”, ou seja, cada indivíduo possui um determinado lugar social e, por vezes, é incapaz de enxergar a realidade através do olhar do outro. Por isso, a luta pelo direito de lugar de fala é tão difícil de ser compreendida e conquistada. Cada um vive em seu mundo e lê os demais mundos a partir do seu, abrindo espaço para a falta de empatia. Tendo isso em vista, o fato de estarmos restringidos culturalmente a um devido lugar e submersos na realidade social econômica desse espaço, tende a nos aproximar e entender apenas a realidade dos que vivem a nossa volta. Tal configuração o abre caminho para discriminações e julgamentos depreciativos.

Por isso, parte significativa da classe média e alta não compreende as motivações dos programas sociais. Expressões idiomáticas e irrefletidas como “ensinar a pescar ao invés de dar o peixe” trazem ideias que resultam desse distanciamento social e da falta de empatia que ele produz. Sem empatia não há comprometimento com a redução das desigualdades sociais. Precisamos compreender que ocupamos lugares sociais diferentes e somos dotados de experiências e sociabilidades variadas, e que tudo isso gera uma descompensação manifesta em aptidão física e falta de empatia social.

Assista ao vídeo “A falta de empatia na sociedade brasileira | Aprendi com o Papai” no Youtube

https://www.youtube.com/watch?v=CQCMG3Q_xnk

A Organização das Nações Unidas (ONU) tem como um de seus objetivos para o desenvolvimento sustentável a ODS 10: Redução das Desigualdades.

A ONU reconhece que a questão da desigualdade tem um impacto direto na evolução da nossa sociedade, sendo os tempos atuais os mais desiguais desde 1940. Esse problema impossibilita um desenvolvimento melhor dos países, já que diversas pessoas têm suas habilidades limitadas pela realidade de sua classe social. Tendo isso em vista, é pautada a luta para a redução dessa diferença com a intenção de gerar um mundo mais igualitário onde todos possam garantir seus direitos básicos. Uma das formas para a diminuição da falta de igualdade também é uma das ODS indicadas pela ONU, a ODS 1:

Erradicação da Pobreza.



Fonte: <https://www.estrategiaods.org.br/os-ods/ods1/>



http://www4.planalto.gov.br/ods/noticias/projeto-em-frente-brasil-localizacao-da-agenda-2030-no-eixo-paz-justica-e-instituicoes-eficazes/copy2_of_10.png/view

Ao erradicar a pobreza podemos viver em um mundo mais justo para pessoas que vivem com US\$ 1,90 por dia, essa parte da população é desfalçada todos os dias pela pequena parte que vive com uma grande renda por mês, não havendo oportunidades de crescer economicamente. Isso principalmente no mundo do trabalho, as oportunidades para aqueles em situação de vulnerabilidade social são reduzidas. Nesse contexto, há um aumento do número de trabalhos informais, o que, no entanto, acarreta na perda da manutenção de uma renda fixa. Por conta da tamanha pobreza, a ONU visa que seu primeiro objetivo a cumprir a criação de mais oportunidades de trabalho, evidenciando, assim, sua relevância no mundo atual.



HABIT(AÇÃO): LUTAS SOCIAIS PELO DIREITO À MORADIA NO CENTRO DE SÃO PAULO

O centro de São Paulo ainda é palco de habitações inadequadas, enquanto a quantidade de edifícios públicos desocupados chama a atenção.

O Brasil é um dos países com um dos índices maiores processos de êxodo rural do mundo. Nesse contexto, as grandes metrópoles brasileiras foram crescendo, mas sem a infraestrutura adequada para receber essa população migrante. Hoje, o déficit habitacional é o que compõe uma das mais graves mazelas da nossa nação.

Apesar de tanto a Declaração Universal dos Direitos Humanos quanto a Constituição brasileira reconhecerem que moradia é um direito fundamental do cidadão, essa não é a realidade de todos os brasileiros. Milhares de pessoas moram em favelas, cortiços e comunidades carentes, sem saneamento básico, eletricidade e outras necessidades fundamentais à sobrevivência humana. Assim, também podemos apontar que entre outros problemas sociais relacionados à falta de moradia estão a exclusão social, o desemprego e a violência.

Além disso, a crise econômica brasileira, que não surgiu com a pandemia, mas que foi drasticamente afetada pela COVID-19, intensificou o crescimento da população de "desabrigados", compatível com as remanescentes de grandes desastres.

Conforme dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 11 milhões de pessoas vivem em favelas ou em moradias precárias no país. Ademais, o Estado de São Paulo tem o maior déficit absoluto, com 1,61 milhões de moradias.

Tendo isso em vista, a moradia se constitui, sem dúvida, como objeto central de reivindicação dos movimentos sociais e organizações que militam pela reforma urbana no Brasil.

Historicamente, o centro da cidade de São Paulo conta com uma infraestrutura completa, que inclui um forte comércio e o apoio do transporte público em relação à mobilidade urbana.

Ainda assim, a realidade revela diversas famílias sem moradia ou em condições insalubres na região, enquanto o abandono de prédios vazios chama a atenção. Isso se prova consequência de um processo histórico de produção cafeeira que estimulou a industrialização, a expansão e a verticalização do Centro de SP. Dessa forma, morar na região era sinônimo de riqueza, como prova disso analisamos a sofisticação do edifício Martinelli, um dos primeiros arranha-céus do Brasil e o primeiro de São Paulo.

Entretanto, a desvalorização do centro de SP passou a acontecer a partir do momento em que a elite paulistana se mudou para a região da Avenida Paulista e acarretou os grandes bancos e demais serviços urbanos. Este movimento e as obras viárias influenciaram o mercado imobiliário igualmente e contribuíram com a desocupação do centro. Consequentemente, o Movimento dos Sem-teto do Centro (MSTC) foi fundado em 2000 e tem como base a Ocupação 9 de Julho, próxima ao Residencial Cambridge.

Sendo esse o antigo Hotel Cambridge, construção de alto padrão da década de 1950, que foi ocupado pelo MSTC em 2012 após falir e ficar ocioso na região central de São Paulo. Em 2016, o movimento recebeu o imóvel via doação da Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (Cohab-SP) para transformá-lo em empreendimento habitacional de interesse social, assim conquistando mais uma vitória na luta pela moradia.

No entanto, somente em 2022, os primeiros apartamentos do Residencial Cambridge começaram a ser entregues aos novos moradores. Desse modo, oferecendo a oportunidade de moradia e trabalho no centro da cidade ao invés de provocar uma mudança inevitável dos sem-teto para moradias periféricas como geralmente acontece.

Sem dúvida, essas oportunidades foram sempre defendidas por Carmen Silva, líder do Movimento e ativista pelo direito à cidade. "Como eu posso colocar tantas moradias em um lugar que não tem calçada? Que não tem escola? Devemos pensar na moradia junto ao direito de viver na cidade" disse Carmen, em entrevista com o Jornal Alma Preta. O direito à cidade, argumentado pela representante, anda junto ao direito à moradia.

Segundo o teórico da geografia David Harvey, é o direito não só de habitar, mas também, de usar e participar das transformações das cidades que são normalmente construídas segundo os interesses do capital em detrimento das pessoas.



Assista ao documentário "Dia de Festa" sobre a luta dos sem-teto em São Paulo:

<https://youtu.be/4b9-sSb31AU>

MOVIMENTO SEM TERRA (MST)

Bem como o MSTC, outro importante movimento na luta social pela moradia no Brasil, é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Formado em 1980, num contexto social conturbado, marcado pelo fim do duro regime militar que assolava o país desde a década de 60 e pela consequente abertura política do país, a qual vinha acompanhada de inúmeras reivindicações e debates.

Atualmente, o movimento já se faz presente em 24 estados da federação, fato que ilustra sua representatividade e necessidade em termos nacionais. Além disso, entre seus objetivos podemos citar a reforma agrária e transformações sociais importantes para o Brasil, principalmente àquelas relacionadas à política de inclusão social.

Certamente, uma das maiores causas do déficit habitacional em São Paulo é o alto custo de aluguel. Ainda mais, nos últimos 12 meses, o preço médio do aluguel na região central da cidade subiu 13,5%, chegando a R\$ 2.828/mês.

Indubitavelmente, a região foi a que mais se valorizou em São Paulo, tanto no valor da locação quanto no preço médio do metro quadrado, no qual houve um incremento de 3,8% durante o período.

	Locação			Venda		
	Variação Anual	Variação Mensal	Valor do Aluguel	Variação Anual	Variação Mensal	Valor do M ²
Centro	13,5%	0,4%	R\$ 2.828/mês	3,8%	1,4%	R\$ 8.252
Leste	12,6%	1,6%	R\$ 1.775/mês	0,5%	0,3%	R\$ 4.640
Nordeste	6,4%	1,0%	R\$ 1.671/mês	0,6%	0,2%	R\$ 6.188
Sudeste	5,9%	0,8%	R\$ 1.963/mês	1,2%	0,1%	R\$ 6.606
Centro-Sul	5,6%	0,5%	R\$ 2.976/mês	2,2%	0,3%	R\$ 9.341
Oeste	5,2%	0,3%	R\$ 2.718/mês	2,1%	0,3%	R\$ 8.714
Noroeste	4,3%	0,6%	R\$ 1.620/mês	-0,4%	0,1%	R\$ 5.502
Sul	1,6%	1,3%	R\$ 1.845/mês	3,6%	0,3%	R\$ 5.562

Relatório do Imovelweb aponta que a região foi a que mais se valorizou em São Paulo entre outubro de 2019 e outubro de 2020

Nesse contexto, é saliente a situação de 90% da população da cidade, a qual é afetada pelo déficit por ter renda de até 1.800 reais por mês e não conseguir arcar com os elevados preços de locação. Desse modo, a população de baixa renda que reside no centro está cada vez mais sujeita a entrar em condições precárias de habitação.



Fonte: Juliana Adriano, via Flickr do MST

À vista disso, movimentos pró habitação se tornam cada vez mais necessários diante um governo que negligência a falta de moradia. Além do avanço dos preços do aluguel, do aumento do custo de vida e dos crescentes despejos forçados, o governo de Jair Bolsonaro reduziu o orçamento dos programas habitacionais do governo federal em 98% em apenas um ano. Dessa forma, os recursos da Casa Verde e Amarela saíram de R\$ 1,5 bilhão, em 2020, para apenas R\$ 27 milhões, em 2021.

Assim, sem dinheiro para a construção de novas moradias, o déficit habitacional brasileiro ultrapassou mais de 8 milhões de famílias.

Como resultado, cada vez mais brasileiros estão sujeitos a tragédias e problemas característicos das moradias de risco, como as inundações, recorrentes no verão da cidade de São Paulo e que podem gerar perdas irreversíveis a população afetada, facilitando a propagação de doenças.

Ademais, no final de junho, o Movimento Estadual dos Moradores em Situação de Rua denunciou ao G1 que sete moradores de rua haviam morrido na cidade de São Paulo na última semana do mês, por conta do rigoroso frio na capital paulista. Segundo o movimento, quatro dessas mortes ocorreram na madrugada de 30 de junho, registrada até então como a mais fria dos últimos cinco anos na cidade, quando os termômetros no município chegaram a 6°C.

Dessa forma, é evidente os riscos que o déficit habitacional e a falta de moradia adequada impõem à parcela da população afetada por estes. Portanto, resolver esse grave obstáculo não deve ser um projeto a ser realizado a curto prazo, antes é necessário que medidas urgentes sejam tomadas o quanto antes. Entre elas, a moradia para aluguel com subsídios, estratégia que fornece benefícios, como grande flexibilidade para a demanda e melhor localização dos imóveis. Tais moradias devem ser espaços edifícios públicos desocupados. Outrossim, também poderiam ser utilizados no mercado de locação, pois a opção de compra facilitaria a mobilidade das famílias,

evitando os custos de operação da moradia e ofertando uma garantia de compra.

Por último, é imprescindível maior investimento governamental em programas habitacionais. Programas como o Casa Verde Amarela (antigo Minha Casa Minha Vida) são uma alternativa utilizada para combater o déficit habitacional no Brasil. Porém, com o grande crescimento do índice, melhorias e maiores investimentos nessas políticas seriam ideais. Com efeito, assegurar o direito à moradia adequada e o direito à cidade contribui com o cumprimento de três metas do desenvolvimento sustentável:

1.4: "Até 2030, garantir que todos os homens e mulheres, particularmente os pobres e vulneráveis, tenham direitos iguais aos recursos econômicos, bem como o acesso a serviços básicos, propriedade e controle sobre a terra e outras formas de propriedade, herança, recursos naturais, novas tecnologias apropriadas e serviços financeiros, incluindo micro finanças."

6.2: "Até 2030, alcançar o acesso a saneamento e higiene adequados e equitativos para todos, e acabar com a defecação a céu aberto, com especial atenção para as necessidades das mulheres e meninas e daqueles em situação de vulnerabilidade."

11.1: "Até 2030, garantir o acesso de todos à habitação segura, adequada e a preço acessível, e aos serviços básicos e urbanizar as favelas."

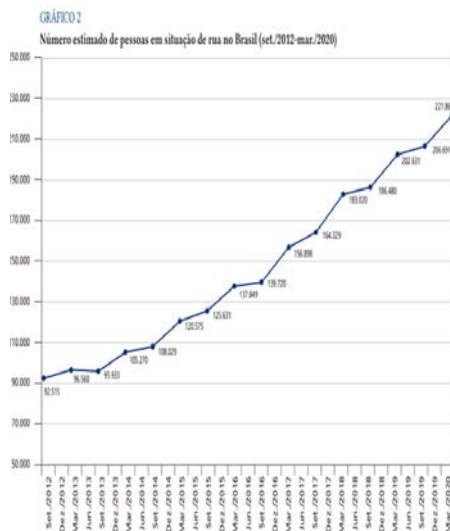


DESIGUALDADE SOCIAL ATINGE MAIS AS FAMILIAS DO BRASIL DO QUE SE PENSA



Desigualdade nos mantém na pobreza-
Blog do Ari Cunha

Durante a pandemia do Covid-19, a desigualdade social, que já era muito presente no cotidiano dos brasileiros, apenas piorou. A população de rua no Brasil cresceu 16% somente entre os meses de dezembro de 2021. Por falta de empatia dos donos dos imóveis, muitas famílias tiveram que deixar suas casas, entre elas crianças, idosos e deficientes. Como podemos ver no gráfico a seguir, o número de pessoas em situação de rua estimado aqui no Brasil é de 221.869.



Já em 2019 a concentração de renda foi para apenas 1% da população mais rica, enquanto outras pessoas que estavam passando necessidades financeiras não chegavam nem perto de ter uma renda de um salário-mínimo. No cenário pós pandêmico, não é muito diferente já que, a desigualdade vem crescendo rapidamente e é uma grande piora, a maior desde os anos 2000.

Um fator que agrava muito com a intensificação da desigualdade é a fome. Durante os anos de pandemia, com o aumento da inflação de alimentos, mais famílias brasileiras retornaram ao mapa da fome. Lugar do qual o Brasil havia saído nos anos anteriores. De acordo com o relatório de pesquisa de insegurança alimentar grave, o número de pessoas que passam mais de um dia sem comer aumentou exponencialmente nos últimos tempos. Os dados dobraram entre 2014 e 2016, eram 3,9 milhões, já entre 2018 e 2020, o número atingiu 7,5 milhões. Já os brasileiros que sofrem de insegurança alimentar moderada, ou seja, pessoas que tem dificuldade em acessar esses alimentos ou a quantidade não é suficiente para manter uma alimentação saudável, passam da marca de 49,6 milhões em 2020.

Porém, muitas ONGs tentam amenizar essa desigualdade e insegurança alimentar. Uma das iniciativas criada com esse objetivo foi o Bom Prato, nascido em 2000, o programa é uma iniciativa do estado de São Paulo que tem o intuito de promover acesso a comida saudável e de qualidade, com um custo acessível. O programa foi um sucesso e atualmente eles servem em média 126 mil refeições diárias. Foi tão sucedido que o governo do estado anunciou em 2022 que 17 unidades de Bom Pratos moveis começaram a circular pelo estado, com intuito de alcançar mais pessoas. Para mais informações e para conhecer o trabalho de outras ongs e de como podemos contribuir com as ongs acessem os banners abaixo.

COMO CONTRIBUIR?

Para saber mais sobre, acesse o site das Ongs:

<https://vidasrecicladass.org/projeto-bom-prato/>



<https://teto.org.br/>



O pesquisador Marcelo Medeiros, Professor na UnB (Universidade de Brasília) e pesquisador do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), é um dos maiores especialistas sobre o tema no país. Ele explica como vários fatores diferentes podem influenciar na desigualdade do Brasil. Em uma de suas pesquisas ele mostra que o aumento da desse equilíbrio teve início na ditadura, anos 60 e 70. Durante a transição para o plano real a desigualdade mostra pequenos sinais de queda, no entanto, durante os anos 90 vários fatores propiciaram um aumento que levou ao que conhecemos hoje como desigualdade.

Contudo Medeiros mostra que não é apenas a economia do país que reflete na desigualdade, fatores como a educação, falta de saneamento e relação do estado com pessoas de classe social alta também influenciam bastante no aumento dessa. O especialista defende que "A forma como o Estado trata os ricos é mais importante do que como trata os pobres". Durante sua entrevista para Exame.com, o estudioso explica sua tese de uma maneira simples, segundo ele o aumento dos impostos é prejudicial para população mais pobre, pois um rico pagar 100 reais de impostos não o atinge em nada, mas um trabalhador que recebe um salário-mínimo pagar 100 reais em impostos é muito. Pois aqui no Brasil o imposto não é progressivo, por isso o mesmo preço de impostos que uma pessoa mais rica paga, uma de renda mínima paga.

Com o aumento da desigualdade social cada vez mais a área do saneamento básico é afetada. No Brasil, muitas pessoas sofrem com a falta dele, ainda mais no Norte onde o acesso a esse recurso é muito limitado. A falta do saneamento pode causar várias doenças como diarreia por Escherichia coli (uma bactéria); disenteria bacteriana; febre Tifoide; cólera; leptospirose; hepatite A; verminoses; giardíase; amebíase; arboviroses. Estudos apontam que classes mais baixas são as mais afetadas porque não há o investimento necessário, portanto, as condições de vida dessas pessoas são precárias. De acordo com as prefeituras o mais dificulta a resolução desses problemas é a falta de dinheiro e a falta de mão de obra para fazer o plano de saneamento. Com tudo, percebe-se que, quanto maior a desigualdade entre as classes sociais, maiores serão as dificuldades enfrentadas para uma vida decente com saneamento básico, moradia, comida etc.

NOSSOS DIREITOS



Quando pensamos na educação no contexto brasileiro, não se deve deixar de lado a questão da desigualdade social que, entre nós, é estrutural. A sociedade brasileira é radicalmente desigual. É incomum um setor da vida que não tenha a marca das desigualdades.

Ela está evidente na saúde, educação, justiça, na distribuição das terras, na organização do espaço urbano, nas chances profissionais e na remuneração do trabalho. Não se pode confundir, todavia, desigualdade social com diversidade e com individualidade. Cada pessoa é única. A desigualdade social, por sua vez, pode ser observada no contraste entre aqueles com melhores condições de vida e aquelas que não tem acesso a necessidades básicas. Essa descompensação prioriza uns em detrimento de outros, ao tirar a dignidade e roubar o direito à educação daqueles menos afortunados. Num país como o nosso, tal pauta é fundamental e deve ser amplamente discutida, assim como políticas públicas que levem à mudança dessa realidade.

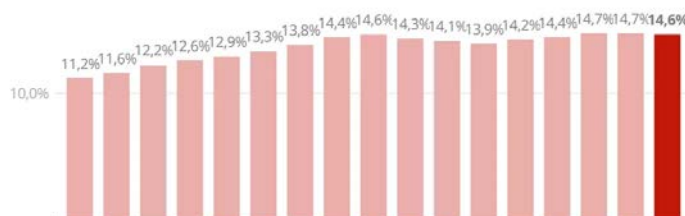
Uma maneira de diminuir a desigualdade no âmbito educacional seria incluir a dimensão pedagógica e política do ato educativo. Ter uma educação pública de qualidade e igualitária deveria ser um dos objetivos principais das lutas sociais. Nesse contexto, o resultado esperado de tais investimentos é o desenvolvimento do país e a sua transformação, conseqüentemente o aumento da produção tecnológica e a maior equidade na distribuição das riquezas.

Alguns dos problemas enfrentados pelas crianças e adolescentes que estudam nas escolas públicas durante a isolamento ocasionado pela COVID-19 foi falta de acesso à internet, assim como a ausência de computadores ou tablets disponíveis para acompanhamento das aulas online.

Outra questão que assola o povo brasileiro no que diz respeito à desigualdade é o desemprego, o qual afeta o povo brasileiro há anos e foi intensificado após a pandemia. Segundo a FGV, o desemprego é o maior fator para a desigualdade social, já que pessoas não empregadas retrocedem economicamente e se excluem da sociedade por falta de acesso a serviços básicos. Nesse contexto, o desemprego e a desigualdade social são expoentes que são agravados e afetados um pelo outro. Além disso, tal desequilíbrio é um fator que contribui para o desemprego, já que a população não inserida na sociedade não possui acesso às competências e oportunidades existentes. Então, podemos concluir que esses dois aspectos são correlatos tanto econômica quanto socialmente, representando problemáticas contra as quais lutamos nossa constantemente em nossa sociedade.

Evolução da taxa de desemprego

Índice no trimestre



Ter uma educação pública de qualidade e igualitária deveria ser um dos objetivos principais das lutas políticas. Um dos principais resultados que se espera dos investimentos em educação é o desenvolvimento do país e a sua transformação, incluindo o aumento da produção e maior equidade na distribuição das riquezas.

Focando na questão do abandono escolar, o levantamento divulgado esse ano, apontou que cerca de 623.187 estudantes das redes municipal e estadual do país abandonaram a escola. Deste total, 329.058 se declararam pretos, pardos e indígenas. Os maiores índices de abandono foram registrados nas regiões Norte e Nordeste. A desigualdade educacional entre estudantes de diferentes estados também deve aumentar com o fechamento das escolas, de acordo com os autores da pesquisa, em decorrência das diferenças no acesso à internet e no recebimento de atividades escolares entre os estados brasileiros. Conclui-se que, a desigualdade social não influencia apenas na classe social que a pessoa se encontra, mas sim em vários aspectos da vida diária delas como o modo que elas serão vistas pelo governo, a saúde delas e a qualidade da educação que vão receber. Por isso, a conscientização de que a desigualdade é um problema e não uma consequência do mundo capitalista é tão importante. Com isso, trabalhar a empatia e ajudar a melhorar um pouco a vida dessas pessoas é vultoso. Outra solução é eleger um bom governo, já que a maneira que essas pessoas serão enxergadas e tratadas dependerá muito de políticas públicas ativas. No entanto, o papel dos governantes é fundamental, com uma gestão que prioriza a educação, a qualificação profissional aumentaria, além de ocorrer uma diminuição da evasão escolar.

A POLARIZAÇÃO POLÍTICA E A VIOLÊNCIA ENTRE MOVIMENTOS

Por conta da polarização política, a violência entre movimentos está crescendo cada vez mais no Brasil. Os inúmeros conflitos políticos estão prejudicando progressivamente nosso país.

A polarização política ocorre quando grupos optam por cometer crimes e ataques violentos, em vez de procurar um diálogo sério, responsável e construtivo, ou seja, é o conflito da sociedade entre partidos políticos. No entanto, esse termo tem sido aproveitado de forma desfavorável: centralização política é como denominamos a disputa entre dois grupos que se fecham em seus princípios, resultando-se na incapacidade de ambos os lados criarem argumentos convincentes e conciliarem assuntos de interesses comuns. Contudo, o ser humano se transformou ao longo do tempo, com um objetivo nítido, embora inconsciente: adequar-se às condições e ao ambiente para a sobrevivência e transmitir seus genes aos descendentes.



https://conteudo.imguol.com.br/c/noticias/aa/2015/10/30/discussao-deputados-discutem-briga-debate-1446216749214_300x200.jpg

É possível dizer que nosso cérebro foi intencionado para encontrar e adaptar-se a um grupo, tornando-o parte de nossa identidade, permanecendo fielmente no agrupamento, porém, muitos ultrapassam os limites em relação a isso, acentuando cada vez mais conflitos entre partidos políticos. Deste modo, é considerável que, em tempos passados, era coerente sentir alegria ao agir desta forma, enquanto se opor a turma na qual estamos a favor e nos identificamos, seria desconfortável, apelando uma questão de vida ou morte. Logo, sobreviver consistia em ser leal ao time e proceder adversários, todavia, atualmente, essa tática gera consequências negativas, como mencionada acima, a violência.

Enquanto nossas mentes ainda mantêm os instintos utilizados antigamente pelos seres humanos para sobreviver nos tempos antigos, não compreendendo

que o mundo vivido hoje é completamente diferente. Ao longo do tempo, diversos fatores foram aperfeiçoados na humanidade, dentre eles, foi a democracia. Através da democratização do governo, foi declarado que disputas não seriam resolvidas com base na violência, mas, por debates de ideias e propostas a fim de melhorar a vida da população, a base do voto, em que o eleitor vota em quem acredita governar melhor o país, fazendo com que o poder seja concedido de forma justa. Portanto, a democracia requer diálogo, tolerância e respeito às regras comuns, entretanto com o excesso da polarização política, essas condições são comprometidas, pois, em um ambiente no qual existem dois lados com extrema inimizade, tende-se a escolha de atitudes mais hostis ao invés do diálogo.

Dessa forma, é perceptível o modo de como a polarização danifica a sociedade e seus moradores, em muitos casos, uma opinião formada importa mais do que fatos ligados a alguém, assim, a opinião política não formada de um cidadão possui um pequeno poder capaz de mudar a visão de um indivíduo sobre outro, sendo tratado de maneira indiferente. Uma sociedade polarizada, sem diálogo e tolerância, potencializa ações como a supracitada, pois, infelizmente, faz parte da natureza do homem, a valorização das informações que concordem consigo se comparadas com as opiniões contrárias. Com isso, conseguimos entender o porquê das Fake News se espalharem com tamanha facilidade e velocidade: tira-se proveito da nossa inocência e do fato de acreditarmos em notícias que correspondem as nossas crenças pessoais.

A pesquisa divulgada no final de junho deste ano chama-se "Culture Wars Around The World: How Countries Perceive Divisions" (algo como: "Guerras culturais pelo mundo: como os países percebem divisões"). Por meio de uma plataforma online, o estudo coletou respostas de 23.004 pessoas entre 16 e 74 anos que vivem em 28 países diferentes. Segundo os resultados, existe maior tensão entre os seguintes setores da sociedade: pessoas de diferentes classes sociais

(ricos e pobres, por exemplo) e entre aqueles que têm ideias políticas diferentes.

A título de curiosidade, as relações com menor percepção de polarização são entre pessoas com e sem diploma universitário (47%), jovens e velhos (46%) e aqueles que vivem dentro e fora das grandes cidades (42%). A cada dez brasileiros, oito (79%) percebem a sociedade muito dividida a respeito de assuntos políticos e sete (73%) acreditam que pessoas com opiniões diferentes não conseguem ter um diálogo construtivo – sendo que mais da metade (51%) admite desistir de conversar sobre política em algumas situações. A polarização, no entanto, vem de uma "minoria barulhenta", já que somente cerca de um terço da população (31%) se identifica fortemente com um dos "lados" e defende com intensidade suas ideias. Esses são alguns dos dados levantados pela pesquisa Polarização Política no Brasil, realizada pelo Instituto Locomotiva em parceria com o projeto Despolarize e a Fundação Tide Setubal.

Uma parcela considerável dos formadores de opinião, dos comentaristas políticos e do famoso mercado tenta desesperadamente encontrar uma saída para a tão proclamada polarização política brasileira. Uma das expectativas, até agora frustrada, é a consolidação da chamada "terceira via", uma candidatura que tomara corações e mentes do bloco antipetista, criando uma alternativa (mais domesticada) ao nome de Bolsonaro. Levantamento da empresa Ipsos mostra que a polarização política no Brasil supera a média de 28 países e é "o principal catalisador de tensão" na percepção dos brasileiros. Segundo a pesquisa, 83% da população diz acreditar que há muito conflito entre apoiadores de diferentes partidos. A média global é de 69%.

O estudo mostra ainda que o 2º maior índice de tensão percebida pelos brasileiros é entre ricos e pobres (79%). Na 3ª posição, figura a tensão entre diferentes classes sociais, com 77%. Na avaliação do Ipsos, metade dos entrevistados (47%) acredita que o Brasil é dividido por "guerras culturais" ou conflitos de ideias. Globalmente, apenas 35% estão de acordo com a afirmação. O único grupo em que as respostas dos brasileiros ficaram abaixo do posicionamento global se refere à tensão entre imigrantes e pessoas nascidas no próprio país. Os brasileiros que notam tensão com relação a grupos étnicos somam 51% e no mundo são 66%.

Nesse contexto, vale ressaltar a relação entre polarização, manifestações e violência na política. Os principais motivos das manifestações são a fome, a desigualdade ou opressão. No Brasil atual, esses protestos têm sido encabeçados pelos principais afetados: negros, indígenas, mulheres, membros da comunidade LGBTQIA+, jovens, estudantes, trabalhadores, entre outros.

No entanto, em uma sociedade com governos polarizados atos de ódio e desrespeito são mais valorizados que diálogos e debates, o que culmina numa realidade de violência, na qual ataques agressivos destinados a prejudicar seus oponentes são comuns.

Por conta de desentendimentos e animosidades, acabam surgindo situações cotidianas por meio de Fake News nas redes sociais ou da convivência em ambientes de trabalho, escola ou lazer. Como ocorreu após as manifestações de 2013, quando o impeachment do governo Dilma, com a crise econômica e as denúncias de corrupção, se fundiram em atos de violência ou crimes aos que possuíam pensamentos distintos deles. Nesse sentido, a polarização política no Brasil, geralmente, tem sua forma concreta nos conflitos e embates diretos que ocorrem em manifestações movimentos de esquerda contra os de direita.

Certamente, a polarização política tornou-se parte do cotidiano das pessoas que vivem juntas em um ambiente de crescente conflito. Este fato é confirmado em notícias televisivas, em mídias de acesso audiovisual ou em redes sociais como: Facebook, Instagram, WhatsApp e Youtube, através dos contínuos ataques ofensivos, insultos, difamação, discurso de ódio, entre outros.



E é neste momento que podemos observar a polarização e a desinformação atingir seu pico: quando nenhum dos lados consegue desenvolver argumentos conclusivos e apresentar soluções que atendam às necessidades do coletivo. Dessa forma, conclusões são tiradas para demonstrar a falta de um discurso positivo, coerente e coeso no comportamento político entre os dois lados políticos.

Recentemente, aconteceram as eleições de 2022, nas quais cada um dos candidatos faz sua propaganda eleitoral. Em meio à esta ocasião, muitas pessoas foram às ruas para panfletar, o que é um risco, pois com a polarização política a violência é eminente. Um caso memorável foi o da mulher grávida que, no dia 27 de setembro de 2022, em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, sofreu graves ferimentos após ser atacada por homens gritando "é guerra" e "tropa do capitão". Tal violência aconteceu em uma comemoração do aniversário da cidade, na qual grupos de diferentes partidos estavam fazendo panfletagem. A mulher grávida representava Dimas Gadelha, candidato a deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT), quando sofreu agressão.

Outrossim, é viável classificar este ocorrido como um episódio de violência política. Decerto, isso pode acontecer aberta ou encobertamente para desempenhar um fim específico.

Com isso, a violência política é utilizada para delegar poderes para legitimar, prejudicar, conquistar e manter interesses e vantagens, ou infringir direitos para fins políticos. Desta forma, afetará a própria democracia. Tal definição consta no Relatório Violência Política e Eleitoral no Brasil. De acordo com a publicação Terra de Direitos e Justiça Global, essa criminalidade pode se manifestar por meio de instabilidade física, simbólica ou psicológica. Tais violências podem depender da escolha de ações individuais ou coletivas de forma isolada, fragmentada ou sistemática. Conseqüentemente, elas levam ao fortalecimento das barreiras que excluem grupos marginalizados, como mulheres, membros da comunidade LGBTQIA+, povos indígenas, africanos, quilombolas e trabalhadores, principalmente os de menor renda.



Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

VIOLÊNCIA POLÍTICA

Outrossim, é viável caracterizar este ocorrido como parte da violência política. Decerto, isso pode acontecer aberta ou encobertamente para desempenhar um fim específico. Com isso, a violência política é utilizada para delegar poderes e para legitimar, prejudicar, conquistar e manter interesses e vantagens, ou infringir direitos para fins políticos. Desta forma, a violência afeta a própria democracia. Tal definição consta no Relatório Violência Política e Eleitoral no Brasil. De acordo com a publicação Terra de Direitos e Justiça Global, essa criminalidade pode se manifestar por meio de instabilidade física, simbólica ou psicológica. Como consequência, estas podem depender da escolha de ações individuais ou coletivas de forma isolada, fragmentada ou sistemática. Consequentemente, essa violência leva ao fortalecimento das barreiras que excluem grupos marginalizados no passado. Isso vale para mulheres, membros da comunidade LGBTQIA+, povos indígenas, africanos, quilombolas e trabalhadores (principalmente os de menor renda). O relatório da Missão de Observação Eleitoral da Organização dos Estados Americanos (OEA) indica que, nas eleições de 2020, aconteceu um crescimento de crimes violentos contra candidatos(as) e pré-candidatos(as). De acordo com informações de diversas instituições públicas, entre os meses de janeiro e novembro deste ano, 99 casos de tentativa ou homicídios consumados, além de 253 ameaças e danos físicos, foram registrados. Também houve um aumento do discurso ofensivo e discriminatório nas campanhas eleitorais, principalmente devido à violência física e digital, incluindo o uso de falsas notícias para atacar e incitar o ódio. Segundo a Missão, há um ambiente de pavor e intimidação que limita a evolução do eleitorado e dos(as) candidatos(as) políticos. A ascensão da violência por motivos políticos e eleitorais atingiu graus significativos em 2022.

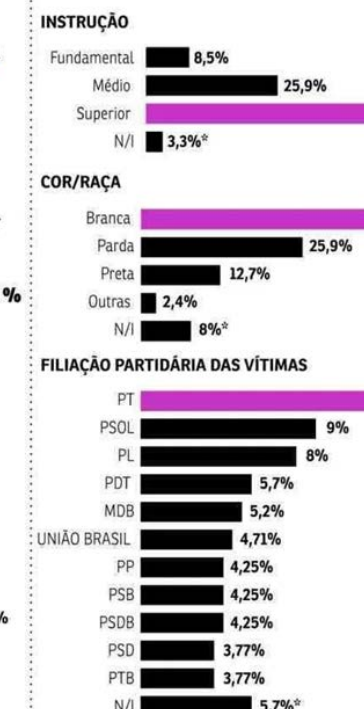
Números da intolerância

Casos de violência contra lideranças políticas/mês



Com um assassinato a cada cinco dias, a ocorrência de casos como esse cresceu aproximadamente 400% em relação ao mesmo período de 2018, nas últimas eleições presidenciais, nas quais Jair Bolsonaro (PL) foi eleito. De acordo com os dados recolhidos pelas entidades este ano aconteceram 523 ocorrências de violência envolvendo 482 vítimas. Desse total, 54 foram por homicídio, outros 203 por agressão, 151 por ameaça e 104 por ofensas, além de seis crimes e cinco contravenções.

De acordo com os dados obtidos durante o levantamento em 2018 um indivíduo era vítima de violência política a cada 8 dias. As ocasiões de intolerância ampliaram em 2019, com a média aumentando para uma vez a cada dois dias e atingindo o nível de um episódio a cada 26 horas na série mais recente. O estudo também ilustrou como as tensões no conflito pré-eleitoral polarizado entre Jair Bolsonaro e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) intensificaram os níveis de intolerância. Entre agosto e novembro, início do primeiro turno da eleição de 2022 e fim do segundo turno, o Brasil registrou por volta de 175 ocorrências, uma média perto de dois casos por dia. Na sequência histórica produzida entre 1º de setembro de 2018 e 31 de julho de 2022, época anterior ao tempo de estudo mais atual, foram registrados mais de 850 casos desse tipo de violência.



A ascensão da violência por motivos políticos e eleitorais atingiu graus significativos em 2022. Com um assassinato a cada cinco dias, a ocorrência de casos como esses cresceu aproximadamente 400% em relação ao mesmo período de 2018.

"Essa tática da violência pode ter um reflexo perverso na garantia da democracia. Esse clima de ódio e medo tem um impacto profundo em como as candidaturas realizam suas campanhas e dialogam com a população", disse Gisele Barbieri, coordenadora de incidência política da Terra de Direitos. Segundo Giselle, é preciso quantificar quais os impactos desses acontecimentos na candidatura de membros de minorias sociais, como mulheres negras, pessoas trans e LGBTQIA+.



MÍDIA AUXILIA NA DIFUSÃO DE ESTEREÓTIPOS

Com o avanço de tecnologias, a população mundial está cada vez mais afetada por esses estereótipos

Todos os estereótipos têm ganhado força nas últimas décadas e, com o aumento exponencial do uso da mídia, criam-se cada vez mais arquétipos, já que nas redes sociais os estereótipos são muito populares e constantemente veiculados. Alguns dos rótulos mais impostos na sociedade são os relacionados ao gênero, raça e sexualidade. Tais estereótipos ditam o que é "certo" ou "errado" e acarretam várias nomeações e definições desagradáveis. Uma grande culpada desses estereótipos serem tão presentes na nossa realidade, é a mídia.

Primeiramente, tais rótulos, dos mais diversos tipos e formas, vêm de um grupo dominante e são uma forma de imposição sobre grupos hostilizados da nossa sociedade: de homens para mulheres, de héteros para LGBTs+, de brancos para negros, etc. Nesse contexto, as redes sociais, por sua vez, funcionam como um canal de propagação desses preconceitos. Com isso, a luta contra esses estereótipos fica cada vez mais complicada dado que o controle de informações que chegam aos internautas, está nas mãos dos grupos dominantes, que manipulam a realidade, apresentando apenas um irrefletido ponto de vista. Assim, se os grupos dominantes quiserem que preconceitos e visões erradas sobre os hostilizados sejam divulgadas, ela serão, uma vez que eles detêm o controle sobre tal canal de propagação de informação. Infelizmente, pouco vai adiantar o 'grupo mais frágil' tentar quebrar isso, pois esse geralmente não tem visibilidade o suficiente para tal. Não necessariamente esses grupos possuem um controle direto sobre a mídia, mas por historicamente serem poderosos, eles facilmente se adaptam de acordo com as novas estruturas de sociedade que vão surgindo. Assim, é perpetuada na nossa sociedade uma lógica de preconceito e intolerância num eterno e angustiante ciclo vicioso.

No entanto, como a mídia propaga tais padrões e estereótipos? Com o avanço na tecnologia, as pessoas têm cada vez mais acesso à internet e é nesse campo que é divulgado o preconceito. Em qualquer pesquisa corriqueira é fácil encontrar muitos vídeos, fotos e propagandas de grupos sendo altamente estereotipados e hostilizados.

Um exemplo bem comum são as propagandas de brinquedos para as crianças. Na infância, quando uma empresa divulgava a venda de barbies, bonecas, brinquedos de casinha, as crianças que apareciam usando aqueles objetos, eram meninas, já os que brincavam com carrinhos, bolas de futebol, nerfs eram os meninos. Com isso, um estereótipo de gênero é alimentado, e quanto mais a criança cresce, mais profundamente esse estereótipo afeta sua vida. Além disso, existem uma série de vídeos em redes sociais que são racistas, xenofóbicas e LGBTfóbicas. A mídia tem culpa nisso quando prefere ignorar e/ou divulgar a existência desses vídeos, fotos e comerciais, do que tentar evitá-los ou torná-los menos ruins na luta contra o preconceito.

De tanto a mídia propagar essas visões erradas sobre grupos sociais, o inconsciente coletivo é afetado. Contudo, os efeitos disso são sutis e acontecem de diferentes formas de acordo com o tipo de estereótipo. Um dos mais graves, por exemplo, é o de gênero, que é tão forte que acaba afetando não só a vida de uma criança, que cresce incentivada a seguir um caminho de vida ultrapassado, mas também propiciam outros tipos de preconceito. Isso se deve ao fato de que antigamente as mulheres eram apenas vistas como dona de casas que estão ali para lavar a louça e servir seu marido, enquanto os homens têm que ir trabalhar, mexer com carros e sustentar sua esposa e filhos. Se qualquer uma dessas figuras citadas fugir ao padrão, eles serão marginalizados pela sociedade. As pessoas foram ficando acostumadas a seguir esse padrão de vida, e aos poucos, a mídia, com a ideia de poder do grupo dominante, também foi se alimentando disso. Como já citado anteriormente, as propagandas destinadas a meninos e as meninas eram diferentes, de forma que eles se acostumassem a seguir esse poder do grupo dominante, nesse caso, o machismo. Se uma menina crescer brincando de lavar louça, varrer casa e cuidar de boneca, ao chegar na vida adulta, ela não verá problema na situação, já que não foi lhe dado informação o suficiente quando criança para saber que ela poderia viver diferente, e o mesmo se aplica a meninos.

Além do mais, o estereótipo de gênero também afeta a vida de uma minoria que atualmente vem conseguindo quebrar diversas barreiras: os LGBTQIA+. Esse é um dos grupos mais marginalizados do mundo e isso ocorre de diversas maneiras. O preconceito de gênero os afeta a partir do momento em que uma menina não gosta de usar rosa e brincar de casinha, e um menino não gosta de brincar de carrinho, por exemplo. Essas crianças ouvem, desde muito cedo piadinhas homofóbicas e não são aceitas por sua família, além de terem menos lugar no mercado de trabalho, justamente por esse preconceito constantemente reforçado em filmes, séries, com chacotas, personagens que são gays, mas nada além disso na série e uma constante desnaturalização dessas vivências não heterossexuais. Felizmente, nos dias atuais, estamos conseguindo cada vez mais quebrar esses padrões de como cada sexo deve agir, vestir, usar, namorar, viver. E tudo isso se remete novamente ao grupo dominante exercendo seu privilégio sobre outro grupo.

Outro grupo de pessoas que é afetado por essa difusão de estereótipos da mídia são as pessoas negras, porém esse tipo de preconceito é bem mais profundo, dado que vai além de estereótipos em filmes e séries, e vem de um racismo estrutural, construído ao longo de muitas décadas. Foram trezentos anos de escravidão que os negros enfrentaram e, ainda hoje, a sociedade é relutante em efetivamente incluir e se retratar com o grupo. Além disso, algumas ressonâncias desse racismo ainda são muito presentes nos veículos de comunicação, essa realidade se ilustra por exemplo pela representação dos negros como empregados na televisão, como a personagem Tia Nastácia em "Sítio do Picapau Amarelo", ou na ausência de personagens negros com um papel relevante em filmes. Além disso, a mídia tem grande influência no combate desse preconceito dado que, muitas vezes, ela mostra somente a realidade da minoria de vidas negras do mundo. A mídia faz um recorte da realidade da população negra, apresentando apenas os momentos em que essa está vivendo decentemente. Assim, são compartilhadas pesquisas e reportagens muitas vezes mentirosas, que manipulam a realidade de acordo com o que ela quer que o público tenha como visão da realidade. Tal comportamento leva a um ciclo vicioso de enganação difícil de ser quebrado.



Crô, personagem do filme "Crô", sendo altamente estereotipado



Ausência de negros na televisão. Coletivo VaidePé

Por fim, o principal meio de propagação dos estereótipos era a televisão. Quando o veículo surgiu, as pessoas passaram a ter um novo meio de entretenimento que fez muito sucesso. Contudo, foi em uma época em que o ideário que constituía o que era certo e errado era muito diferente do atual. Por isso, lutamos tanto contra esses estereótipos, porque foram eles que contribuíram para essa mudança na moral. A Tia Nastácia só é negra por conta que na época que o programa foi criado, era comum negros serem empregados de branco, mas com o passar dos anos isso foi mudando, mas o personagem, não. Hoje em dia, como tudo está novo, as emissoras de TV não são mais a grande fonte de entretenimento mundial e é por isso que alguns grupos estão começando a quebrar com todo esse preconceito.

Com a nova era de redes sociais, militantes e influenciadores têm conseguido mostrar como é importante que esses estereótipos deixem de existir, já que eles limitam muito a existência de várias pessoas, as impedindo de viver decentemente. Essa nova era já é tão influenciada pela Internet que conseguiu gerar uma nova lei nos Estados Unidos, que torna obrigatório que negros e LGBTQIA+ tenham um papel de destaque obrigatório em todas as obras produzidas. Isso é ótimo, pois propõe uma representatividade enorme para esses grupos e auxilia com certeza na luta contra padrões criados pela mídia por todos esses anos.



A IMIGRAÇÃO NO BRASIL

Sabemos que o Brasil é internacionalmente reconhecido pela sua vasta cultura, isso vem principalmente da influência de imigrantes de todos os lugares do mundo. Desde 1530, o Brasil já recebia imigrantes e ao longo dos séculos isso se manteve. Porém, os imigrantes que vieram durante o período colonial e os que vem até os dias atuais não são os mesmos, e o impacto que eles têm e tiveram no país não é o mesmo. É sobre isso que falaremos hoje!

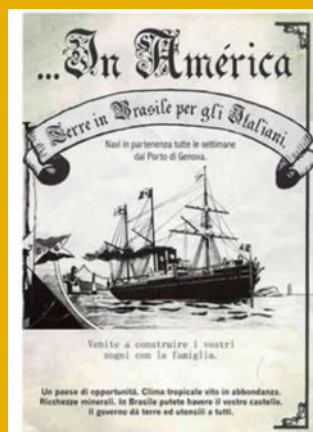
Italianos: Com o surgimento da lei Eusébio de Queiróz em 1850, o tráfico negreiro foi proibido de vez no Brasil, isso trouxe a falta de mão de obra nos grandes engenhos. Como consequência óbvia, os donos das fazendas foram obrigados a buscar novos trabalhadores. Com isso, a procura por operários fora do Brasil cresceu muito e para atrair essa nova mão de obra foram feitas propagandas darwinistas.

Assim, muitos italianos vieram para o país com a falsa esperança de ter uma boa qualidade de vida e moradia, que foram prometidas pelos donos de engenho brasileiros, e com isso, se integraram na sociedade como trabalhadores. Com a chegada desses imigrantes, houve uma grande melhora nos engenhos e fazendas, e como consequência, o sistema de parceria imigrante encantou os outros países. Além do interesse na mão de obra, as autoridades brasileiras tinham como objetivo o branqueamento da população, plano baseado em ideias darwinistas sociais, que se espalhava rapidamente por todo o globo. Como a Itália havia acabado de passar por uma guerra para sua unificação, a economia se encontrava em um estado frágil e sua taxa de crescimento demográfico, juntamente ao desemprego, crescia em níveis jamais vistos nos anos anteriores. Como consequência disso, os italianos iludidos, embarcavam já endividados em um navio que possuía o Brasil como destino. A cada mil imigrantes que chegavam no país cinquenta e sete eram italianos, indo principalmente para São Paulo e para o Rio Grande do Sul.

Alemães: A imigração alemã constitui em três fases. A primeira delas ocorreu em meados de 1820, muito semelhante com a dos italianos, porém, sem a ter uma relação direta com a questão da abolição da escravidão. No entanto, o número de alemães que vieram ao Brasil não foi muito significativo. Nessa etapa da imigração, os recém-chegados se estabeleceram no sul do país, principalmente em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, local onde criaram-se as primeiras comunidades alemãs em território brasileiro.

A segunda fase desse processo ocorreu na região Sudeste e Sul, em que no Espírito Santo famílias alemãs receberam a proposta para parcerias de plantação de café e criaram assim, a colônia de Santa Isabel. A chegada deles gerou debates políticos a respeito das religiões, isso porque na época a divergência religiosa não era bem aceita e o Brasil, que era católico, não poderia permitir a entrada de muitos luteranos. Mas acabou que, para os alemães, não aconteceram grandes complicações e assim, eles mantiveram-se presentes aqui. Em Santa Catarina eles chegaram através de iniciativas privadas, e lá se estabeleceram e fundaram comunidades grandes de imigrantes, em sua maioria alemães, além de austríacos e italianos. A terceira fase veio com o fim da Primeira Guerra Mundial, na ocasião, a Alemanha passou por uma situação socioeconômica deplorável.

Foi com a inflação extremamente alta, muita miséria e desemprego que assolava a Europa dos anos 20 que a maior parte de alemães vieram ao Brasil. Entretanto, diferentemente dos Italianos, eles não chegaram para trabalhos rurais, mas sim para os centros urbanos, se estabelecendo principalmente em São Paulo, onde eram operários, artífices e até mesmo professores e políticos.



*Na América
Terra no Brasil para os
italianos.
Barcos partindo a cada
semana do porto de Gênova.*

*Venha e construa seus
sonhos com sua família.*

**Uma terra de
oportunidades. Uma vida
de abundância em um
clima tropical. No Brasil
você pode ter seu próprio
castelo. Terra do governo e
ferramentas para todos.**



Santa Isabel (direitos não encontrados)

Japoneses: A imigração japonesa para o Brasil ocorreu em meados dos anos 1900, quando existia o interesse de ambos os países nesse processo migratório. Por parte do Brasil, o motivo era a necessidade de mão de obra, já para o país asiático, o interesse era o de aliviar a tensão social ocasionada por seu alto índice demográfico. Os dois governos então chegaram a um acordo e levaram adiante esse processo.

Os japoneses chegaram ao Brasil nas regiões de São Paulo e Paraná para trabalhar nas lavouras de café. Eles eram distribuídos nas fazendas e trabalhavam para seus patrões. Os primeiros japoneses proprietários de terras vieram em 1911, nessas terras, os estrangeiros fizeram o primeiro cultivo efetivo de algodão no Brasil. A chegada de imigrantes do Japão não parava, portanto, o governo admitiu que não mais subsidiaria o pagamento de passagens da ilha asiática ao Brasil. Neste momento, a população deles em território brasileiro estava em torno de dez mil pessoas.

No período da Segunda Guerra Mundial, a tensão da população japonesa era grande, isso porque Japão e Brasil estavam em diferentes lados do conflito. Com essa situação, o governo propôs medidas de fechamento das escolas tanto alemãs como japonesas e até tomou bens dessas etnias que residiam no território brasileiro.

Apesar desses conflitos, três anos após a fim da guerra, o vereador de São Paulo vinha a ser Yukishige Tamura, tornando-se o primeiro Nipo-Brasileiro a ter um cargo político eletivo em uma capital. A partir daí, os japoneses continuaram a vir, em menor quantidade, ao nosso país e cresceram cada vez mais sua comunidade, integrando sua cultura com a nossa.



Bairro Da liberdade, São Paulo, SP (direitos não encontrados)

IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL ATUALMENTE

Venezuela: A Venezuela sempre foi um país rico em petróleo, porém, a má gestão do atual governo socialista, comandado por Nicolás Maduro, não foi capaz de fazer bom proveito do recurso natural. Por conta das autoridades do país, a população sofre com inflações de aumento de 50% ao mês, e como resultado, os habitantes perderam as condições de poder consumir ao menos carne.

Os mercados estão com prateleiras vazias e o preço do alimento é excessivamente alto. A inflação é tão alta que, para os venezuelanos, vale mais a pena queimar uma pilha de dinheiro para gerar fogo do que comprar lenha ou qualquer outro combustor.

Por esse motivo, as pessoas de lá vem como refugiados para o Brasil em caminhadas até Roraima, estado brasileiro que faz fronteira com a Venezuela. Ao chegarem aqui, eles recebem moradias temporárias e o governo permite a inserção na sociedade, porém, o fluxo desses refugiados está muito alto e pode ficar fora de controle.

Aqui no Brasil, eles precisam achar rapidamente alguma forma de renda para que, quando sua estadia em moradias temporárias se encerrar, eles tenham como sobreviver. Além das dificuldades que nossos vizinhos do norte já enfrentavam no país deles, quando cruzam a fronteira, ainda são alvos de xenofobia.



Soldados Brasileiros em missão de paz no solo haitiano (Foto: UN/MINUSTAH/Jesús Serrano Redondo)

Bolivianos e Haitianos: As causas dos fluxos migratórios desses dois países são diversas. No caso da Bolívia, muitos de seus habitantes buscam uma vida no Brasil por conta da situação socioeconômica ruim de seu país natal. Cerca de setenta e cinco mil bolivianos vivem hoje em São Paulo, local onde buscam empregos e moradia.

O Brasil recebe imigrantes haitianos muito por conta dos desastres naturais que ocorrem lá, como terremotos de grandes magnitudes que chegam a destruir cidades. Essa condição de instabilidade natural acontece por conta de sua localização geográfica, que no caso é justamente no encontro entre duas placas tectônicas, a Placa do Caribe e a Placa Norte Americana. Sem contar que a situação econômica e o desenvolvimento do Haiti não colaboram com a proteção contra os tais fenômenos naturais, por isso eles optam por vir para o Brasil.



ilustração por Cris Kerr

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO: MUITO MAIS DO QUE ROSA PARA MENINAS E AZUL PARA MENINOS

Entenda a real densidade destes estereótipos e as diversas maneiras que eles influenciam no cotidiano.



ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA SAÚDE

Os estereótipos de gênero afetam a maneira como as mulheres, os homens e profissionais enfrentam práticas de (auto)cuidado e problemas relacionados ao bem-estar, fazendo com que discursos sobre prevenção e promoção de saúde não atinjam homens e mulheres de maneira equivalente. Embora a medicina científica moderna tenha evoluído conforme o curso da história, ela foi fundada em uma sociedade extremamente machista, portanto a dominância masculina prevalece em sua fundação, gerando visões e discriminações não criteriosas. Um dos resultados disso é a distorção dos diagnósticos com base no gênero do paciente.

A princípio, tudo se iniciou na Grécia Antiga, berço da medicina como ciência. Na época, as mulheres eram medicamente consideradas defeituosas e deficientes por possuírem anatomias diferentes das dos homens.

Desta forma, somente um órgão de seu corpo interessava a sociedade, o útero, já que a partir dele definiu-se um propósito para o gênero feminino: gerar e criar filhos. Como resultado, por muitos anos diversos setores da saúde da mulher foram invisibilizados e negligenciados, uma vez que o conhecimento sobre a biologia feminina se limitava a sua capacidade de reprodução.

Atualmente, o conhecimento como um todo evoluiu, porém, ainda assim, herdaram-se traços resultantes em problemas de gênero. Como, os mitos médicos sobre papéis de cada sexo, os quais possuem alta influência na sociedade e que impactam negativamente a prevenção, o cuidado, o tratamento e o diagnósticos de todos os pacientes.

Segundo a Doutora Elinor Cleghorn a medicina falha em responder e compreender as dores femininas no curso da história, como afirma em seu livro *"Unwell Women: a Journey through medicine and myth in a man-made world"*.

O Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) caracteriza um estereótipo de gênero como "Uma opinião ou um preconceito generalizado sobre atributos ou características que homens e mulheres possuem ou deveriam possuir ou das funções sociais que ambos desempenham ou deveriam desempenhar". Essas concepções estão inseridas de maneira estrutural em nossa sociedade e podem afetar a mais diversas vertentes da vida humana, nesta reportagem, serão analisadas as consequências de sua influência em diferentes âmbitos. Sendo assim, estas lendas médicas construídas a partir dos estereótipos de gênero potencializam diagnósticos equivocados e a generalização e negligência de sintomas.

Por exemplo, existe uma crença que doenças como o infarto do miocárdio são "doenças masculinas". Conseqüentemente, as doenças cardiovasculares, em geral, são subdiagnosticadas em mulheres, o que pode ser extremamente perigoso, pois elas são as mais vulneráveis. No que se diz respeito aos homens, eles crescem com uma noção que a masculinidade está especialmente relacionada a força, invulnerabilidade e virilidade, levando a reticente procura por serviços de saúde e a falta de prevenção e autocuidado.

De acordo com esta lógica caracterizada por "masculinidade tóxica", entende-se que a procura da ajuda médica é sinônimo de fraqueza, medo e sensibilidade. Como resultado, um em cada cinco homens da região das Américas morre antes dos 50 anos, muitas vezes por doenças somente identificadas em estados mais avançados, como aponta a Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS, 2019)

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA INFÂNCIA

A infância é uma fase muito importante na vida, portanto devemos tomar cuidado com o que escolhemos mostrar para as crianças. Além disso, o estereótipo de gênero na infância é algo que demonstra suas consequências ao longo de toda a vida, criando, por exemplo, pensamentos deturcados que podem gerar preconceitos a longo prazo. Alguns pensamentos como menino usar azul e menina usar rosa, menino jogar bola e menina brincar de boneca, são exemplos das regras sociais impostas que apontam o "errado" e "certo". Dessa maneira, compreende que estereótipos de gênero são um estigma repassado de geração em geração. Ou seja, quando a criança nasce, ela já é bombardeada com diversas informações através da generalização dos brinquedos femininos e masculinos. Certamente, a importância de não repassar esses pensamentos pré-concebidos à frente é fundamental, pois ajuda a prevenir uma sociedade tóxica. A própria BBC News Brasil, exemplifica uma situação em sua pesquisa "Como brinquedos podem criar estereótipos de gênero, no cérebro da própria criança", quando uma mãe ao perguntar a sua filha se ela gostaria de jogar futebol e surpreendida pela resposta "Jogar bola é coisa de menino".



Fonte: Comercial da Hasbro ("Todos podemos cuidar, Baby Alive")

Na foto acima, podemos ver os estereótipos de gênero masculino na infância sendo quebrado uma vez que um menino usa camisa rosa e, ao mesmo tempo, brinca de boneca, sendo estes estereótipos de menina na infância.

DRA. ELINOR CLEGHORN



Dra. Elinor Cleghorn é uma historiadora cultural feminista que trabalha como escritora e pesquisadora.

Em junho de 2021, ela publicou o livro "Mulheres doentes: uma viagem através da medicina e do mito em um mundo feito pelo homem", com a editora Weidenfeld & Nicolson. Na obra, a autora analisa a aura de desconfiança em torno das mulheres e suas dores, concluindo que a saúde das mulheres tem sido constantemente mal compreendida e interpretada ao longo da história, o que só leva a mais mulheres doentes. No fim do livro, Cleghorn conta o seu relato pessoal, uma vez que sofre de lúpus, doença autoimune, que afeta predominantemente mulheres. Por muitos anos sofreu dores que foram descartadas como "apenas seus hormônios", tais dores eventualmente evoluíram para problemas cardíacos que a levaram ao pronto-socorro, de onde ela foi mandada para casa com ibuprofeno. Foram necessários sete anos para que ela recebesse um diagnóstico e tratamento adequado, "Comecei a acreditar que devia estar inventando, que a dor estava toda na minha cabeça", revela a autora, exemplificando dores que muitas mulheres sofrem.

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO

Fonte: retirado do site UBES



Já os garotos, quando fogem dos ideais da sociedade do que é ser um homem, são ridicularizados e inferiorizados, o que, na fase da adolescência, pode acarretar diversas consequências psicológicas como ansiedade e depressão. Ademais, esta faixa etária é marcada pela iminente escolha vocacional, uma das escolhas mais importantes ao longo da vida, e indubitavelmente estereótipos de gênero podem ter um papel avançador no processo desta decisão.

Isto é, quando um aluno/a desiste de se aprofundar em um assunto de seu interesse por conta de uma preconceção social de que tal tópico é relacionado a um gênero específico. Como uma consequência, vemos, por exemplo, que o desempenho feminino em matemática é inferior ao masculino no Brasil, como revela Estudo do Núcleo de Pesquisa em Desigualdades Escolares da Universidade Federal de Minas Gerais (Nupede/UFMG), divulgado em 2016.

Em virtude da maior associação de cursos de exatas com o sexo masculino, o que gera baixas expectativas em relação ao desempenho das meninas na matéria. Não só isso como também levanta inseguranças e ansiedade ao redor do tópico, uma vez que não enxergam oportunidades profissionais para mulheres nestes cursos. Os estereótipos de gênero, por estarem instituídos em nossa sociedade de maneira estrutural, influenciam nos mais diversos estágios da vida humana, incluindo o período do ensino médio e da faculdade.

Este período de ensino superior é um momento crucial, porém turbulento, no desenvolvimento humano. Nele devemos balancear aprendizados acadêmicos, a autodescoberta e a formação de identidade, muito relacionada com o conceito de gênero.

Portanto, receber informações e percepções de gênero estereotipadas pode afetar de maneira permanente a sua vida educacional, social, profissional e familiar. Segundo pesquisadores, a forma como os papéis de cada sexo é caracterizada; as meninas sendo dotadas como frágeis e sensíveis e meninos, como fortes e independentes, além de ser um pensamento equivocado, possui um impacto direto na vida das pessoas. Como efeito dessa constante estipulação que mulheres são vulneráveis e fracas, uma parte de seu cérebro as convence a acreditar nisso, consequentemente a deixando-as mais predispostas a abandonarem a escola ou sofrerem violência física e sexual.

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NO TRABALHO



Fonte: retirado do site El país

Próximo a este conceito, está a questão da discriminação de gênero no mercado de trabalho, da qual as mulheres são as grandes vítimas desses acontecimentos.

Inegavelmente, existem diversos relatos de mulheres que exercem a mesma função que um homem, mas recebem salários mais baixos.

Embora, o pensamento do estereótipo de gênero no mercado trabalhista ser algo muito mais profundo do que apenas a diferença salarial. Ao passo que esse pensamento parte da ideia antiga sobre a relação entre mulher e trabalho, que se baseava (antes do século XVIII) somente ao âmbito de casa. Ou seja, durante muitos anos, o lugar de trabalho da mulher era lar, cuidado da família.

No entanto, a situação mudou após a Revolução Industrial, onde empresas começaram a aderir à mão de obra feminina visando uma maior produção, e maior lucro.

Nesse gráfico podemos ter uma demonstração visual dos números da diferença salarial de homens e mulheres.



Fonte: Informe de Pessoal Enap (2018)

Mesmo com a gradual inserção da mulher no mercado de trabalho, o estereótipo da "mulher cuida do lar e da família" perdurou na cabeça de milhares de pessoas.

Tanto é, que mesmo no ano de 2022 ainda vemos muitos resquícios dessa ideia totalmente ultrapassada. Sabendo que as crenças culturais não se modificaram na sociedade, os estigmas como a gravidez e a jornada dupla de trabalho continuam sendo fatores chave para a não-contratação de mulheres. Logo, dados que comprovam um maior a taxa feminina de desemprego começam a fazer sentido. Fora isso, é possível perceber que os números de representatividade feminina em cargos de reconhecimento ainda são baixos.

Em contraste podemos encontrar estereótipos masculinos que também se mostram prejudiciais.

Principalmente na escolha de curso superior (como já foi citado) e na escolha da área de atuação trabalhista, onde homens que escolhem áreas ditadas como "femininas", por exemplo, moda e gastronomia, são vítimas de julgamentos.

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA MÍDIA



Jessica Pearson, mulher negra CEO da Pearson Hardman na série "Suits". Crédito: Ian Watson/USA Network.

A mídia é um dos lugares onde os estereótipos se espalham com maior facilidade. Já que, a rapidez com que uma informação percorre o mundo inteiro pela internet é algo assustador, portanto, uma informação falsa ou incompleta, como a história única de um grupo social, chega rapidamente para qualquer um.

Apesar de termos a visão de que os estereótipos de gênero são coisa do passado, eles ainda existem e seguem sendo potencializados pela mídia. Por mais que as meninas e mulheres sejam as mais afetadas, isso não significa que homens e meninos também não sejam.

Por exemplo, uma piada comum em muitos filmes cômicos é o homem sensível ou chorando. Inegavelmente, ela só apresenta caráter humorístico por associarmos aos papéis de gênero generalizados, os quais somos "acostumados".

No caso das mulheres, o mais comum é vermos mulheres na cozinha, como donas de casa e geralmente com funções profissionais menos prestigiadas.

No entanto, essa problemática vem sendo combatida. Como na série "Suits", na qual quem rege a grande empresa da série é uma mulher negra, que detém muito poder.

Assim sendo, em um sentido amplo, um estereótipo é uma compreensão reduzida de uma pessoa, coisa ou ideia e é muito comum na televisão, no cinema e na publicidade.

Apesar de atender a diversos propósitos, cada qual em acordo com seu contexto, eles ainda persistem. Nesse contexto, homens, mulheres e crianças são encorajados a se comportarem de uma determinada maneira a fim de se adequar às expectativas culturais de seu gênero.

Por fim, esse estereótipo pode causar problemas psicológicos, já que impõem uma forma de ser para as pessoas, de acordo com seus gêneros, quando, na verdade as pessoas devem ser quem são, independentemente de seu gênero.

OS EFEITOS DO RACISMO NA SOCIEDADE



O racismo, a desigualdade e a intolerância racial estão na sociedade brasileira há mais de três séculos, sendo caracterizado pela distinção de uma pessoa ou grupo por associar suas características físicas e étnicas à estigmas, estereótipos e preconceitos. Dessa forma, pode-se dizer que o racismo existiu conosco há séculos atrás, em um tempo indefinido, entretanto, pode-se afirmar que há pontos que mostram o auge do racismo, um exemplo foi na época de colonização das Américas. Nesse contexto, os negros eram capturados e trazidos da África para o Brasil para trabalhar na mineração, na plantação de cana-de-açúcar, café e trabalhos domésticos.



A Lei Áurea é a lei que foi assinada pela princesa Isabel, em 13 de maio de 1888, ela foi responsável pela abolição da escravatura no Brasil, pois foi a última a assinar a lei depois de muitos governantes terem assinado, sendo uma conquista dos negros da época. Com essa lei, o Brasil proibiu definitivamente que negros fossem escravizados no país.

Logo, o pensamento que os afrodescendentes eram inferiores começou a surgir pelas pessoas brancas da alta sociedade. Ainda nos anos de 1888, a Lei Áurea foi colocada em prática. Porém, o racismo ainda é presente na nossa sociedade e, atualmente, tem alta relevância para as pessoas e, infelizmente, os casos vêm aumentando, gerando uma grande preocupação. As vítimas dessas discriminações sofrem com esse problema em diversas áreas, como trabalho, educação, violência e falta de privilégios em geral.

Desde quando racismo se tornou um crime?

Desde 1989 com a Lei Caó 7.716, o racismo se tornou crime inafiançável e imprescritível, com pena de reclusão de até cinco anos. Isso significa que, se alguma pessoa for discriminada ou sofrer algum preconceito, em qualquer ambiente do dia a dia, aquele que cometeu o ato deve ser punido.

Contudo, na maioria das vezes, a lei não consegue resolver o problema do racismo, pois ele vai além da discriminação e do preconceito. Isso vem das formas, nem sempre conscientes e tanto coletivas como individuais, de diminuir os negros e indígenas, e acabar privilegiando os brancos.

Em uma sociedade como a brasileira, o racismo, infelizmente, determina a forma como pensamos. Sendo assim, a cor da pele significa muito mais do que um traço da aparência, ela é associada a capacidades intelectuais, sexuais e físicas. É como se 'ser negro' estivesse associado a qualidades físicas, apenas. Esses problemas vão muito além de imagens silenciosas.

Como podemos acabar com o racismo?

Essa questão dificilmente pode ser resolvida, pode-se dizer que é quase impossível. Ademais, vivemos em uma sociedade onde há muitas classes diferentes, que levam à desigualdade e pensamentos extremamente diferentes.

Dessa forma, muitas pessoas brancas acabam tendo o pensamento que são superiores às negras, como é relatado sempre que há uma briga no dia a dia, onde os negros são xingados por termos ofensivos, que na maioria das vezes tem um cunho racial.



Portanto, o termo “preto” não deveria ser um xingamento, a cor de pele não define quem as pessoas são e se elas são erradas ou não. Vai muito além disso, há muitos brancos envolvidos no mundo do crime, vivendo em mansões de luxo, como há muitos negros que estão no mundo do crime vivendo na favela. Mas devemos ressaltar que, não são todos, muitos são trabalhadores que se esforçam o dia inteiro para sustentar suas famílias. Mas para reduzir o racismo primeiro, precisamos que a população branca reflita, identifique e reconheça seus privilégios.

Um bom começo é olhar para situações corriqueiras, que não deveriam acontecer no dia a dia, em que eles se saíram melhor, como por exemplo:

Durante a disputa por uma vaga de emprego em que as duas pessoas tinham qualificações muito semelhantes, mas o negro foi dispensado.

Em um momento de lazer, como um jantar em um restaurante, em que pessoas brancas são servidas pelas negras.

Uma outra atitude importante é deixar de usar palavras e termos que tiveram origem na discriminação entre brancos e negros, como: "mulato", "dia de branco", "a coisa está preta", entre outras. Por mais que, conscientemente, elas sejam usadas sem uma intenção racista, o fato de ainda estarem em uso mostra o quanto o problema está arraigado em nossos costumes.

Em conjunto, é necessário parar de buscar pessoas negras apenas para tratarem exclusivamente de assuntos raciais, claro, elas são mais do que fundamentais para esse assunto, mas também é bom incluí-las em mais assuntos do cotidiano, deixando-as mais longe a cada dia da invisibilidade social. É fato que pessoas negras, em posição de destaque, em empregos são minoria na sociedade.

Como se vê, existem medidas a serem tomadas em todas as escalas da sociedade: desde atitudes cotidianas, até políticas públicas, que podem ampliar a presença de negros e indígenas em todas as esferas da sociedade. A lei de cotas é um bom exemplo disso.

Será possível acabar com o racismo não somente no Brasil, mas no mundo?

As cotas raciais são ações aplicadas pelo Governo Federal do Brasil para as desigualdades econômicas, educacionais e sociais entre cidadãos de diferentes raças. Esse sistema de cotas é um avanço na luta contra injustiças históricas, fomentadas por sentimentos racistas — algo que envergonha e entristece a sociedade brasileira. Infelizmente, durante muitos anos, cursar o ensino superior era uma oportunidade para poucos. Devido a injustiças sociais, que duraram vários séculos, e que não terminaram com a sanção da lei abolicionista, na verdade uma grande parcela da população brasileira, não branca, apenas sonha com a possibilidade de ingressar em uma faculdade.

Jovens de 18 a 24 anos no ensino superior (%)

Compare a evolução das taxas da população que estava cursando ou já tinha terminado a graduação em 2018, por raça/cor



Fonte: IBGE - Síntese de Indicadores Sociais 2019

Entre os muitos obstáculos que impediam e ainda impedem esse objetivo, estão a falta de acesso à um ensino escolar de qualidade, a renda familiar muito baixa e até mesmo a discriminação racial. Por todos esses motivos, era possível “contar nos dedos” os estudantes negros, pardos e indígenas que conseguiam um diploma de graduação. Esse triste cenário da educação superior no Brasil, começou a ser modificado com a aprovação da lei número 12.711 – conhecida como lei das cotas. Como dito no início do artigo, o objetivo dessa legislação é diminuir a desigualdade educacional entre etnias raciais. Será que a meta foi cumprida?

A resposta é sim! De acordo com a pesquisa "Desigualdade Sociais por Cor ou Raça no Brasil", produzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o índice de alunos negros e pardos que ingressaram no ensino superior foi de 50,3% desde a criação da lei. Essa margem superou a de estudantes brancos. Apesar de, ficar evidente que as cotas raciais visam "abrir as portas" do ensino superior aos negros, pardos e indígenas, o impacto do sistema vai muito além disso. Como assim? É importante lembrar que a educação tem a finalidade de desenvolver o indivíduo, para que ele exerça a sua cidadania.

Quando isso acontece, em uma escala cada vez maior, a nação conta com pessoas atuantes que promovem o bem-estar e o progresso da sociedade. Outro impacto das cotas raciais é a possibilidade de mudança na realidade de gerações futuras. Atualmente, segundo a estatística apresentada em um artigo do site Agência Brasil, a população negra tem o maior número de desempregados do país.

Quando um estudante, por meio desse sistema de cotas, se forma em uma faculdade, a possibilidade de conseguir um bom emprego e progredir na carreira aumenta consideravelmente.

Então, começa uma transformação na vida acadêmica, profissional e pessoal. Com uma condição social mais favorável, o formado pode dar aos seus filhos um futuro melhor, longe da linha de pobreza e de marginalização.

Podemos citar ainda, outro efeito positivo das cotas raciais: o reconhecimento do lugar dos negros, pardos e indígenas na cultura nacional. Dessa forma, esses grupos tornam-se capazes de realizar debates, fazer pesquisas e apontar soluções — ou seja, ter sua "voz" ouvida e respeitada — que ajudam no progresso nacional.

Por fim, as cotas raciais "tocam na raiz" do preconceito ao fomentar o processo de convivência entre as raças no ambiente acadêmico. Por exemplo, os jovens aprendem, desde a sua formação, a importância da pluralidade racial, bem como o respeito às diferenças e ao próximo. De acordo com as regras oficiais da lei das cotas, ao abrir inscrições para o vestibular, 50% das matrículas disponibilizadas por curso ou turno das faculdades federais devem ser reservadas para estudantes menos favorecidos, como negros, pardos e indígenas. Para que tenham acesso a essas vagas, os interessados precisam assinar a "Autodeclaração Étnico-Racial".

Dentro desses 50%, existem aspectos que dividem o número de vagas, como: faixas de renda familiar (menor/maior ou igual a um salário-mínimo) e se o aluno estudou ou não em escola pública. Os outros 50% de matrículas fazem parte da categoria "ampla concorrência".

Em continuação, Obama se tornou o primeiro negro a ser o candidato de um dos dois principais partidos dos EUA. Seu pai era um homem negro nascido no Quênia e sua mãe, uma mulher branca nascida no Kansas. Obama venceu as eleições com pouco menos de 53% dos votos. De acordo com Lewis-Beck, o democrata foi prejudicado pelo racismo.

Ele alega que se não fosse o racismo, Obama teria 5% a mais dos votos.

Além disso, de acordo com o g1, "Em pesquisas qualitativas, ele (Lewis-Beck identificou um padrão de pessoas que tinham a tendência a concordar com frases como "negros são preguiçosos" ou "negros recebem muitos benefícios sociais", ou seja, racistas, que toleravam os resultados ruins da economia sob o Partido Republicano para não punir a sigla. Durante as eleições, os adversários de Obama não faziam ataques abertamente racistas, mas encontravam formas de fazer isso indiretamente. Um político local do estado de Illinois começou a espalhar a mentira de que Obama não havia nascido nos EUA e que seria, na verdade, "um muçulmano que fingia ser cristão."



Outro caso causado pelo racismo, foi o assassinato de George Floyd, por conta do qual muitos negros e brancos foram às ruas protestar. Na ocorrência, alguns policiais, após já terem capturado o suposto "criminoso", George Floyd, apoiaram o joelho em seu pescoço. Floyd pedia ajuda, e reclamava sobre sua respiração, implorando para que não o matassem.

Foi registrado um vídeo do acontecimento e as testemunhas, que estavam presentes, pediam que o policial retirasse o joelho do pescoço do homem negro, além de o alertarem sobre o nariz de George, que estava sangrando. O ex-presidente dos Estados Unidos, se manifestou nas redes sociais e com discursos de inspiração à jovens negros, e de principalmente apoio como:



"Por mais trágicas que as últimas semanas tenham sido, por mais difíceis e assustadoras que tenham sido, este tempo também é uma oportunidade incrível para que pessoas acordem para algumas dessas questões", "Eu quero que saibam que vocês importam, que suas vidas importam e que seus sonhos importam", O ex-presidente também citou antigos protestos contra o racismo nos Estados Unidos e disse que apesar de tudo, o momento poderia ser uma oportunidade para lidar com problemas estruturais no país.

Barack Obama é importante para a sociedade americana apesar de não estar mais na presidência. Seus discursos foram muito importantes para o reconhecimento da população negra do país, além de servirem como exemplo para outros países, como o Brasil. Esse foi apenas um dos casos de morte gerados pelo racismo de muitos ocorridos.



Protesto Black Lives Matter

Já no Brasil há um total de zero pessoas negras no debate presidencial, e quase nenhuma pergunta sobre o racismo.

Várias pessoas comentaram sobre este fato. Em discursos, Lula mencionou escravidão e Simone Tebet citou mulheres negras, mas de acordo com Santana, são menções muito tímidas diante do tamanho do problema a ser enfrentado no país. Todos os dados sociais brasileiros mostram diferenças significativas entre brancos e não brancos, nos quais o desemprego, baixa renda, violência, feminicídio são todos exemplos de problemas que afetam mais gravemente pretos e pardos do que a parcela branca da população. O Brasil enfrenta grandes problemas de discriminação, e principalmente em conflito entre policiais, uma pesquisa feita esse ano mostra que proporções de negros mortos pela polícia (84,1%) e encarcerados (67,5%) são as maiores já registradas; Amapá, Goiás e Rio de Janeiro são os estados com as maiores taxas de mortes pelas polícias em comparação com todas as mortes violentas.

Em 2021, foram 6.145 pessoas mortas, o que representou uma redução de 4,9% em comparação com 2020. O Senado Federal mostra que as estatísticas não deixam dúvidas: o Brasil é, sim, um país racista. As posições subalternas da sociedade são, na maioria, ocupadas por negros e indígenas. Eles são as vítimas preferenciais da erradicação pobreza e da violência. Os brancos, no extremo oposto, dominam o topo da pirâmide social contendo o que chamamos de privilégios. Trata-se de uma realidade que começou a ser construída nos primórdios da colonização europeia, quando foram instituídas a escravidão indígena e a negra. Os indígenas deixariam de ser escravos oficialmente na década de 1750, na Colônia. Os negros, em 1888, no Império. Ambos os grupos conseguiram sair da escravidão, mas não puderam ingressar na cidadania plena. Libertos do cativo, não ganharam terra, trabalho ou educação. Privados historicamente desses instrumentos básicos de ascensão social, os negros e os indígenas até hoje não concorrem em condições de igualdade com os brancos. Isso é o que chamamos de Racismo estrutural, que em pleno 2022 ainda está enraizado de forma exagerada na sociedade brasileira.

PARA ENTENDER O RACISMO ESTRUTURAL

O racismo estrutural é um conjunto de práticas, hábitos, situações e falas presentes no dia a dia da população que promovem, mesmo que sem a intenção, o preconceito racial.

HISTÓRICO

Durante 500 anos, cerca de 5 milhões de africanos foram transportados para o Brasil e vendidos como escravos. E após o fim da escravidão, em 1888, a população negra foi despejada à própria sorte nas periferias e grandes cidades brasileiras. Não houve nenhuma política compensatória pelos trabalhos realizados.

LINHA DO TEMPO

- 1951: Lei Afonso Arinos - Primeira norma contra o racismo
- 1988: Discriminação racial via contravenção penal
- 1989: Lei 7.716 - Define o racismo como preconceito e intolerância, mas a pena de prisão

POPULAÇÃO NEGRA PAULISTA

- 35% da população do Estado de São Paulo se declarou parda ou preta. (Fonte: IBGE, 2021)
- 53% das pessoas na faixa de extrema pobreza inscritas no CadÚnico também se declaram negras ou pardas. (Fonte: CadÚnico, agosto 2020)
- A proporção de pretos e pardos é 12 pontos percentuais maior (61%), entre a população em situação de rua quando comparada com a proporção do total de inscritos no CadÚnico (49%). (Fonte: CadÚnico, agosto 2020)

A SECS NESTA EMPREITADA

Não ser racista exige uma postura firme pela mudança estrutural da sociedade atual. E a Secretaria de Desenvolvimento Social trabalha ativamente no fomento desta discussão, que deve passar pelas políticas públicas.

A Secretaria de Justiça e Cidadania também tem o Conselho de participação e desenvolvimento da Comunidade Negra, que participa de forma ativa de discussões para políticas voltadas para esta população.

COMO FUGIR DO RACISMO ESTRUTURAL?

Acabar com o racismo estrutural é um processo longo, que passa da educação nas escolas até a mudança de postura da sociedade.

Ele está em todos os lugares e de tão enraizado, você pode nem perceber que está cometendo um ato de racismo até nos pequenos detalhes. Por exemplo, que tal você mudar esses termos do seu vocabulário:

TERMO RACISTA	TERMO CORRETO
A coisa tá preta	A coisa apertou
Mercado negro	Mercado clandestino
Magia negra	Bruxaria
Inveja branca	Inveja
Serviço de preto	Serviço mal feito
Criado-mudo	Mesa de cabeceira
Não sou tuas negas	Não sou da sua laia

SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO

Secretaria de Justiça e Cidadania do Governo do Estado de São Paulo

Racismo no Futebol



Goleiro Aranha do Santos sofreu racismo da torcida do Grêmio em 2014.

Uma das áreas que acontecem casos de racismo com maior frequência é o futebol. Tanto no campo, tendo ofensas de jogadores diretamente a seus rivais, quanto na arquibancada, com troca de ofensas dos torcedores entre si e também contra os jogadores. Um exemplo de racismo no futebol foi o caso que ocorreu em 2014 em uma partida de Copa do Brasil entre Grêmio x Santos. Nesta situação, o goleiro santista, Aranha, foi chamado de macaco por uma torcedora branca do Grêmio. O tricolor gaúcho e a torcedora gremista foram severamente punidos. Ocorreu a suspensão do time do campeonato pelo STJD e a torcedora Patrícia Moreira foi vítima de diversas ameaças, além do apedrejamento e o incêndio de sua casa.

Contudo, vemos que o racismo, desigualdade e intolerância racial são muito presentes, não só no nosso país, como também no mundo. Visando tais problemas na sociedade, medidas já vêm sendo tomadas, como por exemplo as cotas raciais, algo que ajudará com a diminuição desses casos e, quem sabe, futuramente, a abolição do racismo no mundo. Essas atitudes e discriminações são totalmente inadmissíveis e não deveriam existir, porém, aos poucos estão acabando. Além disso, a presença de negros em cargos de importância deve ser presente, para que as crianças possam ser influenciadas por tal realidade e se tornarem grandes pessoas, que não discriminam e não julgam nem são julgadas pela sua cor de pele. O que contribuirá para uma sociedade mais justa e igualitária na questão racial, que é como desde sempre ela deveria ter sido.

AS VERDADEIRAS FACES DA INTOLERÂNCIA RACIAL

Um aprofundamento e análise do racismo e como ele afeta a sociedade brasileira



Protesto Black Lives Matter, EUA, 2020

No artigo, é falado sobre quais são as ações consideradas racistas e os tipos de racismos presentes em nossa sociedade. É citado também o contexto histórico, como foi criada e abolida a escravidão. Além disso, será abordado o problema referente à intolerância racial com múltiplos ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), leis e artigos dos Direitos Humanos.

Nesse sentido, o texto trata de um assunto de grande importância, porque traz consigo um problema recorrente e absurdo. Essa chaga da sociedade atual é pautada com frequência, mas são poucas as pessoas que fazem, efetivamente, algo para acabar com ela. Logo, é preciso levar em conta o fato de que o racismo está enraizado em nossas ações e pensamentos, mesmo que de maneira muito sutil, por isso, é necessário que impeçamos a proliferação de pensamentos preconceituosos. Para isso, temos que começar com nós mesmos.

Uma vez que o racismo, por ser um assunto sobre o qual poucos têm conhecimento, ele acaba sendo praticado mesmo que involuntariamente. Por isso, qualquer forma de conscientização sobre o assunto é de grande importância e deveria ser feita com uma profundidade maior. É também importante que acabemos com os pensamentos equivocados, que prevalecem em nossa sociedade até hoje.

Que muitas pessoas são afetadas pelo racismo, infelizmente, não é novidade; porém, há quanto tempo que isso vem acontecendo? E como, mesmo após tanto tempo, nós não conseguimos extinguir esses atos de ódio? Tudo começou na época da escravidão, quando negros foram trazidos da África para servirem como trabalhadores sem direito algum, sofrendo abusos e uma perda completa de liberdade, de modo que deixaram de ser considerados seres humanos.

Houve, tristemente, uma desumanização do povo negro que os transformou em inferior, tudo por conta de sua cor de pele, um ódio gratuito e uma falsa impressão de superioridade.

Tais fatores fizeram com que esse povo fosse punido e violentado por anos. Infelizmente, pertence ao Brasil uma grande parte da culpa em relação a esse contexto histórico, pois muitos dos negros que foram sequestrados e vendidos para colonizadores europeus na África foram trazidos para o país. Ademais, o Brasil foi um dos últimos grandes países ocidentais a extinguir a escravidão. Decerto que a Princesa Isabel, filha mais velha do imperador Dom Pedro II, assinou a Lei Áurea (Lei Nº 3.353, de 13 de maio de 1888) acabando com a escravidão brasileira, assim como aconteceu do mesmo modo em outros países. Porém, desafortunadamente, não houve um sistema de políticas públicas para que os escravos libertos e seus descendentes pudessem ser integrados na sociedade novamente.



A redenção de Cam, Modesto Brocos, 1893. Instituto Itaucultural

Sob o mesmo ponto de vista, a tela “A Redenção de Cam” – nome que remete ao mito bíblico da maldição lançada por Noé sobre seu filho Cam, o tornando "servo dos servos" – produzida no ano de 1895 por Modesto Barroco, apenas sete anos após assinatura da Lei Aurea, retrata uma mulher negra, de idade avançada, dando graças a Deus por seu neto(a) ter nascido mais branco(a) do que o resto de sua família. Desse modo, a tese do branqueamento da população fica muito bem representada na obra. A tese, por sua vez, se baseava na Europa, onde no caso só havia pessoas brancas, assim fazendo com que brasileiros tentassem, de grosso modo, ir "diluindo" a raça negra no Brasil. Portanto, obrigando a ocorrência de relações interraciais (muitas das vezes não consentidas), para que a população fosse majoritariamente embranquecida, comprovando o enraizamento do racismo no passado da sociedade brasileira e de sua herança.

Tipos de Racismo: Antes de tudo, é necessário relembrar que a intolerância racial é extremamente presente em nossa sociedade, como citado anteriormente. Porém, muitas vezes, sua complexidade é desconhecida, o que implica em sua propagação. Assim, têm sido perpetuada sua existência durante décadas na sociedade mundial.

Em virtude de noticiar e relembrar constantemente a todos sobre a existência e permanência do racismo social em nossa sociedade brasileira, foi criado o termo “Racismo Estrutural”. Diversas pessoas já ouviram falar do termo, debateram e conversaram a seu respeito, principalmente com o desenvolvimento atual da comunicação. Tal fato é passível de ser observado nos Podcasts, por exemplo, neles há um grande número de streamings que tratam principalmente de temas polêmicos, como o racismo. Estes meios, por sua vez, servem como portas abertas para a discussão e propagação de opiniões e fatos sobre assuntos extremamente relevantes.

De acordo com o fundador da ‘Oficina antirracista do Drei’, localizada no Colégio São Luís (SP), Felipe Vaz, “quando ressaltamos seu caráter estrutural, significa que queremos explicar que ele [o racismo] permeia todas as estruturas sociais [...] como as estruturas políticas; econômicas; culturais; mentais; etc.”. Posteriormente, entendendo a complexidade da intolerância racial, é necessário identificar seus tipos, que muitas das vezes são “invisíveis” para alguns membros da nossa sociedade.

Sem dúvida, o mais conhecido tipo de racismo, como falado anteriormente, é o “Racismo Estrutural”.



Porém, junto a esse existe o “Racismo Institucional”, o qual ocorre em instituições privadas ou públicas. De fato, um exemplo em que é possível identificá-lo é quando homens negros são mais abordados por policiais nas ruas do que homens brancos, como visto em uma matéria publicada em 15/02/2022 pela CNN: “Uma pesquisa realizada pelo Centro de Estudos de Segurança Pública e Cidadania (Cesec) mostra que 63% das abordagens policiais na cidade do Rio de Janeiro têm como alvo pessoas negras”. Ademais, é possível identificar o “Racismo Individual”, qual é exercido por outras ações discriminatórias realizadas de maneira individual. Já o “Racismo Ecológico” consiste no tratamento diferente baseado na localidade em que as pessoas se encontram. Por exemplo, áreas periféricas não têm o mesmo tratamento do que as áreas que se encontram próximas aos centros urbanos.

É de extrema importância que, ao elencar quais são alguns dos tipos de racismo presentes na sociedade atual brasileira, fique bem claro que o então chamado “Racismo Reverso” não se qualifica como um tipo de racismo. Quando questionado a respeito da possível existência dessa intolerância (racismo reverso), Vaz responde: “Vocês já pararam pra pensar em que medida esse conceito reforça ainda mais a ideia de que a sociedade é racista?”. Para desconstruir uma possível qualificação deste tipo de racismo, Vaz reflete sobre a natureza do termo: “‘Inversão do que?’, da normalidade? [...] Ora, então se o anormal é o racismo, supostamente, sofrido pelo branco, o normal (e, portanto, neutralizado) é o racismo sofrido pelos negros”.

Por isso, tendo os tipos de intolerância racial em vista, devemos nos atentar sobre como o racismo pode se camuflar em nossa sociedade, além de compreender que essas atitudes não consistem somente no insulto e preconceito. Elas também afetam diretamente a segurança, educação, saúde e até mesmo lazer das pessoas que são suas vítimas.

Relação com Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS):

À medida que é possível se adentrar na compreensão da intolerância racial, é possível também criar relações com outros fatores presentes à nossa volta. Por exemplo, com as ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), da Organização das Nações Unidas.

Assim, tendo esse fator em vista, podemos relacionar o racismo com as ODS 3, 8 e 16, para assim identificar problemas que o racismo causa às pessoas que o sofrem, e como esses problemas condizem com os aspectos que as ODS têm em comum ao tentar erradicar.

Certamente, a intolerância racial pode-se relacionar com a 3ª ODS, que visa a "Boa saúde e Bem-estar".

Dado que, muitas das vezes vemos em nossa sociedade, nem todos tem acesso a uma boa saúde. É certo que isso se deve em grande parte ao tratamento médico, que muitas das vezes é negado pela intolerância racial de algumas pessoas que atuam nas áreas da saúde. Além disso, existe uma relação com a 8ª ODS, que constitui "Emprego digno e Crescimento econômico" e que por sua vez, geralmente não é seguido, pois o racismo acaba impedindo a contratação de pessoas negras e, assim, contribui para que elas não sejam promovidas e ocupem cargos de liderança.

Infelizmente, em nossa sociedade, algo muito presente e pouco divulgado são as injustiças que ocorrem devido ao racismo. Estas, por sua vez, acabam violando a ODS 16, a qual defende "Paz, Justiça e Instituições Eficazes". Sem dúvida, um exemplo que expressa esse fato é a parcialidade em julgamentos onde pessoas negras que infringiram a lei. Além disso, também é possível observar isso no livro "O Sol É Para Todos", no qual um garoto negro é acusado de cometer um crime, porém, ninguém queria lhe defender ou ser seu advogado, exceto Atticus, que acaba sofrendo preconceito junto com sua família por defender uma pessoa negra.



ONU - Organização das Nações Unidas

Indubitavelmente, a prática do racismo infringe leis como 'Lei Nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989', onde se constitui as formas que são qualificadas como racistas, e a 'Lei nº 9.459, de 15/05/97' diz que "Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional". Já em relação aos Direitos Humanos, podemos identificar tanto o artigo 7, que fala que "Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente

Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação", quanto na ODS 10, que defende a "Redução das desigualdades".

Conclusão:

É certo que o racismo é um dos principais problemas da sociedade hoje em dia, conseqüentemente aumentando a necessidade de ser compreendido e combatido. Muitas vítimas têm vergonha de falar sobre situações que passaram e nas quais são tratadas como inferiores, assim sendo necessário uma ampliação da análise sobre o tópico.

Desse modo, o racismo passaria a ser algo menos polêmico e complicado de falar ou comentar sobre, além de passar a ser algo necessário a ser tratado em diferentes lugares. Como, por exemplo, nas escolas, nos locais de trabalho, mas principalmente no ensinamento dentro de casa, que é passado para as crianças.

Ademais, é preciso a compreensão de que todos os indivíduos do mundo são diferentes, porém quando falamos de raça deve ser entendido que todos são iguais independentemente de sua cor ou etnia; somos todos seres humanos. É primordial trazer um fim a esse preconceito e à discriminação racial, principalmente onde fazer comentários racistas é cultural, não visto como um problema – assim como no Brasil, que é visto como mais uma coisa do cotidiano brasileiro. Outrossim, essa "normalidade" foi se enraizando na cultura brasileira devido a seu contexto histórico, gírias e expressões que são utilizadas atualmente e, por sua vez, dificultam ainda mais a tentativa de erradicar o racismo.

Além disso, diversas pessoas na sociedade brasileira são afetadas por conta desse crime, como negros, indígenas, ou até mesmo pessoas que habitam as diferentes regiões do país, por exemplo os nordestinos. Por outro lado, para acabar com esse problema, uma solução seria a abordagem dessa questão, o que a faria acontecer menos frequentemente e, assim, diminuiria drasticamente as ocorrências desses atos discriminatórios e ofensivos ao ser humano, fazendo-os aos poucos parar de acontecer. Tristemente, foi introduzido à cultura brasileira no começo do século XV, por conta do tráfico de africanos para o Brasil, transformando-os em escravos e minorias. Por conta disso, os negros foram vistos ao longo dessa história com um preconceito que define o branco como superior a eles e, lamentavelmente, muitas pessoas ainda acreditam nisso e descriminalizam os negros por conta de sua cor de pele. Por conseqüência, houve a criação de um dos principais tipos de racismo, o Racismo Estrutural, que mostra o enraizamento do racismo na cultura brasileira e como isso afeta a sociedade no país. Ademais, as ODS são os objetivos criados pela ONU para tentar encontrar a estabilidade mundial; sendo assim, o racismo pode ser relacionado com três delas, mostrando quão problemática é a cultura da intolerância racial e o quão presente ela está nos problemas mundiais das atualidades.

Alexandre Bove, Breno Aranha, Gabriela Nascimento, Sophia Mota e Zahra Jaluul

UMA NOVA CHANCE NO BRASIL

Os imigrantes e refugiados deixam seus países de origem, por crises econômicas, sociais e políticas, além das perseguições. Por causa dessas condições, que arrancam suas vidas, muitos não conseguem mais viver em sua terra natal. Por isso escolhem um lugar para migrar e um deles é o Brasil, entretanto, quando chegam no país latino-americano, normalmente não conseguem acessar direitos sociais e até mesmo os direitos humanos, como o trabalho formal e o sistema educacional democrático.

Além disso, muitos sofrem com o idioma, o que dificulta a instalação do indivíduo no novo país, como preenchimento de documentos, entrevistas de emprego e outras coisas. Do mesmo modo que as crianças e adolescentes encontram dificuldade na integração em escolas, adultos também a encontram, por falta de comunicação e dificuldade com a nova língua, não tendo um desenvolvimento escolar adequado e esperado. Assim gerando a falta de inclusão e de aceitação de alunos imigrantes e refugiados.

Por exemplo, só no Brasil o número de venezuelanos que moram aqui pode girar em torno de 260 mil, levando em consideração que 46 mil desses venezuelanos têm o status de refugiados. Um exemplo foi:

ORIANA QUEIROZ



Ela nasceu em San Antonio de los Altos e se formou em moda, na Venezuela. Apesar da sua graduação, ela sabia que não ia conseguir encontrar um emprego estável para que pudesse sustentar sua família. Além disso, as filas nos supermercados eram imensas e era praticamente impossível comprar um pacote de arroz. Assim ela decidiu aos 21 anos, morar na Argentina em busca de uma situação melhor, mas após poucos anos, ela foi morar em Florianópolis. Em seguida que ela chegou, precisava manter uma vida relativamente estável e para isso começou a vender passeios de barco aos arredores.

Ainda mais, durante esse meio tempo Oriana engravidou, porém na época ela não tinha um salário fixo, nem documentação em um país que ela mal conhecia e além disso, ela se separou de seu namorado pouco antes do bebê nascer. Portanto, ela estava sozinha, por conta disso, sua mãe veio ao Brasil pela fronteira de Pacaraima, em Roraima, e conseguiu seu visto rapidamente. Mas, infelizmente, seu pai e sua irmã ainda estavam no país que ela havia deixado há alguns anos, que já não era mais o mesmo.

Vale ressaltar que sua irmã era desempregada e seus pais aposentados pelo Banco Central da Venezuela. Então, para eles se sustentarem, a mãe de Oriana deixou seu dinheiro para o pai dela, que convertido em bolívar venezuelano para o real são 50 reais.

Além disso, durante a pandemia ela começou a trabalhar na Círculos de Hospitalidade, um programa que ensina a criar o seu próprio negócio. Quando sua mãe ganhou uma máquina de costura, Oriana começou a vender suas próprias bolsas.

Importante ressaltar que Oriana veio ao Brasil após o ano de 2013, ela e muitos outros. Essa data não é uma coincidência, foi nesse mesmo ano que Nicolás Maduro foi eleito a presidência da Venezuela, após o falecimento de Hugo Chávez. Maduro tentou manter a mesma política do governo anterior, porém o cenário estava bem diferente, a inflação estava acima de 800% ao ano, o preço dos barris de petróleo e dos recursos básicos estavam altíssimos, assim como a falta deles nos mercados. Isso e mais outros problemas levaram a Venezuela a ter uma crise socioeconômica, e assim como Oriana muitos outros venezuelanos tiveram que sair de seu próprio país em busca de condições básicas para viver.

E ela não foi a única a chegar no Brasil por Pacaraima, muitos outros também adentram o território brasileiro pela cidade, já que ela faz fronteira terrestre com a Venezuela.

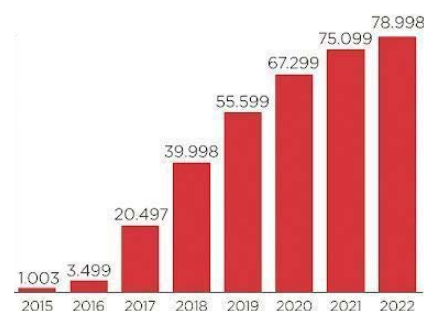
Por conta das crises que estava afetando os venezuelanos o fluxo migratório para o Brasil aumentou drasticamente, isso afetou principalmente Roraima, cidade que se localiza em Pacaraima. Isso causou uma sobrecarga nos serviços públicos do estado, que não conseguem atender a grande demanda sozinhos,



então muitos venezuelanos ficam em abrigos e outros que não conseguem se abrigam nas ruas. Portanto, os imigrantes que vêm para o Brasil, chegam com a esperança de ter melhores condições de vida. Porém, suas expectativas logo acabam, pois, muitos imigrantes têm problemas para se adaptarem ao novo país principalmente por causa do idioma, além da dificuldade em encontrar um trabalho estável para se manter, já que muitos não conseguem validar seus documentos e confirmar suas capacidades profissionais. E quando uma família se refugia pode haver outros problemas com as crianças e adolescentes, como a matrícula nas escolas, onde muitas acabam tendo um baixo nível de educação e acabam sendo muito cheias e não possuem um preparo para acolhê-los.

Apesar de ser muito difícil a chegada dos imigrantes no Brasil, uma pequena parcela é resgatada pela Missão Paz. Esta instituição tem como objetivo resgatar as pessoas refugiadas, legalizá-las, disponibilizar alimentação e um lugar temporário para os imigrantes, migrantes e refugiados morarem. O mais importante da ONG Missão Paz é que eles colocam essas pessoas refugiadas no mercado de trabalho nacional, assim criando um novo recomeço para a vida destas pessoas.

Projeção de imigrantes venezuelanos no Brasil

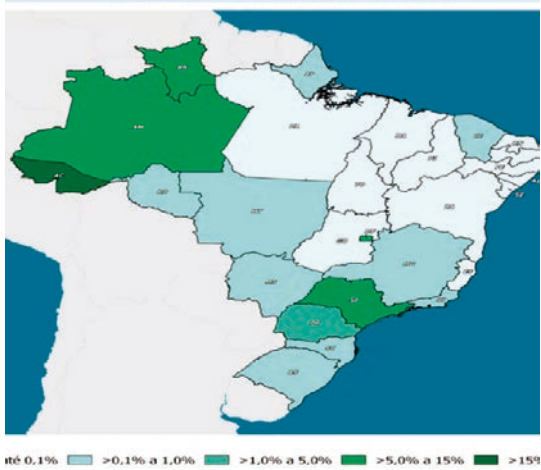


OS IMIGRANTES



Por fim, vale ressaltar que milhares de refugiados, migrantes e imigrantes se deslocam no mundo todo e é de extrema importância ressaltar os dados. Ao final de 2021, existiam 60.011 pessoas reconhecidas como refugiadas no país. Apenas em 2021, foram feitas 29.107 solicitações da condição de refugiado, sendo que o CONARE reconheceu 3.086 pessoas de diversas nacionalidades como refugiadas na qual 72,2% dessas pessoas foram registradas na Unidades da Federação (UFs).

Mapa 2.1.3. Distribuição relativa das solicitações de reconhecimento da condição de refugiado apreciadas, segundo UF de solicitação - 2021



Tanto os homens (55,2%) como as mulheres (44,8%) reconhecidos como refugiados encontravam-se, predominantemente, na faixa de 5 a 14 anos de idade (50,4%). A nacionalidade

com maior número de refugiados entre os anos 2011 e 2021 é a Venezuela (48.789), seguida dos sírios (3.682) e congolezes (1.078). Isso ocorre por guerras como na Síria, onde em 2021 teve 3.746 mortos (menor número anual de mortos) em uma guerra desde 2011, ou como na Venezuela, por fome e falta de estabilidade econômica.

Vindo de seus países de origem, os refugiados vêm para o Brasil se estabelecer em regiões para tentar se manter economicamente bem.

No Brasil, entre as UFs que compõem a Região Norte, o Acre concentrou o maior volume de solicitações de refúgio apreciadas pelo CONARE 33.911 (47,8%), seguido por Roraima 10.403(14,7%) e pelo Amazonas, 6.660 (9,4%). Na região Nordeste concentrou o menor percentual de solicitações apreciadas pelo CONARE, apenas 0,4%. Quanto às demais regiões brasileiras, o Sudeste registrou 11,5% do total de solicitações apreciadas, enquanto o Centro-Oeste (11,3%) e o Sul (3,9%) completam o quadro de análise regional.

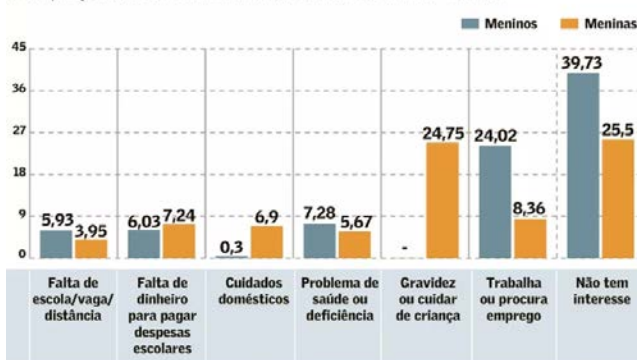
Entre as demais UFs, os destaques foram o Distrito Federal (10,7%) e São Paulo, com 10,5% das solicitações de reconhecimento da condição de refugiado apreciadas pelo CONARE, em 2021. Atualmente, no Brasil, imigrantes vão mais para áreas localizadas na região Norte, onde estão concentradas a agricultura e a agropecuária. Para regiões como Centro-Oeste e Sudeste vão para entrar no comércio (pequenas lojas) e a partir disso, vão tentando se manter economicamente para cada vez crescer mais.

EVASÃO ESCOLAR E SEUS PREJUÍZOS À ECONOMIA BRASILEIRA

Evasão escolar é o ato de deixar de frequentar as aulas, ou seja, abandonar o ensino, afetando, principalmente, os estudantes do Ensino Médio. A evasão escolar vem sendo um grande problema no Brasil ao longo dos anos.

Fora da escola

Por que jovens de de 15 a 17 anos não estudam - em %



Fonte: Pnad Educação 2018 - IBGE. Elaboração: IDados

Uma vez que, mais do que nunca, jovens provenientes de famílias menos estruturadas financeiramente vêm se acostumando a aceitar o fato de não completar a escola. Tanto que, no ano de 2021 houve um aumento de 5% de abandono por escola, o que foi quase o dobro dos anos anteriores.

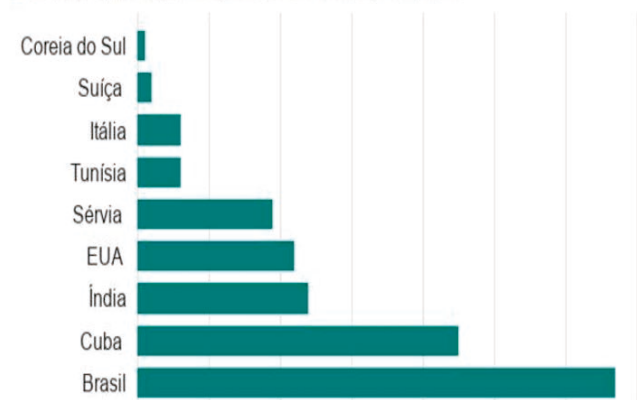
Uma das causas mais comuns para o abandono no Ensino Fundamental é a distância entre a residência do aluno e a escola em si, já que, o jovem não possui disponibilidade de pegar transporte público, além de sua família normalmente não estar envolvida. Devido a fortíssima desigualdade social, esses jovens são encorajados desde sempre a trabalharem em sua juventude, para sustentar sua família. Esta sensação de dever os leva a cometer o erro de abandonar sua chance de aprendizagem e de adquirir um emprego estável no futuro, para trabalharem em sua adolescência.

Em relação às mulheres, uma causa para que alunas decidam abandonar sua formação é a tão temida gravidez na adolescência. Esta, infelizmente, é comum em jovens de todas as classes, por conta da apreensão de escolas privadas e públicas, por não ensinarem sobre educação sexual. De qualquer modo, alunas vindas das periferias muitas vezes não possuem qualidade de vida para elas mesmas, e muito menos uma criança. Por isso necessitam trabalhar ainda gestantes e reunir uma quantia para a formação do filho. Elas não possuem uma escolha, uma vez que morreriam na pobreza se continuassem frequentando a escola, com despesas inesperadas.

Taxa de gravidez na adolescência

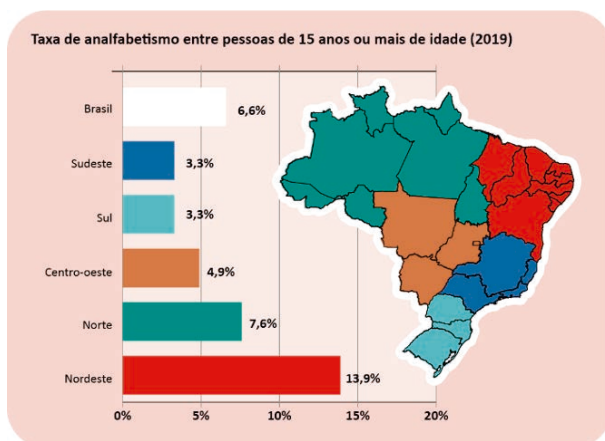
(Países selecionados)

■ Nascidos por 1.000 mães com idade entre 15 e 19 anos



EM QUE REGIÕES PODEMOS IDENTIFICAR A EVASÃO?

Podemos ver via os gráficos abaixo que a maior porcentagem de evasão escolar acontece na região Norte e Nordeste que são, conseqüentemente, as regiões com o maior índice de analfabetismo e as regiões com o menor PIB do Brasil:



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2019.

Segundo a INESP, o Ensino Médio lidera com 11,2% de alunos fora da escola, sendo que o Pará é o estado que apresenta a maior taxa de evasão escolar do Brasil. Nesse estado, 16% dos alunos do ensino médio estavam em situação de evasão na altura da pesquisa.

OS ESTADOS QUE SE SAEM PIOR

Taxas do primeiro ano do Ensino Médio no país

REPETÊNCIA

Quando o aluno continua na mesma série pelo segundo ano

MG	28,4%
SE	22,6%
RN	21,7%
MS	20,7%
AP	20,6%
AC	20,3%
SC	19,9%
ES	19,8%
AL/RS	19%

EVASÃO

Quando o aluno abandona a escola e não faz a matrícula no ano seguinte

PA	16,3%
MT	16,2%
AL	15,3%
PI	15%
MS/RS/RJ/	14,6%
ES/PB/MA	14,5%
RN/BA	14,1%
PE	13,6%
CE	13,5%
GO	13%

Período entre 2014 e 2015 (dados divulgados este ano)

Fonte: Inep

“A evasão escolar não é algo repentino”, diz Marina Gattás, coordenadora de projetos da Fundação Brava, entidade que participou da elaboração de um mapeamento sobre a evasão no ensino médio no Brasil.

NA PANDEMIA...



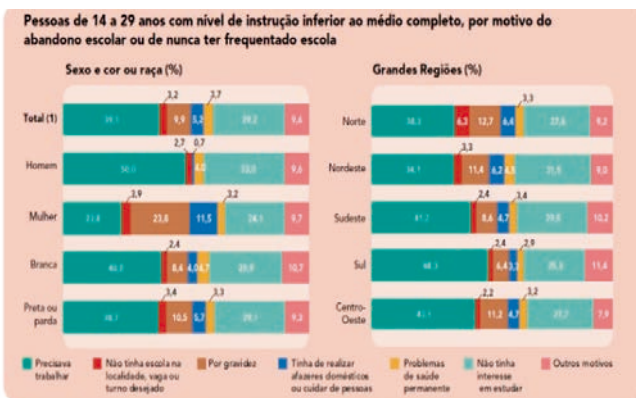
A região Nordeste mostrou ser a mais frágil, e apresentou o índice mais preocupante: pelo menos 16% dos alunos do 9º ano, das redes municipais, foram identificados como “em risco de evasão” (a taxa média de participação na etapa foi de 84,4%)

Estudos sobre a Educação durante a pandemia, evidenciaram as desigualdades regionais que permanecem inalteradas no país, apesar de políticas públicas. O levantamento apresentou o fato de que nem todos os municípios tiveram as mesmas condições de monitorar os seus estudantes e assegurar de que mantivessem o vínculo com a escola desde março de 2020, com o início da pandemia da Covid-19.

“Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

IGUALDADE DE CONDIÇÕES

No entanto, esta é uma possibilidade que não vem se mostrando viável para o povo brasileiro, já que a quantidade de crianças que não estudam no Brasil é absurda, como já mostrado aqui. O ponto principal do porquê isso vem acontecendo é, uma vez que, o governo atual não tem o cuidado com a educação, principalmente com o ensino público, que acaba sendo de onde vem a maioria dos casos de evasão escolar, como doenças incuráveis, por necessidade de trabalhar, entre alguns outros motivos citados. Com o acontecimento da pandemia, isso piorou muito, já que no começo de 2022 foi reportado pelo Jornal Datafolha que mais de 4 milhões de jovens abandonaram a escola durante a época do coronavírus, entre os motivos desse abandono estão, dificuldade no acesso remoto durante as aulas e problemas financeiros.



Com base na Declaração Oficial dos Direitos Humanos, Artigo 26:

1. Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.

Podemos considerar que esse artigo deveria ser seguido corretamente, algo que o Brasil certamente não consegue atingir principalmente desde o início do governo Bolsonaro

A evasão escolar com certeza é algo muito presente na nossa sociedade, e a sua principal causa é o desinteresse e a instabilidade financeira.

Para combater isso, que é algo o que todos queremos, e começarmos a ideia de um mundo melhor, a ex-candidata a presidência Simone Tebet defende a ideia de que os colégios deveriam aderir atividades interessantes e atrativas para crianças e adolescentes em escolas públicas, assim elevando a relevância de se manterem nas escolas para um ensino superior. Em contraste, também é necessária a assistência monetária do governo brasileiro para famílias de baixa renda, e desta forma, adolescentes e crianças podem seguir com sua formação completa sem terem que se preocupar em sustentar suas famílias. Desta maneira, o desenvolvimento do jovem não sofrera, portanto, atingindo um menor nível de evasão escolar por meios destas maneiras

RISCO BRASIL

Evasão escolar e defasagem educacional farão desemprego aumentar entre jovens

52% dos brasileiros entre 19 e 25 anos deixaram de estudar, não se dedicam à escola como deveriam ou estão atrasados na formação

43%

da população com mais de 25 anos têm o Ensino Médio completo. O índice está abaixo da média, dos países da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico, que é de 65%

62% não estudam no ano adequado a sua idade

1 em cada 4

brasileiros entre 15 e 17 anos abandona os estudos anualmente

11,2 mi

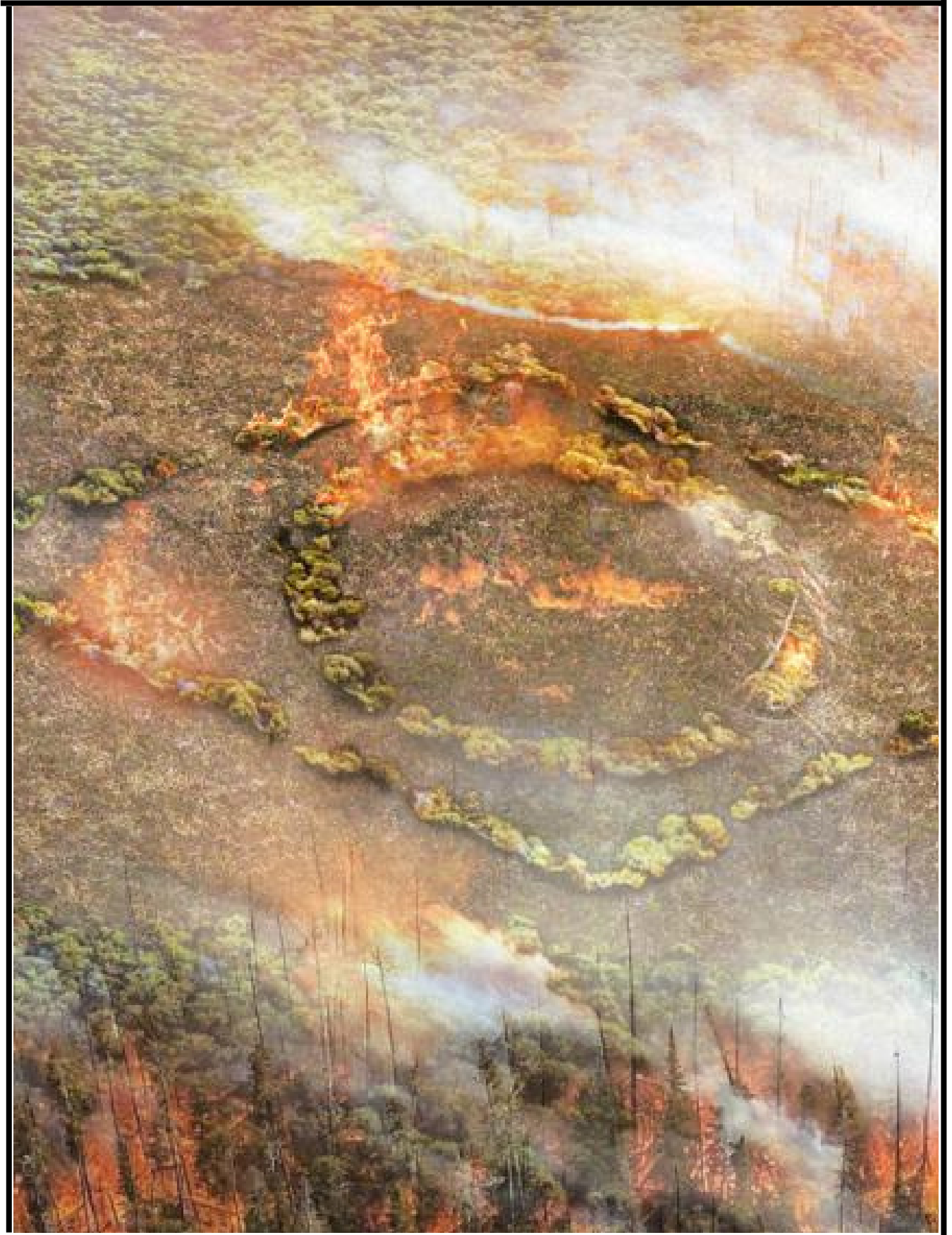
de jovens no País não estudam nem trabalham

R\$ 3 bi

é o que o abandono escolar custa para o Brasil anualmente

Revista Isto é Independente, 20 abr. 2018

Meio Ambiente



PARTE 2

HUMANUS LUCAS SILVA

AMAZÔNIA: AMEAÇAS E DESAFIOS NA PRESERVAÇÃO

A verdadeira história da Amazônia e sua colonização, como os atuais problemas ambientais da região Norte está relacionada com o processo colonial europeu



A Amazônia se estende por 6 países, podendo ser encontrada no Brasil a maior parte de seu território. Teve sua primeira colonização há cerca de 14 mil anos, quando os primeiros humanos vieram e utilizaram do território da Amazônia para criarem suas tribos e culturas, que permaneceram existindo por milênios. Inclusive só nos tempos atuais estamos realmente estudando e descobrindo o poder e tamanho que essas populações tiveram nesse território, até hoje algumas tribos sobrevivem nessa região sem ter contato com a civilização, elas vieram de origens diretas dos primeiros humanos que vieram da Ásia.

Nos séculos seguintes, a colonização europeia no território brasileiro foi massiva e destrutiva. Porém, em seu começo a exploração da Amazônia era mínima, os portugueses apenas utilizaram esse território para a extração agrícola e de produtos naturais, entretanto o estrago feito na redução da população indígena foi bem maior e desde aquele período, até a metade do Século XVI, o povo indígena começou a sua luta e defesa contra os europeus, que queriam escravizá-los e catequizá-los. O tempo se prolongou e a colonização europeia foi ganhando força na região norte brasileira, a extração e a agricultura também ganharam força. Porém um novo tempo se iniciava, a revolução industrial, que batia na porta do Brasil, precisávamos entrar num padrão de produção para conseguirmos nos manter ativos no mercado internacional.

A região norte se destacou nesse período (1890 – 1910) pela produção do látex, principal produto responsável na fabricação da borracha, que possuía suma importância para o mercado norte americano e europeu. Num contexto de guerras que se emergiram por todo o mundo, e inclusive no Brasil, onde diversas guerras civis e tentativas separatistas eclodiram, a borracha era necessária. O látex trouxe a civilização da Amazônia e algumas modernidades que eram inexistentes nessa região, diversas cidades foram popularizadas, cresceram economicamente e industrialmente, como Manaus e Belém, que puderam realmente sentir num curto período o que significa o poder do capitalismo reinando pelo território.

Infelizmente a produção de látex na Amazônia teve um período muito curto, pois a Inglaterra e Holanda (Principais compradores da borracha produzida no Brasil) conseguiram plantar mudas das seringueiras na Ásia e a concorrência com o nosso mercado foi rapidamente acentuada.

Assim, entrando em uma rápida e contínua crise do látex no Brasil, todo o investimento estrangeiro e nacional foi por água abaixo e novamente a região norte se viu desvinculada do progresso e do resto do Brasil.

A preservação da mata ciliar e da população indígena que aqui reinavam durante séculos foram ameaçadas por esse iminente e desastroso ciclo da borracha que devastou diversas partes da região norte e conseqüentemente trouxe a dispersão de povos indígenas que viviam nas margens dos locais explorados e conseqüentemente das cidades.



© Eduardo Carassoulis / UOL

Essa devastação de ambas as partes já vinha acontecendo fazia muito tempo pela colonização portuguesa e o ciclo do látex foi apenas um agravante desses problemas que rapidamente se dilaceraram.



SOS Pantanal

AMAZÔNIA ATUAL E A FISCALIZAÇÃO

Nos dias atuais, temos muito mais tecnologias e órgãos responsáveis por fiscalizar e aumentar os índices que mostram a preservação do território do que antigamente, mas isso não tem se mostrado muito eficiente para realmente combater o desmate, que por sua vez tem aumentado cada vez mais. Segundo dados do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), a área desmatada que podemos encontrar da Amazônia fica por volta de 729 mil km², o que corresponde a cerca de 17% de todo o bioma. Desses quase 719 mil km², 300 km² foram só nos últimos 30 anos

De agosto de 2021 até julho de 2022, foi devastada uma área de mais de 8.500 km², sendo uma área até mesmo maior que a cidade da Grande São Paulo. O mais assustador é que esses números nem sequer são os mais altos, nós já tivemos em 2019-2020 e 2020-2021 índices ainda maiores, deixando 2022 apenas em terceiro lugar. O fato é que o desmatamento da Amazônia tem ganhado proporções inimagináveis e nem mesmo os órgãos responsáveis pela fiscalização conseguem presumir.

Muito se questiona sobre os equipamentos utilizados para a fiscalização da floresta, o Brasil possui sistemas de monitoramento considerados de grande importância e utilidade, podendo até mesmo ser invejado por outros países.

Atualmente, o desmate é monitorado por ao menos três sistemas com dinâmicas que se complementam, sendo eles: O sistema de alertas de desmatamento oficial do governo, O Deter-B, do Inpe de monitoramento diário, e O sistema Prodes, de periodicidade anual; Sistema SAD, do Imazon, que fazem monitoramento de um período de 30 dias; O Sistema do MapBiomas faz monitoramento anual de cobertura e uso do solo. Especialistas afirmam que não é sofrendo com tanto desmatamento, e sim pelo que se faz com essas informações, que é quase nada, pois o governo não atua com as informações recebidas.

Dados nos mostram que apenas 1,3% dos alertas resultaram em alguma ação do IBAMA. Uma das propostas levantadas foi a aderência da conexão com a internet, que seria fornecida para as comunidades tradicionais locais, para que pudessem enviar informações em tempo real sobre a ocorrência de desmates, mas o problema apontado foi a dificuldade que há para realmente confiar nas informações transmitidas. Nós já possuímos um grande volume de dados, que dizem onde e quando estão ocorrendo os crimes, que muitas vezes já são confusos, aumentar ainda mais esses dados poderia até ser positivo, mas apenas se houvesse uma verdadeira confiabilidade nessas informações.

COMO O DESMATAMENTO NOS IMPACTA?

Diferentemente do que muitos pensam, todo esse desflorestamento causa muitos prejuízos, e não apenas nas vidas dos indígenas, mas também nas nossas vidas (moradores das cidades), nas vidas dos trabalhadores locais, em questões socioeconômicas e ambientais, até mesmo impactando negativamente na saúde. De forma geral, influenciam diretamente ou indiretamente tudo o que há. Em relação aos impactos ambientais, eles influenciam diretamente no aquecimento global, que como o próprio nome já diz, não afeta apenas a área desmatada, mas todo o mundo. Isso acontece porque o aumento das temperaturas está ligado às emissões desenfreadas de gás carbônico na atmosfera (causadores do efeito estufa). Esse e outros gases são facilmente absorvidos pelas árvores, resfriando o ambiente e mantendo uma temperatura agradável. Portanto, sem árvores, nós temos o mesmo número de emissão de gases, porém sem a mesma absorção, proporcionando o aumento das temperaturas. Além disso, as mudanças climáticas também aumentam muito as chances de queimadas e, como consequência disto, por sua vez aumenta ainda mais os poluentes emitidos na atmosfera.



©Mariah Aquino / Metrópolis

Temos também o prejuízo para o povo indígena habitante de lá. Tais povos fazem o uso sustentável dos recursos da natureza, usando-os com consciência, enquanto aqui nós apenas retiramos, sem nos preocupar com nada. Grande parte desse cuidado se deve por se tratar de um território deles, sua casa. Ao desmatar e retirar essa madeira desses locais, nós estamos impactando diretamente na vida desses povos, em suas culturas, costumes e até mesmo dificultando a sua preservação. Como se já não bastasse, grande parte dessa ação ilegal vem acompanhada de violência dos exploradores para com os indígenas, além de muito mais que poderiam ser citados aqui.

Não apenas temos os impactos citados acima, mas também os da pecuária. A pecuária é um dos mais importantes setores da economia brasileira, gerando inúmeros empregos. Porém, a pecuária também pode ser um dos grandes malfetores e o causador do desflorestamento da Amazônia. Pesquisas mostram que o rebanho bovino cresceu cerca de 40%, juntamente com ele, cresce também a área necessária para o gado, o que resulta na diminuição da cobertura vegetal da área.

GARIMPO, OCUPAÇÃO INDÍGENA, DEMOCRATIZAÇÃO DE TERRAS E CAPITALISMO

O garimpo tem como foco a mineração, visando a retirada de metais preciosos. Mais de 91% do garimpo brasileiro se encontra na Amazônia, também é lá que nós encontramos cerca de 77% dos povos tradicionais brasileiros, o que faz com que praticamente vivam lutando por território. Os garimpeiros e os indígenas vivem em grande desarmonia, pois o primeiro tem como foco retirar recursos naturais (como eles dizem, presentes naturais) em troca do lucro e do dinheiro, e o outro tem como foco apenas utilizar o necessário, preservando sempre a natureza.



© Diego Baravelli / Greenpeace

Visto isso, podemos perceber como é necessária a preservação e a demarcação das terras indígenas, com uma verdadeira fiscalização adequada e com consequências para os infratores. Precisamos entender que os indígenas também têm seus direitos, e que nossos interesses financeiros não podem sobressair os interesses deles, principalmente porque se trata de preservação e sobrevivência de povos que desde o início da colonização vêm sendo explorados e deixados de lado.

Preservar seu território e assegurar seus direitos se trata de nada mais nada menos que uma dívida histórica. Parte da função da Funai é promover a proteção e o bem-estar dos povos originários, preservando-os, e a do governo é a auxiliar e fazer o necessário para que isso ocorra. Ainda seguindo os prejuízos nas questões ambientais, temos os rios voadores. Rios voadores é uma expressão para designar a grande quantidade de água que é liberada pela Floresta Amazônica em forma de vapor d'água, sendo transportada pelas correntes de ar. De acordo com o INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), uma única árvore de 10 metros de altura emite uma média de 300 litros de água por dia, mais do que o dobro do total de água consumida por uma pessoa durante o dia para beber, cozer alimentos, tomar banho etc. Além disso, os rios voadores são responsáveis pelas chuvas, pela umidade e pela temperatura do local, sem contar também que dão origem a grandes rios. Portanto, podemos perceber que os rios voadores são essenciais para todo o mundo e principalmente para o nosso país, pois garantem condições favoráveis e agradáveis para uma boa vida.

AMAZÔNIA COMO PRINCIPAL FONTE DE ÁGUA DOCE



Nos últimos 50 anos a floresta amazônica tem sido o almorarifado do Brasil e do Mundo, além de ser fonte de inúmeros produtos/ serviços essenciais como energia, madeiras, minerais e alimentos, agora também é reconhecida como uma das principais fornecedoras de água doce. A biomassa da floresta é composta por cerca de 50% de água, que pode gerar a cada hectare, uma média de 300 000 litros de água por evapotranspiração (rios voadores). Essa água evaporada é o que gera as nascentes de rios, e a principal causadora das chuvas e abastecimento do reservatório de água.

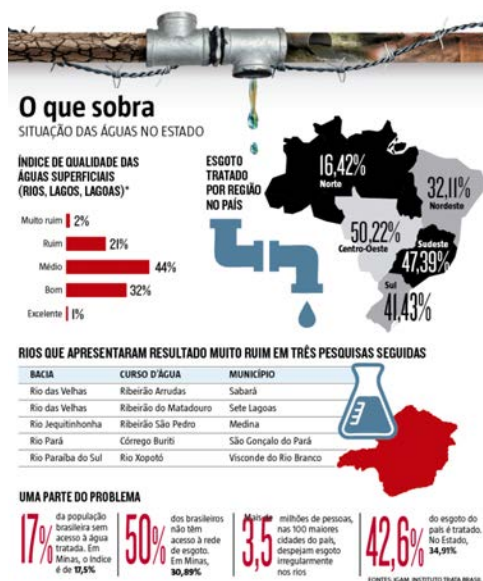
Bom, isto pelo menos é o que deveria acontecer, mas não é bem assim que as coisas funcionam. Muitas vezes esses órgãos, juntamente com o governo acabam negligenciando acontecimentos e ameaças sofridas por estes povos. Isso pois muitos pensam apenas no lucro que essa atividade mineradora geraria para o país, deixando completamente de lado a proteção e os direitos dos indígenas.

Muito mais profunda que essa questão, é a invasão que muitos desses garimpeiros fazem às áreas dos povos tradicionais, desmatando, poluindo e até mesmo agredindo-os. Como uma das consequências da invasão dessas áreas, nós temos a saída forçada de muitos indígenas para a cidade, sendo que muitos deles acabam tendo que viver em situações precárias. Impedir que isto ocorresse deveria ser função do governo e do principal órgão governamental atuante na área, a Funai.

CRISE DA ÁGUA E A TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO: COMO TUDO FUNCIONA?



Água transparente não significa água própria para banho ou para consumo. Muitas vezes uma água que possui boa aparência pode acabar por não ser própria para a utilização, a poluição pode ou não ter sua fonte facilmente identificada. O fato é que a ação antrópica é a grande causadora desse problema, seja pelo descarte incorreto de produtos, lançamento de químicos ou de esgoto. Podemos classificar a poluição em quatro categorias: Poluição química; Poluição biológica, por partículas orgânicas geralmente proveniente dos esgotos; Poluição térmica, pelo aumento ou diminuição considerável da temperatura de um corpo d'água; Poluição sedimentar, por partículas em suspensão, como por exemplo pelo acúmulo de lixo nos rios e oceanos.



No mundo, a poluição da água mata mais do que Aids, malária e tuberculose.

No ano de 2017, um estudo apontou que a poluição da água já mata cerca de 1,8 milhão de pessoas por ano. Para efeito de comparação, as mortes causadas pela impureza da água equivalem a mais do que o triplo da soma de todas as mortes anuais por Aids, malária e tuberculose. As mortes foram causadas por fatores desde o consumo de água contaminada a problemas provenientes do tratamento de esgoto falho, causando doenças e infecções gastrointestinais.

Sendo assim, propomos uma melhor utilização da água no Brasil, pois ela está sendo mal utilizada e assim causando diversos prejuízos para o país. Como por exemplo, 17% da população brasileira não tem acesso a água, ou seja, 35.000.000 pessoas estão sem água potável em casa. Outro fator que comprova a péssima utilização do recurso é que 50% das redes de esgotos e 3,5 milhões de pessoas nas grandes cidades, despejam irregularmente dejetos nos rios. Para facilitar o acesso de todos a água, que afinal é um direito de qualquer cidadão, são necessárias algumas medidas, entre elas:

- Melhora e garantia de saneamento básico
- Aumento dos investimentos na área em questão
- Limpeza urbana e coleta de resíduos sólidos
- Desconcentração da distribuição social

Segundo dados pesquisados pelo grupo, apenas 1% da água presente no país é própria para consumo, enquanto os outros 99% têm algum problema em sua composição, tornando-se inadequada. A utilização dessa água, que no momento é imprópria para ingestão, pode causar enfermidades como: hepatite, leptospirose, esquistossomose, amebíase e ciguatera. Com a saúde pública em más condições, pessoas mais desfavorecidas não teriam dinheiro para financiar o tratamento contra essas doenças, o que geraria a morte de mais brasileiros, e conseqüentemente pioraria a qualidade de vida no Brasil.

A má distribuição dos recursos hídricos no Brasil é muito marcante, visto que a região norte tem uma grande abundância desses recursos e abriga apenas 7% da população. Já a região sudeste encontra-se na situação contrária, abrigando uma maior quantidade de pessoas e uma menor disponibilidade de água potável. Portanto, é evidente que as autoridades precisam encontrar um jeito de tornar essas grandezas proporcionais e dar fim a um grande problema da sociedade.



Vale destacar a região do sertão nordestino, onde são apresentados baixos níveis pluviométricos, e, por consequência, a má distribuição de água e baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). Com isso em mente, pode ser mencionada a tão conhecida transposição do São Francisco, que continua a avançar até os dias de hoje. Possuindo um avanço significativo de 31,54% do funcionamento para 100% no eixo norte, em apenas 3 anos foram investidos R\$3,5 bilhões, o que corresponde 25% de tudo o que foi investido nas obras até hoje (R\$14 bilhões).

A transposição é um projeto que visa por transferir parte da água do Rio São Francisco para regiões do nordeste, mais especificamente o sertão, altamente atingido pela seca. Isso seria uma maneira de dar mais acessibilidade hídrica aos diversos habitantes do sertão, que atualmente necessitam de uma ação, como essa, para melhorar a qualidade de vida. Além disso, o plano geraria mais empregos durante sua construção.

Contudo, não podemos dizer com convicção que a transposição é uma ideia completamente positiva, vendo que são apresentados diversos contrapontos. Pode-se dizer que esta obra é, possivelmente, vendida como uma falsa solução contra a seca, tendo como propósito beneficiar interesses políticos e privados, não os populares, sendo contraditório.

Ademais, a construção é extremamente cara, tendo o custo de bilhões de reais vindos de nosso próprio bolso. Outro fator que vai contra essa ideia benéfica são os empregos gerados pela obra, que seriam puramente temporários, vendo que após o fim da construção do projeto eles serão finalizados.

Além disso, há o risco de salinização e erosão dos rios receptores. Além disso, haveria uma interferência nos ecossistemas aquáticos, impedindo o caminho que poderia ser usado pelos animais para imigração, e terrestres, prejudicando a vida presente nos rios que sofreriam a interferência. Outrossim, com as obras ocorreria um desmatamento de aproximados 430 hectares, e por consequência diversos animais terrestres não conseguiriam mais viver em seu habitat natural.



Mapa do Rio São Francisco



Salinização do Rio São Francisco em Alagoas

Entre 2003 e 2007, juntamente com o Fórum Permanente de Defesa do Rio São Francisco, criou-se a campanha 'Revitalização sim, Transposição não', que teve como intuito esclarecer a população sobre a inconveniência da transposição do rio.

Em suma, a transposição do Rio São Francisco pode apresentar diversos pontos positivos que geram a ideia de que deve ser aplicada na prática, contudo, após analisar as diferentes alternativas e realidades podemos concluir que essa não seria a melhor opção. Dessa forma, a construção de cisternas vem a ser uma entre as melhores opções, já que distintivamente do projeto citado anteriormente, esta alternativa teria um baixo custo econômico, causaria menos danos ao meio ambiente, além de gerar maior volume de água, tornando-se mais eficiente.

Outro exemplo de oposição é o Instituto Espinhaço, que criou a campanha 'Plantando Águas para o Rio São Francisco', que visa contribuir para a segurança hídrica da bacia hidrográfica do São Francisco. Com tal objetivo, eles visam pela restauração vegetal nas áreas de preservação permanente, o que é algo que vai na direção da obra governamental. Onde é causada muita destruição ao meio ambiente, eles têm como objetivo a restauração do meio.

De acordo com diversas instituições, como o GAMBA (Grupo Ambientalista da Bahia), o projeto não seria a melhor das ideias, já que em seu posicionamento o classifica como algo que visaria por satisfazer interesses políticos, e não do povo.



Construção de cisternas

REPRESENTATIVIDADE DOS PROBLEMAS AMBIENTAIS NA ARTE

Muitos artistas tentam conscientizar as pessoas sobre as mudanças climáticas e as crises ambientais que o mundo vem sofrendo através de suas obras de arte.

Atualmente os problemas ambientais, como o desmatamento e aquecimento global, estão se agravando cada vez mais, tudo isso pelo motivo de nós estarmos presos em um sistema que estimula cada vez mais estas atividades exploratórias, e que nos faz ficar dependentes a ele. Por exemplo, hoje em dia as indústrias programam os seus produtos para terem um tempo de vida curto, assim precisamos comprar um novo, isso é conhecido como

obsolescência percebida ou perceptiva. Ou seja, nossa sociedade é consumista, damos o foco principalmente a economia, com isso, acabamos esquecendo as implicações disso. E por mais que não quiséssemos impulsionar essas atividades, já estamos incluídos nisso, e seremos tão impactados quanto os outros seres vivos do planeta Terra. Dessa maneira, é muito importante falarmos sobre a preservação do meio ambiente, e conscientizar as

pessoas sobre o quão é essencial mudar nossos hábitos de consumo e a forma que tratamos o planeta em que vivemos. Estas são maneiras de manifestar essas questões as pessoas. Assim vários artistas como uma maneira de expor esses impactos a população produziram filmes, pinturas, grafites, músicas, curtas entre outros.

PROBLEMAS AMBIENTAIS NAS ARTES CINEMATOGRAFICAS



STEVE CUTTS

Entre tais artistas, escolhemos citar o animador Steve Cutts, que ficou famoso na mídia por suas animações curtas-metragem que criticam as grandes empresas e a nossa atual sociedade capitalista, demonstrando atos humanos terríveis, como o desmatamento e a poluição. Uma de suas animações mais famosas é "MAN", que retrata a exploração dos seres humanos sobre o planeta Terra e o quanto isso é prejudicial, resultando na extinção de diversas espécies de seres vivos, ameaçando o meio ambiente e colocando a vida de todos nós em risco.

Ainda no tópico das artes cinematográficas, uma animação que retrata muito pensamentos parecidos com os de Steve Cutts é o filme "O Lorax: Em Busca da Trúfula Perdida", feito por Dr. Seuss e adaptado pelo estúdio de animação infantil, Illumination. Embora seja um filme infantil, ele demonstra como as ações humanas voltadas para o desmatamento e capitalismo irresponsável, que são fruto do nosso egoísmo e ambição, poderão impactar o nosso planeta.



O LORAX

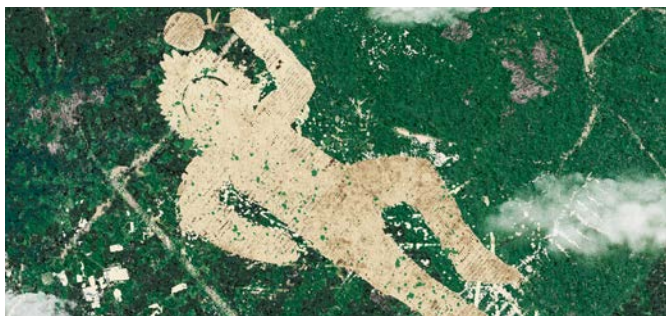


Outra produção muito interessante que aborda esse tema sobre meio-ambiente, e estimula o pensamento crítico dos espectadores é "WALL-E", ele retrata sobre a destruição humana no planeta terra, e que após entulharmos o mundo de lixo e poluir a atmosfera terrestre, a humanidade deixou o planeta e começou a viver no espaço em uma grande nave. Será que esse será nosso futuro?

VOCÊ SABIA?

No filme Lorax houve a composição de uma música demo na qual seria adicionada ao filme, entretanto os desenvolvedores decidiram descartá-la. A música "Biggering" tem como significado a ganância do mundo capitalista, ela é cantada pela perspectiva do vilão do filme, uma vez que ele conseguiu o que mais queria, mas, em seu ponto de vista, ele precisava de muito mais do que um simples escritório, sem se importar com a morte da biodiversidade ou a condição dos outros. Diferentemente da música "How Bad Can I Be?", na qual o antagonista é retratado como alguém de puro entretenimento, em "Biggering" o vilão não é romantizado pelos seus atos hediondos contra a natureza, ele é egoísta, ganancioso, cruel e ignorante com temas ambientais, no final do storyboard da música descartada, é perceptível que a ganância de nosso antagonista destruiu o meio-ambiente e prejudicou não só ele como a população das cidades, com o ar poluído. É inegável que a música faz uma crítica ao pensamento capitalista no qual transforma a natureza em nada mais e nada menos do que apenas mercadoria.

PROBLEMAS AMBIENTAIS NAS OBRAS DE ARTE



NATUREZA MORTA - Denilson Baniw

Esse tema, além de ser retratado em filmes na mídia, também está presente nas obras de artes como pinturas, grafites, entre outras. Denilson Baniwa, por exemplo, é um artista, curador, designer, ilustrador, comunicador e ativista dos direitos indígenas brasileiro. Ele é conhecido como um dos artistas contemporâneos mais importantes da atualidade por ajudar a dar protagonismo aos indígenas no Brasil através de sua arte.

Além disso, ao dar essa representatividade a eles, Denilson também está tentando conscientizar as pessoas sobre o meio ambiente e os impactos ambientais. Ele diz que suas obras criam curiosidade nos espectadores os fazendo querer procurar sobre a mensagem que o autor procurou transmitir através dela.

Um outro artista brasileiro que produziu um grafite, como uma forma de manifestação artística contra essa exploração ao meio ambiente, que vem ocorrendo no mundo contemporâneo, foi o Thiago Mundano. Ele criou um mural com cinzas da Amazônia reproduzindo uma pintura produzida pelo artista Candido Portinari, "O lavrador de Café" de 1939, a qual retratava a época em que a economia do Brasil era movida pelo café, e que o trabalho escravo foi a base dessas produções.

Sendo assim, Thiago Mundano teve a brilhante ideia de adaptar essa pintura original, fazendo uma provocação sobre como nós seres humanos estamos tratando o meio ambiente. Então, na tela, ele utilizou cinzas das queimadas da floresta Amazônica para fazer a obra de arte. Além disso, no lugar onde fica a figura do escravizado, o artista substituiu por um bombeiro que está no meio de um incêndio e aos animais mortos nas florestas.



Artista brasileiro cria mural em SP com cinzas da Amazônia (terra.com.br)

PROBLEMAS AMBIENTAIS NAS MÚSICAS

Michael Jackson: Ainda relacionando esse assunto com diversas manifestações artísticas, Michael Jackson, o famoso cantor estadunidense e também conhecido "rei do pop", compôs a música "Earth Song" em português "Música da Terra". Esta fala sobre crueldade animal, desflorestamento, poluição, caça ilegal, pobreza e guerra, podemos reparar isso pelos trechos: "E o nascer do sol?; E a chuva?; E todas as coisas que você disse que iríamos ganhar? E sobre exterminar campos?..." Isso tudo faz parte do cenário atual em que estamos presos e dependentes. A ideia de Michael era espalhar essa importante mensagem para os ouvintes e fãs, relatando sobre esse grande problema que a humanidade está encurralada e o quanto sofremos com isso.

Luiz Gonzaga: Além do cantor internacional Michael Jackson, um cantor pernambucano Luiz Gonzaga, também produziu uma música chamada "Xote Ecológico", que tem como tema principal a questão das consequências dos seres humanos nesses impactos severos feitos a natureza. O refrão da música é "Não posso respirar, não posso mais nadar. A terra está morrendo, não dá mais para plantar. E se plantar não nasce, se nascer não dá...". Pode-se observar que a letra dessa canção tem ligações com essa grande questão de potencialização dos impactos a natureza, e sua relação com os seres humanos que aqui vivem, e como nós estamos sendo cada vez mais afetados por isso.

Recapitulando o que foi no começo, atualmente os problemas ambientais estão sendo potencializados pelos seres humanos e causando diversos impactos negativos na vida das pessoas. Um exemplo disso, além das queimadas e desmatamento, seria as mudanças climáticas causadas pelo aquecimento global. Essas modificações no clima já são algo natural no nosso planeta, porém, com o lançamento de combustíveis pelas industriais, automóveis, entre outros, faz com que esses gases perfurem mais ainda a camada de ozônio que engloba o globo terrestre. Sendo assim, um dos locais que sofreram uma grande modificação no clima, foi a Europa. O continente Europeu está sofrendo com grandes ondas de calor nesse ano (2022), principalmente entre os meses de junho e julho. O que causou um grande aumento das temperaturas e também o agravamento das secas. Como consequências disso, ocorreram mais incêndios florestais, nos quais duas pessoas faleceram, além de que os trens da área foram interrompidos por risco de o fogo chegar aos trilhos. Além disso, houve desconfortos respiratórios e até mesmo a morte de algumas pessoas que não conseguiram aguentar esse enorme calor. Como se isso não bastasse, esse fenômeno também causou um derretimento das geleiras dos Alpes centrais da Europa. Em suma, a conscientização é uma parte muito importante para a diminuição dos problemas ambientais, isso faz as pessoas diminuírem desperdícios desnecessários e aumentarem atos para proteger o meio ambiente. Poucas ações fazem grande diferenças, como a reciclagem ou uso de produtos biodegradáveis. Por isso a representação de coisas como desmatamento e consumismo na mídia fazem tanta diferença, e deveriam ser mais incluídas para a melhor mostra e incentivo de tentar melhorar a natureza do planeta.



É HORA DE FALAR SOBRE A AMAZÔNIA

Como um bioma fundamental para o globo está sendo ameaçado e quais medidas estão sendo tomadas atualmente.

A Floresta Amazônica, maior floresta tropical do mundo e compreendendo enorme diversidade de fauna e flora, estende-se por cerca de 6 milhões de km². A beleza e riqueza natural desse bioma é muito apreciada por aqueles que entendem sua importância, porém ao mesmo tempo, muito cobiçada por aqueles que a veem apenas como uma fonte comercial e de matéria-prima valorizada.

Historicamente, sabemos que as riquezas naturais brasileiras são exploradas desde o primeiro contato do ocidente com o nosso país. Apesar de a exploração ser inicialmente na mata atlântica, com o desenvolvimento da percepção e interiorização da nação, foi possível observar o potencial econômico que a floresta possui, assim, passou a ser bastante disputada por aqueles que queriam seu controle para atividades comerciais. Porém, essa disputa é presente atualmente e com isso muitos problemas em relação à sua conservação, uma vez que suas fronteiras e limitações por lei são desrespeitadas para atividades econômicas.

Todavia, antes de discutirmos os problemas de preservação do bioma, é relevante constar sua importância. A vegetação, também conhecida como o

“Pulmão do mundo”, representa um terço das florestas tropicais do mundo, dessa forma, seu papel é imprescindível para a manutenção do solo, garantindo sua qualidade e potencial, para os estoques de água doce do Brasil e do mundo e para a sua biodiversidade e equilíbrio ecológico.

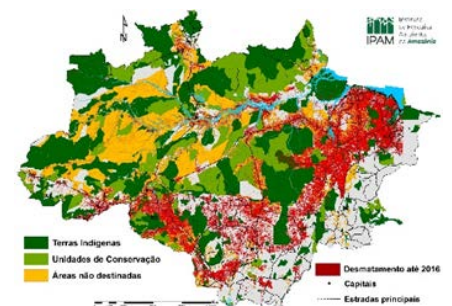
Em relação à importância hídrica da Amazônia, é fato que seus rios respondem por quase um quinto da água doce que deságua nos oceanos, e a umidade de parte da Bacia Amazônica atinge e regula o clima de países como a Argentina e Uruguai. Logo, a região é também inegavelmente fundamental para o equilíbrio climático do planeta, pois sua umidade e alto índice de evapotranspiração são influentes no nível global de pluviosidade. Dessa maneira, sua diminuição ou destruição, significaria um decaimento do índice de chuvas, alterando as características climáticas e vegetais de diversas localidades e gerando um desequilíbrio ambiental.

Ademais, a floresta também é o ambiente com mais biodiversidade de nosso planeta: com mais de 60 mil espécies identificadas, e muito mais a serem descobertas, ela representa 15% de toda a fauna e flora global, estabelecendo-se como crucial sua preservação para evitar um desequilíbrio ecológico, que pode afetar toda a relação mundial de biodiversidade.

Logo, com o papel tão fundamental que este bioma representa, é imprescindível a sua preservação. Porém, isso não ocorre na medida em que deveria atualmente, e é por essa razão que o que é mais noticiado na mídia são aspectos negativos sobre este tema.

Uma das principais ameaças para a preservação do bioma é a extração ilegal de madeira, que representa quase 40% de toda a madeira extraída da floresta. A área desmatada é então usada para atividades de agropecuária, visando o lucro individual, sem preocupações sobre as implicações ambientais.

Um exemplo claro dessa ilegalidade é o período de agosto de julho de 2020 e agosto de 2021 no qual foram desmatados 21.257 km² de área florestal.



<https://ipam.org.br/bibliotecas/desmatamento-em-terras-indigenas-na-amazonia-ate-2016/>

Porém, ultimamente, o principal e mais preocupante agravante da redução de sua extensão é a mineração. Foram desmatados cerca de 405,36 Km², nos últimos cinco anos, segundo dados do Sistema de Detecção de Desmatamento em Tempo Real (Deter). O desmatamento por mineração cresceu 80,62% no primeiro trimestre de 2022. Além disso existem diversos focos de garimpos ilegais na região da Amazônia, desmatando cerca de 20% do território florestal que deveria ser preservado.



Os impactos que essas ações causam no território da Amazônia são enormes, além do aumento do desmatamento causam contaminações em rios e no solo por conta do uso do mercúrio colocando em risco a sobrevivência das comunidades indígenas e ribeirinhas na região, evitando a preservação na Amazônia.

A pesquisadora Luciana Gatti, em um depoimento em outubro deste ano, expressou desespero ao observar “a Amazônia ser assassinada” pelas políticas do nosso país. E o nosso governo toma medidas insuficientes para cessar as atividades supracitadas que tanto prejudicam as atividades contra o nosso bioma.

Atualmente, pesquisadores como Gatti, entre outros cientistas, alertam que, cada vez mais, iremos sentir os efeitos do descuido com a Amazônia. O produto disso, iniciou-se com o aumento da duração da estação seca, com temperaturas mais altas e reflexos ambientais intensificados.

Porém, no presente, os efeitos negativos começaram a ser observados na estação chuvosa, em 2020 choveu 12% a menos na floresta inteira, no acumulado anual.

Isso é uma tragédia. Choveu 26% a menos em plena estação chuvosa. E os efeitos nas áreas mais desmatadas são ainda maiores.



Não só isso, mas a diminuição da cobertura da floresta também impacta a quantidade de carbono no ar. No entanto, o desmatamento e a extração de madeira liberam esses gases para a atmosfera, poluindo o ar e contribuindo para o desequilíbrio da temperatura. Com as queimadas na região amazônica, as árvores liberam em torno de 200 milhões de toneladas de carbono por ano.

Em uma pesquisa do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE),s dados mostraram que regiões que perderam mais de 30% da cobertura vegetal tiveram uma emissão de carbono mais de 10 vezes maior do que em outras regiões que perderam até 20%. Ou seja, a floresta está emitindo mais carbono do que consegue absorver pela fotossíntese.

Logo, o ritmo com que a floresta vem sendo antropologicamente desmatada é insustentável, e todas as previsões são negativas, em um cenário de 65 anos, prevê-se que apenas 5% do bioma original estará intacto. Por isso, são necessárias medidas concretas e comprometimento governamental para impedir o agravamento das mudanças em grau global.

Porém, não podemos negar que juntamente às práticas ilegais, o papel do governo não está sendo bem executado, uma vez que este é o maior responsável pela floresta e por sua preservação.

Durante o governo Bolsonaro, os índices de desmatamento na floresta cresceram assustadoramente. Especialistas estão alarmados pelas políticas ambientais tomadas pelo presidente, que frequentemente negligenciou os problemas na área e mentiu sobre suas reais condições.

Por isso, são fundamentais ações concretas e o cumprimento de leis que



punem a mineração e desmatamento ilegal na área, caso contrário a quantidade de cobertura vegetal decrescerá cada vez mais e suas consequências serão irreversíveis.

Entre outras medidas, o Projeto de Lei 415/20, do Senado, institui o Fundo Amazônia na forma de uma associação civil sem fins lucrativos destinada a receber doações em dinheiro para ações de prevenção, monitoramento e combate do desmatamento na Amazônia Legal. O texto está agora em análise na Câmara dos Deputados. A aprovação desse fundo significaria um aumento no orçamento para a preservação da floresta, assim, tentando evitar as atividades que tanto preocupam essa área.

Porém, a mais importante reação a este problema é a fiscalização. Completamente necessária para identificar os focos de desmatamento e as áreas que apresentam risco para a situação ambiental.

A partir do mapeamento e análise das imagens de satélites, diversos focos problemáticos podem ser selecionados. Dessa maneira, sanções e punições podem ser aplicadas adequadamente, de modo que os responsáveis sejam devidamente punidos, em uma tentativa de evitar a recorrência dessas ilegalidades.

As penas e as multas à representantes e efetuidores das atividades ilegais, buscam regularizar as atividades econômicas da floresta. Assim, com o controle disto é possível utilizar do potencial econômico de maneira sustentável, evitando as consequências danosas e efeitos supracitados.

BIOPIRACY: THE NEW FORM OF COLONIALISM THAT IS AFFECTING NATIVE POEPLER AROUND THE WORLD

As scientists, researchers and powerful nations steal traditional knowledge for profit, native peoples are influenced and controlled by them, having their rights violated

In recent times, biopiracy has become more common and has been constantly affecting indigenous peoples around the world. These people have their rights violated and no power to defend themselves from big corporations, as, often, they are wrongly seen as inferiors by society.

This happens in the context of biopiracy, in which researchers or research organizations appropriate traditional knowledge, taking biological resources without official sanction from less affluent countries or marginalized people. Biopiracy is not limited to drug development, it also occurs in agricultural and industrial contexts, such as the neem tree, tamarind, turmeric, and Darjeeling tea from India.



Biopiracy: deprivation of indigenous rights

In contrast, in bioprospecting the knowledge used to produce certain medicines includes ethical agreements with the local peoples and the benefits generated are shared with them. In this case, scientists and big corporations do not keep all the profit gained, as part of it is directed towards the people whose knowledge was used.

The term "neocolonialism" is used to define the relationship between developed and underdeveloped nations. It basically refers to a situation in which rich countries influence and control poorer countries. This word comes from Greek and means "new colonialism". Unlike colonialism, which is performed by a government or its military force, in neocolonialism a powerful nation's economy controls less powerful countries.

HOW DOES INDIGENOUS KNOWLEDGE HELP SCIENTISTS TO EARN A HUGE PROFIT?

Recently, a lot of new medicines, drugs and treatments with biological materials have been introduced in the world and they can be made with resources that we extract from nature. A big amount of these resources was already used by native tribes, like indigenous people, to prevent or cure diseases



Plants are used to make medicines

You may be asking yourself how these medical resources are related to scientific profit, but in this path of discussion we can relate these new medicines to techniques already used by native tribes, who introduced scientists to medicinal properties of some plants. With that, scientists "steal" the idea, make it look like it was their own, patent the product so they are the only ones that can produce it and make an enormous profit from this stolen knowledge.

This way, you could say that biopiracy happens mostly because scientists patent plants used by indigenous peoples and use them to produce modern medicines. Patents and trademarks are important for these scientists to earn a big profit over plants that are so commonly used by native peoples.

PORTUGAL'S COLONIZATION X NEOCOLONIALISM

Biopiracy can be related to Portugal's colonization of Brazil, because when the colonizers arrived in the country, they fooled indigenous people and appropriated their culture, getting natural resources from their land, such as Brazilwood (in Portuguese, "Pau-Brasil").



Colonialism: the forced entry into a territory

Some aspects of colonialism are the forced entry into a territory and its population, alteration or destruction of the indigenous culture and patterns of social organization, domination of the indigenous population by representatives of the invading society, and justification of such activities with highly prejudicial, racist beliefs and stereotypes.

In the same way, biopiracy contains aspects which connects it with colonization in formal terms. For instance, researchers dominate indigenous culture and take advantage of it to use it in medical ways, creating medicines to be sold in pharmacies and used in hospitals. However, they do not ask the indigenous people for permission, and, instead, they steal their formula and gain money with it, without the due crediting.



The knowledge stolen from native tribes becomes the pills we use

As researchers dominate indigenous knowledge by patenting plants that do not recognize the rightful creators of a medicine, we can say that biopiracy is a new form of colonialism, or, more specifically, neocolonialism. However, biopiracy is not practiced by colonizers, as that is not even viable nowadays. Instead, it is practiced by researchers or research organizations against indigenous peoples not only in Brazil, but in many other countries.

PATENTS AND TRADEMARKS BEHIND THE OWNERSHIP OF CULTURAL KNOWLEDGE

As already mentioned, biopiracy has been historically linked to colonialism because colonizers removed from their colonies natural resources and used them for profit. Some of these plants are still very important in the world's economy, even in countries they were not native to, such as pepper, sugar, coffee, quinine, and rubber.

The main idea behind colonialism is ownership. In colonial times, colonizers "owned" their colonies, and, therefore, owned their natural resources, such as mineral, trees and other plants, as well as the knowledge of the people who lived there. In the modern world, patents and trademarks created by organizations and multinational groups give them a kind of ownership over the knowledge they stole from indigenous peoples. This gives corporations certain power over the native peoples, as they own part of their culture.



The violence of colonialism

Therefore, neocolonialism happens because most of the northern hemisphere has all this knowledge, this power, and they simply appropriate these resources to use them more efficiently, ending up holding a monopoly (patents). When traditional knowledge is turned into property, the use of these plants becomes exclusive and cannot be developed by the country it comes from.

HOW PIRATE SCIENTISTS BECOME THE GOOD GUYS

Most medicines are made based on indigenous knowledge, but these people usually get no merit for it. Instead, scientists are recognized as honorable people in society, as they stole knowledge and used it as theirs. In the context of biopiracy, these scientists can be considered the pirates who steal knowledge, and who are seen as good by most people because they created medicines with it.

With that said, it is important to say that, because of biopiracy, indigenous cultures are not valued in our society and are seen by most people as irrelevant and not professional. However, what they do not know is that most of the medicines we use nowadays could only be made because of many indigenous tribes, who had the knowledge to use natural resources to cure various diseases.



Plants used by indigenous peoples becomes profit in the hands of scientist

Furthermore, big multinational companies are making a lot of money and having a huge profit out of the products they make based on traditional indigenous knowledge. By asking the indigenous for help to understand the purpose of herbs, plants, and other resources, they save a lot of money that would have been used in research. Even with a huge profit, they do not give any of the money to those tribes or acknowledge the part they played in the production of a new medicine.

EXAMPLES OF BIOPIRACY

A study from UFJF found evidence of biopiracy of a secretion from the kambô frog (scientific name *Phyllomedusa Bicolor*). Fifteen tribes had knowledge that the secretion could be used as an analgesic and had antibiotic properties. However, a cross-referencing data on the international patent system found out that 11 patent countries may have taken appropriation of the resource.



Kambô frog

As another example, we have the neem tree, which is very important to the Indian culture, being sacred to some parts of the country. It is known for its medicinal properties, which include cleaning teeth, treating skin disorders, an antidote for malaria, meningitis, common colds, influenza, and as a spermicide and insecticide. In the 1990s, American researchers found a way to stabilize the oil from the neem seed to be used as an insecticide.

As another example, we have the neem tree, which is very important to the Indian culture, being sacred to some parts of the country. It is known for its medicinal properties, which include cleaning teeth, treating skin disorders, an antidote for malaria, meningitis, common colds, influenza, and as a spermicide and insecticide. In the 1990s, American researchers found a way to stabilize the oil from the neem seed to be used as an insecticide.

In Mexico, the Mayan peoples have a traditional fermented drink, pozol, which is used as a source of nutrition and a natural prevention against giardia, amoebas, and other intestinal diseases. In 1999, the Dutch corporation Quest International together with the University of Minnesota obtained a patent for an isolated microorganism in the drink, rather than the drink itself. Both organizations involved in this refused to recognize the indigenous knowledge that produced the drink. The native peoples are demanding that the Mexican government creates laws to protect the rights of these peoples.



"REDUCED INEQUALITIES"

In the United Nations' SDGs, one of their goals is reducing inequalities (10), which we can relate to the topics that we have been discussing. When we talk about neocolonialism, the relationships between scientists and native tribes are not equal, so most of the time scientists feel "free" to use their advantages to reach their goals with more ease. In the topic of biopiracy, scientists have this sense of power and think it is correct to steal knowledge from these tribes. Most times, they also think there will be no consequences to this theft and, sadly, there usually are not.



Sustainable development goals

"PEACE, JUSTICE, AND STRONG INSTITUTIONS"

Another SDG that can be related to biopiracy is number 16: peace, justice, and strong institutions. This can be related to biopiracy because during the process of making new medicines and stealing knowledge, a lot of people (natives and scientists) can get hurt or get into an argument about this. The indigenous peoples often have no access to legal ways of protecting themselves, their natural resources, and their knowledge, nor the money to obtain them, while scientists and big corporations can get the law on their side very easily. Because of this, it is important to have strong institutions that can protect the native tribes' rights in the discussion of these matters and the protection of their knowledge, and to help them to finally find justice and peace.



"PARTNERSHIP FOR THE GOALS"

Besides the SDGs 10 and 16, we can also relate some aspects of this topic to the SDG 17, which is partnership for the goals. It is linked to biopiracy because scientists have a goal when using native people's knowledge about plants, which is to produce medicines. With that, they steal that knowledge and, without permission, use it as if it were theirs for profit. If, instead of this, those scientists had permission to use that knowledge to make new medicines and shared their profit with the people who helped them, all the parties involved would benefit. Even if the scientists did not get more benefits, they would not risk getting sued by those populations.

NADANDO EM ÁCIDO

O impacto da ação humana no processo de acidificação dos oceanos

A acidificação dos oceanos é um problema muito relevante atualmente. Devido ao infeliz aumento da presença de dióxido de carbono (CO_2) na atmosfera, o pH dos oceanos passou a diminuir, ou seja, as águas ficaram mais ácidas, o que acarreta diversos impactos ambientais e econômicos. A situação se torna pior quando temos em mente que, com a diminuição do pH dos oceanos, cria-se um imenso obstáculo para a sobrevivência da biodiversidade oceânica e uma redução das populações de peixes e crustáceos, entre outros animais. Embora esse fato já seja preocupante o suficiente por si só, ainda há a consciência de que o impacto não se limita apenas ao ambiente marinho, como também ocorre na economia mundial, colocando em risco os empregos de mais de 160 milhões de pessoas.

Desse modo, é de extrema importância discutir as causas e consequências de tal fenômeno, assim como suas possíveis soluções. Mais ainda, é preciso compreender até que ponto a ação humana em relação ao aumento da emissão de gases poluentes tem uma relação de causalidade com o processo de acidificação dos oceanos. No seguinte texto, será tratado a respeito do fenômeno por si só, além das reações químicas por trás de sua ocorrência, forma como acontecem e como evitá-las.

A princípio, é possível constatar que o aumento do fenômeno conhecido como acidificação dos oceanos se deve à maior quantidade de dióxido de carbono (CO_2), liberada por atividades humanas que poluem o meio ambiente. É possível observar tal ocorrência, por exemplo, na queima excessiva de combustíveis fósseis por automóveis, na extração de gás natural e na destruição e queima de florestas para abrir lugar a atividades como a pecuária. Essa absurda liberação de CO_2 na atmosfera por meio das atividades citadas anteriormente, colabora para agravar o efeito estufa e, portanto, intensificar o intolerável aquecimento global.

Desse modo, a acidificação dos oceanos é essencialmente a diminuição do pH de um meio ou solução. No caso da acidificação dos oceanos, esse processo é causado pelo aumento do gás dióxido de carbono (CO_2) na atmosfera, que se liga às moléculas de água, formando ácido carbônico (H_2CO_3). Este, por sua vez, se ioniza (separa) em contato com a água, formando ânions carbonato (CO_3^{2-}), que são usados na formação de conchas e estruturas de corais, por exemplo. Além disso, como dito previamente, tal fenômeno tem como principais causas a maior liberação de dióxido de carbono na atmosfera por atividades humanas como a queima de combustíveis fósseis, a derrubada de florestas, entre outros.



Figura 2: (Disponível em: <https://arvoreagua.org/ambiente-costeiro-e-marinho/acidificacao-dos-oceanos>. Acesso em: 17 out. 2022)

Indubitavelmente, o fenômeno da acidificação dos oceanos possui diversos impactos negativos, tanto nos âmbitos social e econômico, quanto no âmbito ambiental. A diminuição do pH das águas dos mares pode causar desde o branqueamento dos corais que neles habitam até a interrupção de atividades de turismo em cidades litorâneas, de modo que a maioria dos dolorosos impactos será contemplada nos parágrafos seguintes.

Um exemplo de impacto ambiental da acidificação dos oceanos, como mencionado anteriormente, é o branqueamento dos corais, causado pelo aumento da temperatura das águas marinhas. Com o aumento da concentração de dióxido de carbono (CO_2) nos oceanos e a posterior formação de ácidos – que são justamente a causa da acidificação dos mares – a temperatura oceânica também acaba aumentando. Tal fenômeno pode ser comparado, inclusive, com o efeito estufa, causador do aquecimento global.

O efeito estufa é um processo que tem sua origem ligada à formação da atmosfera terrestre, quando os gases que a compõe começaram a surgir. Sua função principal é a de manter a temperatura terrestre adequada para a existência da vida por meio da absorção de calor pelas moléculas de alguns gases atmosféricos.

Dessa forma, o efeito estufa ocorre da seguinte forma: os raios solares atingem a superfície terrestre e são refletidos por ela na forma de radiação infravermelha, que os animais percebem como calor. Parte dessa radiação escapa da atmosfera e volta para o espaço. Entretanto, parte dela é absorvida pelas moléculas de gases complexos como o dióxido de carbono (CO_2), o metano (CH_4) e o vapor de água (H_2O). A absorção do calor por esses gases, então, significa que ele fica “preso” na atmosfera e que, portanto, a temperatura da Terra aumenta.

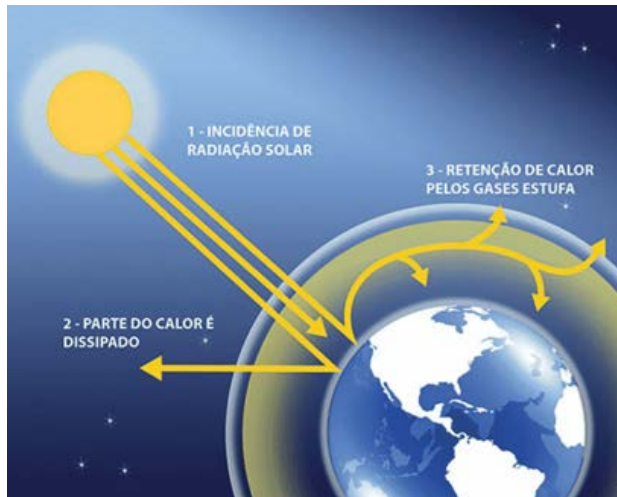


Figura 3: Esquemática do efeito estufa. (Disponível em: <https://aprobio.com.br/noticia/voce-sabe-o-que-e-o-efeito-estufa>. Acesso em: 17 out. 2022)

Contudo, com a queima de combustíveis fósseis e o aumento da concentração de CO₂ na atmosfera, como citado anteriormente, o efeito estufa passou a ser intensificado de forma intensa pelas ações humanas, causando o chamado aquecimento global. Segundo a ONU, tal processo consiste nas “transformações de longo prazo nos padrões de temperatura e clima”, que podem acabar tendo consequências alarmantes para o meio ambiente.

O conceito de aquecimento global é recente. A partir de meados do século XVIII, com a Revolução Industrial, vêm sendo emitidos mais gases poluentes do que nunca. Tal ocorrência é feita por meio da consolidação do processo do capitalismo que, por sua vez, gera um impacto colossal na natureza global. Dessa forma, o pensamento de obter lucro a qualquer custo gerado por esse sistema criado pela acelerada industrialização faz com que haja um consumismo compulsivo, impulsionado por obsolescências produzidas e programadas. Por sua vez, elas criam uma grande demanda ambiental que faz com que recursos naturais fiquem cada vez mais escassos, o que ameaça a biodiversidade natural e a vida na Terra como um todo. Também, é possível dizer que, desde essa Revolução, a acidez dos oceanos já aumentou aproximadamente em 30% devido, justamente, ao lamentável aumento da concentração de CO₂ na atmosfera.

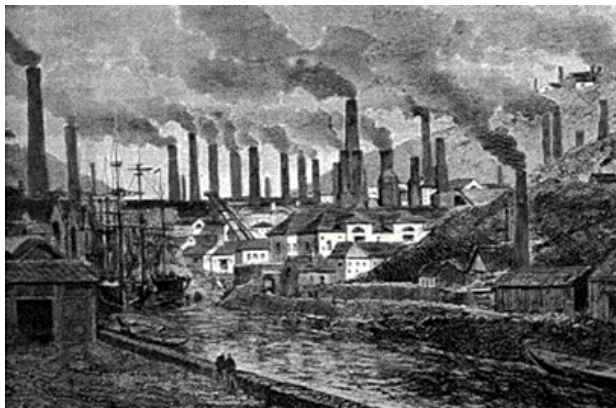


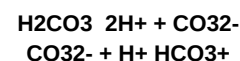
Figura 1: Gravura da Revolução Industrial, ocorrida em meados do Século XVIII. (Disponível em: <http://aulasonlinedehistoria.blogspot.com/2015/11/cidades-industriais-e-vida-operaria.html>. Acesso em: 17 out. 2022.)

Como se sabe, os oceanos absorvem grande parte dos gases presentes na atmosfera, de modo que é esse fator que torna possível a existência de vida embaixo d'água. Todavia, segundo dados da revista National Geographic, 90% do excesso de calor retido por moléculas de gases do efeito estufa é incorporado aos oceanos, que também absorvem cerca de um terço das emissões de dióxido de carbono (CO₂). Assim, com a maior concentração de CO₂ e com sua posterior transformação em ácido carbônico (H₂CO₃), as águas oceânicas passam a apresentar um alarmante aumento de temperatura. Tal fato faz com que os corais localizados em áreas impactadas expulsem algas fotossintetizantes conhecidas como zooxantelas, que participam de relações mutualísticas com esses cnidários e são essenciais para sua obtenção de nutrientes. Dessa forma, os corais acabam perdendo seus pigmentos e, se ficarem no estado acima descrito por muito tempo, eventualmente morrem, adquirindo uma horrível coloração branca. Esse fenômeno é conhecido como branqueamento dos corais.



Figura 4: Coral em processo de branqueamento devido à acidificação dos oceanos. (Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biologia/branqueamento-corais.htm>. Acesso em: 17 out. 2022)

Além disso, o processo da acidificação também prejudica animais que formam conchas e necessitam delas para sobreviver, como mariscos e moluscos. Isso ocorre porque quando o ácido carbônico se ioniza, forma íons carbonato (CO₃²⁻), que são usados na formação das conchas e das estruturas dos corais em condições normais de acidez. No entanto, se há um excesso de ácido carbônico, e, logo, um excesso de íons H⁺ na água, os últimos acabam reagindo com os íons carbonato – que seriam usados na formação de estruturas cálcicas por meio do carbonato de cálcio (CaCO₃) em condições normais – e formam íons bicarbonato (HCO₃⁻), impossibilitando, assim, a renovação e formação dessas estruturas cálcicas.



Para piorar ainda mais a situação, em ambientes com uma concentração de ácido carbônico ainda maior, é possível que essas mesmas estruturas cálcicas cheguem a reagir com o ácido carbônico não ionizado, formando bicarbonato de cálcio (Ca(HCO₃)₂), que é solúvel em água.



Assim, as conchas e estruturas dos corais praticamente se dissolvem, como mostrado na imagem abaixo.

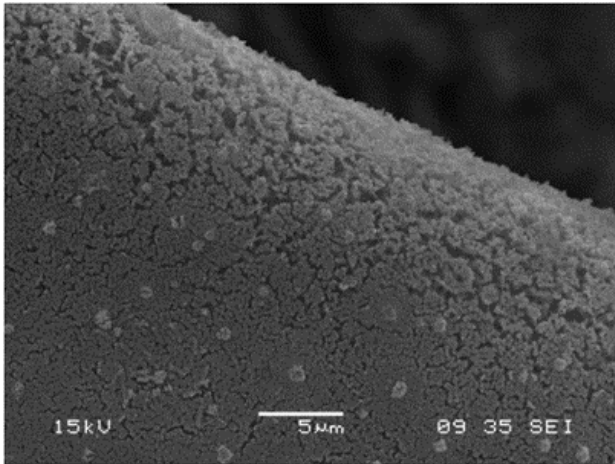


Figura 5: Concha em processo de dissolução. (Disponível em: <https://www.nature.com/articles/ngeo1635>. Acesso em: 17 out. 2022).

Adicionalmente, como mencionado previamente, a acidificação dos oceanos não causa apenas prejuízos ambientais, mas também econômicos: com a diminuição do pH das águas, atividades de turismo em cidades litorâneas passam a ser lamentavelmente interrompidas e, assim, impactam a economia desses locais. Diante dessa situação, muitas pessoas podem acabar perdendo seus empregos e não tendo fonte de renda, o que aumentaria os níveis de desigualdade social existentes no mundo.

Por fim, é possível, ainda, que a maior concentração de CO₂ nas águas marítimas prejudique o mercado de créditos de carbono, o que, futuramente, exigirá que países paguem altas taxas para arcar com as consequências.

Embora a acidificação dos oceanos seja, como visto anteriormente, repleta de efeitos negativos e traga diversos prejuízos ao planeta devido ao aumento da concentração de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera desde a Revolução Industrial, é imprescindível citar o fato de que ela também pode ter algumas poucas consequências positivas. Como exemplo, é possível citar o fato de que, como a acidificação causa a diminuição do PH das águas, a solubilidade de alguns metais, como do Ferro III, por exemplo, é alterada, o que torna mais presente no ambiente. Por ser um micronutriente extremamente importante para a sobrevivência de microrganismos como o plâncton, é possível concluir que o processo de acidificação, mesmo tendo impactos negativos, acaba por beneficiar algumas populações de espécies marinhas. Abaixo, é possível observar a imagem de alguns plânctons.



Figura 6: Dois plânctons em um experimento realizado pela universidade Bermuda Institute of Ocean Science. (Disponível em: <http://www.bios.edu/research/projects/polar-physiology/>. Acesso em: 17 out. 2022).

Junto a isso, esse efeito ainda gera uma maior transferência de CO₂ para os oceanos, já que esse fitoplâncton gera o dimetilsulfeto (C₂H₆S) que, ao ser lançado na atmosfera, ajuda na formação de nuvens. Dessa forma, as nuvens acabam por refletir os raios solares e, conseqüentemente, controlam o já citado: aquecimento global. Além disso, a geoengenharia teve a ideia de usar o ferro para "fertilizar" os oceanos. Com isso, as partículas de metal estimulariam o crescimento dos plânctons em questão.

Entretanto, mesmo com os aspectos positivos apontados, a conclusão mais certa é, sem dúvida, a de que a acidificação oceânica é um fenômeno negativo devido ao fato de causar diversos impactos dolorosos para a natureza e o homem, mesmo que possa beneficiar alguns indivíduos. Assim, é claro que tal processo, causado principalmente pela ação humana, está em total desacordo com normas internacionais estabelecidas, por exemplo, pela Organização das Nações Unidas (ONU). De forma a construir um mundo mais sustentável e igualitário, a ONU definiu 17 metas que devem ser atingidas até o ano de 2030, chamadas Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Desse modo, os aspectos negativos acima citados estão em total desacordo com, por exemplo, os ODS 9, 13 e 14 e, também devido a esse fato, devem ser urgentemente resolvidos.

Assim sendo, o ODS 13 prevê o combate às alterações climáticas e às suas consequências, que é, justamente, uma das causas da acidificação dos oceanos.

Como já explicado anteriormente, o aumento da concentração de CO₂ na atmosfera por atividades humanas acaba, por meio de uma série de reações químicas, aumentando a temperatura dos oceanos e causando diversos prejuízos, além de contribuir para sua acidificação. Desse modo, combater as alterações climáticas seria, essencialmente, uma forma de também combater a acidificação oceânica. Para impedir que mais CO₂ contamine a atmosfera, é viável que sejam tomadas medidas como preferir a bicicleta ao carro – diminuindo a queima de combustíveis fósseis – e realizar o reflorestamento de áreas devastadas – aumentando, desse modo, a captura de CO₂ pelas árvores para a realização da fotossíntese e diminuindo sua concentração na atmosfera.



Por fim, o ODS 9, que prevê a implementação de indústrias sustentáveis e inovadas, também está diretamente relacionado ao processo de acidificação dos oceanos. A construção de indústrias mais sustentáveis e que tenham tecnologia suficiente para evitar que grandes quantidades de dióxido de carbono se misturem à atmosfera seria, além de uma forma de combater a acidificação, também um avanço com relação aos ODS estabelecidos pela ONU. Para tal, seria possível implementar filtros especiais nas chaminés industriais, de modo que seja possível reter os gases poluentes derivados das atividades das fábricas. Assim, o ODS 9 seria atingido de forma mais fácil e inteligente.



O ODS 14, por sua vez, prevê a conservação da vida embaixo d'água. Como também já mencionado, as várias reações químicas envolvendo o CO₂ atmosférico e a água dos mares acaba por causar a morte de diversos organismos como corais e moluscos. Portanto, o combate a essa destruição da fauna marinha colaboraria não somente para evitar a futura extinção de espécies, como também estaria de acordo com uma das metas estabelecidas pela ONU para 2030.



Como foi dito anteriormente, a acidificação dos oceanos é uma consequência do aumento drástico na concentração de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera da Terra. Logo, se diminuirmos a concentração desse gás, com o passar do tempo o processo de acidificação e suas consequências deixarão de afetar os oceanos. No entanto, é realmente mais fácil falar do que fazer, já que as indústrias, maiores emissores de dióxido de carbono (CO₂), não parecem se importar verdadeiramente com nada além do lucro. E, mesmo que este seja seu objetivo natural, não se importar com o meio ambiente é como assinar uma sentença de morte tanto para a espécie humana como para todas as outras espécies de plantas e animais que habitam o planeta.

HOW CORAL REEFS HAVE BEEN AFFECTED BY THE CLIMATE CHANGE

THE HUMAN IMPACTS ON MARINE LIVES

According to a United Nations' Environment Programme report, 14% of the world's corals have been lost since 2009 due to the rising temperature of the sea surface. Coral bleaching is a severe problem that is intensified by climate change. Some of the consequences are shorelines erosion, deterioration of the reef ecosystems in which life depends on, etc.

Corals are important for the protection of coastlines from storms and erosion, they also provide jobs for communities near them and are a major source of tourism for many places.

Furthermore, corals are directly related to the United Nations Sustainable Development Goals, especially goals 13 and 14. Goal 13 aims to "Take urgent action to combat climate change and its impacts", some of these impacts are coral bleaching and ocean acidification, both intensified by global warming. Goal 13 focuses on the decrease of carbon dioxide that can help to stop issues suffered by the marine environment.



Take Action for the Sustainable Development Goals. United Nations. Available at: < Take Action for the Sustainable Development Goals - United Nations Sustainable Development >. Access in 14 out. 2022.

One of the consequences of the increase of carbon dioxide (CO²) in the atmosphere is the ocean acidification and coral bleaching.

Without carbon dioxide, our planet would be extremely cold, in view of the fact that carbon dioxide is an important greenhouse gas that helps to keep the heat. However, the big concentration of CO₂ in our atmosphere, caused by burning fossil fuels, increases the temperatures more than expected in the oceans and in the world. This can lead to a thermal stress in the coral reefs, thus causing the corals to expel the algae zooxanthellae located in their tissues and resulting in their bleaching and making them lose their beautiful colors. And corals have a mutualistic relation with the zooxanthellae, where they change oxygen for nutrients and a kind of food.



Take Action for the Sustainable Development Goals. United Nations. Available at: < Take Action for the Sustainable Development Goals - United Nations Sustainable Development >. Access in 14 out. 2022.

However, we can also relate it with Goal 14: Life below water. As it aims to preserve and protect the ocean, sea, and marine resources in a sustainable way. Sea pollution is achieving terrible levels, in which for each ocean square meter there are 13.000 materials of plastic. The UN has set that until 2020, we should have controlled the trash in the world's oceans. Unfortunately, this goal has not been achieved yet, due to the increase of CO₂ in the atmosphere and its consequences, as we are going to present in this paper.

One of the consequences of the increase of carbon dioxide (CO²) in the atmosphere is the ocean acidification and coral bleaching. Without carbon dioxide, our planet would be extremely cold, in view of the fact that carbon dioxide is an important greenhouse gas that helps to keep the heat. However, the big concentration of CO₂ in our atmosphere, caused by burning fossil fuels, increases the temperatures more than expected in the oceans and in the world.

This can lead to a thermal stress in the coral reefs, thus causing the corals to expel the algae zooxanthellae located in their tissues and resulting in their bleaching and making them lose their beautiful colors. And corals have a mutualistic relation with the zooxanthellae, where they change oxygen for nutrients and a kind of food.

About 30% of the carbon dioxide released in the atmosphere, is absorbed by the oceans causing an increase of CO² in the seas as well. Once this increment happens, a lot of chemical reactions takes part and result in a concentration of hydrogen ions in the water, that consequently lowers the water pH below 7, which means that the water becomes more acid than basic, thus the ocean has an acidification, as can be seen in the graph below.



Photo of a fire coral that experienced severe bleaching in the 2016 mass bleaching event. The Ocean Agency / XL Catlin Seaview Survey / Richard Vevers

THE HUMAN IMPACTS ON MARINE LIVES

About 30% of the carbon dioxide released in the atmosphere, is absorbed by the oceans causing an increase of CO² in the seas as well. Once this increment happens, a lot of chemical reactions takes part and result in a concentration of hydrogen ions in the water, that consequently lowers the water pH below 7, which means that the water becomes more acid than basic, thus the ocean has an acidification, as can be seen in the graph below.

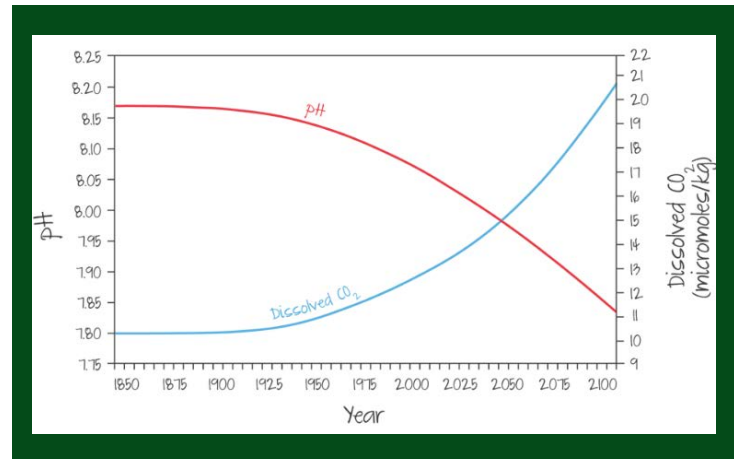
With the acidification of the oceans and seas, the coral reefs that are made of hard shells (which is basically the combination of calcium and carbonate from seawater) become weak because of the low pH or high quantity of hydrogen on the water. The hard shells need carbonate ions to calcify themselves. With the excess of hydrogen, the carbonate ions prefer to link to hydrogen rather than calcium, resulting in fewer possibilities of fortifying the structure of the shells.



What is ocean acidification? Find out how research at Plymouth is tackling this global carbon dioxide problem - University of Plymouth

When the corals suffer bleaching, they might not die but they become weaker, as they were more exposed to CO² than before. If the situation continues with rising water temperatures they might disappear, consequently damaging biodiversity. The balance of ecosystems needs healthy coral reefs, mainly because they protect coastlines areas and a vast number of sea animals. Furthermore, they are a natural water filter, being responsible for cleaning the sea. It is notable that if the coral reefs die, humankind can be affected socially, economically, and environmentally. With that in mind we need to revert this situation, as fast as we can.

As mentioned before, coral reefs are important for the environment, coastlines, sea habitat and for many other communities. Taking that into account it is extremely important to try to change and decrease the number of corals bleaching, because this will affect us in a terribly negative way. For example, coastal populations that depend on corals for economic reasons can struggle since jobs such as tour guides and fisheries could disappear. Or since corals are a source of nutrients and oxygen for animals this will interfere in some food chains, destabilizing the marine biodiversity.



Here is a graph which extrapolates the increasing CO₂ concentration in ocean water: (Carbon dioxide and the coral reefs | IBDP Biology SL FE2016 | Kognity)

In addition, one of the important issues of corals for coastal sites is the protection from rainfall, floods, waves, and other natural actions that happen in the seas, they prevent property devastation, loss of life and erosion, and when we don't have this coral reef on our coasts, we are subject to very serious damage to coastal cities and their populations.

Summing up, anyone can see that the reason for the corals bleaching and for its degradation, is human action. In most of the time, journals, TVs, and radios are talking about how we, humans, cause damage for the environment, but usually the given examples are related to rainforests and devastation. However, we cause a lot of adulteration in the aquatic life, and we must start thinking more about it and honoring ODS 14, which is protect aquatic life. But sadly, we are destroying this part of the environment and the corals bleaching indicate that. An important number shows that 65% of marine fishes live on the coral reefs, this illustrates the importance they have for the nature's biodiversity, and seeing the bleaching of the corals, it becomes clear how the seas are corrupted and the dangers for the aquatic life. This can be stated by the response we have about global warming, CO² production, the fuel dump, toxication

coming from trash that is thrown into the seas, plastic, and exploration of the seas, by tourism, for example. In the meantime, the entire population cannot just abstract the fact that we are in a way destroying our planet and that future generations will face a lot of difficulties, but if we start to change some habits that are bad for the environment, we have a chance to save the planet. Therefore, returning to the ODS 13, which is about facing the climate change and its consequences, we could try to find another type of transport and make it accessible, like normalizing electric cars, public transports start to be cleaner and safer, a bigger oversight on industries to see how they are controlling the production of CO² and being more responsible with consumption and waste. All these ideas are correlated with the decrease of global warming and how we could lower the rate of greenhouse gases, and this can result in better quality of life for the corals and the animals who live on the coral reefs, because if there is less CO² on the atmosphere, the sea will not absorb as much as it absorbed before, preventing the acidification of the corals and the expel of zooxanthellae, in this way the corals will be healthier, with their normal colors and contributing for a better aquatic environment.

Anna Teresa Siqueira, Juliana Inada, Linda Hong e Téo Brazoloto.

A LUTA DOS GUARANIS

GUARANIS: CULTURA E ORGANIZAÇÃO

Os povos Guarani vivem em territórios distintos que compreendem regiões do Brasil, da Bolívia, do Paraguai e da Argentina. No passado, esses povos teriam sido os primeiros a serem contatados após a chegada dos europeus na América do Sul, cerca de 500 anos atrás. Hoje, apenas no Brasil, é possível encontrar em sete estados diferentes, por volta de 51 mil indígenas dessa etnia, tornando-a a mais numerosa do país.

No Brasil, os Guarani se encontram divididos em 3 grupos: Kaiowá, Nandeva e M'byá. Entretanto, dependendo do local, eles também podem ser conhecidos como Avá, Chiripá, Kaingá, Montesés, Baticola, Apyteré ou Tembukuá. Esses grupos, apesar de semelhantes em seus fundamentos, possuem diferenças pertinentes entre modos de falar a língua guarani, de praticar sua religião e em relação às tecnologias que aplicam em sua conexão com o meio ambiente. Assim, se distinguem em comunidades políticas exclusivas, reconhecendo sua origem histórica, linguística e cultural ao passo que se diferenciam como forma de preservar suas próprias organizações sociopolíticas e econômicas.

No geral, os Guarani são coletores e caçadores e, em sua cultura, possuem a ideia da "terra sem males", um lugar anunciado por seus ancestrais onde as pessoas viveriam livres de dor e sofrimento. Sua busca por ela, tem durado por séculos e é reconhecida como um "traço distinto" desse povo, muito observado por aqueles que não fazem parte de sua cultura.

No entanto, ao longo dos anos, o povo indígena Guarani foi perdendo diversas de suas terras, sendo resumidos em pequenos pedaços cercados pelo agronegócio com campos de soja e cana-de-açúcar, precisando deixar de lado sua busca. Ainda há aqueles que não possuem terra nenhuma e são destinados a viver na margem da sociedade



Diferentes tribos Guarani do passado (<https://www.ogstaoeducacional.com.br/wp-content/uploads/2019/03/Tupi-guarani2.jpg>) acesso em 13/10/2022



Tumba do amigo líder indígena Marcos Véron (Disponível em: https://www.google.com.br/img/https://www.cesa.org.br/2/missao-ecumenica-em-mato-grosso-guarani-kaiowa-mh72?spig=40VwVg84Th9j9208q_47YfCokUcUc166508781320000&source=images&cd=vr&ved=0CawQ8w7w7C0CngYFSPQCAAAAAGAAAAA3)

Marcos Véron foi morto por espancamento de funcionários de Jacintho Onório ao tentar recuperar suas antigas terras.

No dia 13 de janeiro de 2003, Marcos Véron (1929-2003), o importante líder indígena anterior da comunidade Guarani Kaiowá de Takuara (MS), foi brutalmente assassinado ao ser espancado na fazenda Brasília do Sul por funcionários do fazendeiro Jacintho Onório da Silva Filho. O líder da comunidade foi levado a um hospital em Dourados, porém, para o desespero de todos, morreu quase três horas depois, às 11 horas e 50 minutos, devido a ferimentos em sua cabeça.

Em abril de 1997, após anos da tentativa falha de pressionar o governo sobre a devolução de suas terras, que haviam sido tomadas por um fazendeiro – uma prática comum e recorrente ao longo dos séculos – Marcos Véron decidiu levar sua comunidade de volta para o pedaço de terra sagrada, Tekohá, para lá viver. No entanto, sem possuir os documentos legais, o juiz responsável pelo caso aberto pelo fazendeiro na época decidiu expulsá-los à força do local.

Passado um tempo, em outubro de 2001, a comunidade indígena tentou retornar para o lugar novamente. Porém, uma situação absurda ocorreu: um grupo com mais de 100 policiais e soldados fortemente armados obrigaram os Guaranis a abandonar mais uma vez a sua terra. Com isso, foram injustamente forçados a viver em lonas de plástico ao lado de uma rodovia próxima à fazenda. Nisso, o líder indígena afirmou: "Isso aqui é minha vida, minha alma. Se você me levar para longe dessa terra, você leva minha vida".

Logo, em 13 de janeiro de 2003, foi feita uma terceira tentativa de retorno pelos Guaranis, durante a qual Marcos Véron foi cruelmente morto por espancamento pelos funcionários do fazendeiro durante a tentativa de expulsão dos indígenas.

Assim, após o ocorrido na fazenda Brasília do Sul, o governo realizou uma investigação oficial. Dessa forma, os promotores da República Charles Stevan da Mota Pessoa e Ramiro Rockenbach da Silva encontraram provas e depoimentos de que o fazendeiro Jacintho Onório estava empregando combatentes de forma ilegal e que, durante o ocorrido, mais de 15 indígenas que protestavam com Marcos Véron foram amarrados, sequestrados e terrivelmente torturados. Por consequência, no tribunal realizado posteriormente, todas as 28 pessoas envolvidas no crime foram, de forma justa, condenadas pela juíza Paula Mantovani da Primeira Vara Criminal de São Paulo a 12 anos de prisão por sequestro, tortura, homicídio qualificado e formação de gangues armadas.

Seja como for, analisando o ocorrido, é possível estabelecer uma ligação entre a situação e o objetivo 10 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis da ONU (ODS). Isto é, como esse ODS visa garantir a igualdade de oportunidades e, ao mesmo tempo, reduzir as desigualdades, pode-se entender que caso a meta fosse respeitada, tal situação poderia não ter ocorrido, uma vez que os indígenas haveriam tido a mesma oportunidade que o fazendeiro de conseguir o direito às terras, o que, obviamente, não aconteceu. Além disso, por esse objetivo, também almejar a eliminação de leis, políticas e práticas discriminatórias, é possível estabelecer outra ligação com o tema, dado que, se tal situação ocorresse, os indígenas Guarani não teriam passado pelo sufoco que passaram.

PAUTA DO STF

Está na pauta do STF o julgamento de um recurso que pode ser aplicado em outros processos, e que define os critérios para a demarcação de novas terras indígenas. Na prática, a Corte analisa se é válida a tese do "marco temporal", na qual indígenas só podem reivindicar terras que ocupavam até 1988, data quando a Constituição Federal foi instituída.

Essa tese foi usada pelo Instituto do Meio Ambiente de Santa Catarina, antiga Fundação de Amparo Tecnológico ao Meio Ambiente (Fatma), para solicitar a reintegração de posse de uma área localizada em parte da Reserva Biológica do Sassafrás, no estado, onde fica a Terra Indígena Ibirama LaKlãnõ, local em que também vivem os povos Guarani.



https://www.greenpeace.org/brasil/blog/marco-temporal-o-nome-elegante-do-genocidio?utm_term=&utm_campaign=pareto.de.gsn+-+Sales-Performance+Max+-+DOA%3%87%3%83O&utm_source=google&utm_medium=cpc&hsta_acc=3659611372&hsta_cam=16555859233&hsta_grp=&hsta_ad=&hsta_src=&hsta_lgt=&hsta_kw=&hsta_mt=&hsta_net=adwords&hsta_ver=3&gclid=CjwKCAjw-CaBhIAQEWaAULV4mKvM8hsoNEEuEGGBKZWPYtq-7a7cEeoXz3607T8zn2WxNgpKycbRoccesqAvD_BWE

DEMARCAÇÃO DE TERRAS



No dia 25 de agosto de 2021, cerca de 200 indígenas se concentraram no Pico do Jaraguá, na Zona Norte de São Paulo, para fazer um protesto contra a tese do marco temporal, que está em votação pelo Supremo Tribunal Federal (STF), em Brasília (DF).

Caso o marco temporal seja aprovado, os indígenas só poderão reivindicar a demarcação das terras nas quais já estivessem estabelecidos antes da data de promulgação da atual Constituição Federal, em 1988.

"A gente tem medo, nosso território é pequeno, [a Terra Indígena Jaraguá] só tem 532 hectares. Nossa preocupação é que, se essa lei for aprovada, a gente tem medo de invasores", contou Maria Ara Poty dos Santos, do povo Guarani Mbya. Naquela tarde, ela e outros membros da tribo cantaram músicas tradicionais e

carregaram cartazes com frases como "Luta pela vida", "O Brasil é terra indígena" e "Não destrua nosso futuro, só queremos paz e nossas terras demarcadas".

"A Terra do Jaraguá, como não concluiu sua demarcação, é completamente passível de ser questionada judicialmente, o que vulnerabiliza a terra que já foi comprovadamente atestada de posse tradicional indígena", explicou Gabriela Pires, advogada e assessora jurídica da Comissão Guarani Yvyrupa.

"Isso abre um flanco para conflitos fundiários. Estamos falando em populações hipossuficientes, vulneráveis em grande parte das vezes, populações que dependem do Estado brasileiro para ter saúde, educação, condições mínimas e básicas de vida, inclusive saneamento, água potável", afirmou Pires.

POLÍTICA DO "NEM UM CENTÍMETRO"

O Presidente Jair Bolsonaro prometeu, na disputa eleitoral de 2018, e anunciou pouco antes da posse na Presidência do Brasil: "Não terá um centímetro quadrado demarcado." Ao fim dos quatro anos de mandato, o presidente realmente cumpriu a promessa de não demarcar nenhuma terra indígena. A promessa foi renovada para a disputa em 2022, quando tenta a reeleição. Para afrontar a Constituição, que obriga a demarcação, Bolsonaro desafiou também a Justiça. Um levantamento da PGR (Procuradoria-Geral da República) revela a existência de 54 decisões da Justiça Federal obrigando a demarcação de terras indígenas. As decisões foram proferidas antes de Bolsonaro chegar à Presidência. São reveladas as consequências da criminosa decisão política de Bolsonaro, com a explosão de garimpos ilegais, desmatamento, exploração madeireira e atos de violência nesses territórios, cada vez mais apagando a história indígena.

Desse modo, a ODS de número 11 (cidades e comunidades sustentáveis) pode ser relacionada diretamente com a situação, pois seu principal objetivo é proteger e servir as pequenas comunidades sustentáveis, como as terras indígenas.



<https://www.jornalcidade.net/rc/documentario-brasileiro-a-ultima-floresta-e-premiado-no-festival-de-berlim/183762/>

O documentário "A Última Floresta", dirigido por Luiz Bolognesi, conta a história de um xamã que faz de tudo para manter suas tradições vivas, porém, os garimpeiros trazem consigo doenças, mortes, destruição e muitos desafios às suas terras. Este documentário faz diversas críticas a respeito da demarcação de terras, do garimpo ilegal e do desmatamento.

Cultura



PARTE 2

HUMANUS MUNDANO



Atrizes protestam contra censura, em 1968 | Foto do Arquivo Nacional

ARTE E RESISTÊNCIA NA DITADURA

A importância da resistência pela arte durante períodos políticos complexos como na ditadura do Brasil



Duis non ullamcorper erat. Aenean in

Quem matou Herzog?, em 1975 | Foto de Cildo Meireles

ARTES PLÁSTICAS

Enquanto a produção musical, cinematográfica e teatral no Brasil era alvo constante de censura durante o período militar, as artes plásticas passaram ao largo do terror da perseguição policial. Isso não quer dizer, porém, que os artistas mantiveram seus pincéis e ideias intocados pelos anos de chumbo no país. Pelo contrário, nas décadas 60 e 70, houve o aumento da produção dessas obras, todos buscando criticar o país autoritário que o Brasil tinha se tornado.

O período de restrições a uma série de direitos no país coincidiu com uma mudança importante no cenário artístico internacional. No início dos anos 70, a pintura e a escultura deram lugar às performances no palco principal da expressão artística.

A arte saiu dos museus e foi para as ruas e até para os corpos dos artistas. A produção brasileira de artes plásticas no período da ditadura refletiu não só o inconformismo com o regime autoritário, como também as mudanças artísticas pelas quais o mundo passava na época. Se, durante os anos 1950, havia um otimismo da arte nacional em relação ao desenvolvimento do país, como nos mostram o concretismo e a construção de Brasília, nos anos 1960, a palavra de ordem era romper com todos os padrões do "sistema". Artistas como Cildo Meireles, Ana Maria Maiolina, e outros. Na obra exposta acima, Cildo Meireles, artista neoconcretista, produziu entre 1970 e 1975 uma série de trabalhos que imprimiam frases consideradas subversivas em cédulas

de dinheiro e garrafas de coca-cola. Ele retirava os artigos de circulação, interferia sobre eles e os devolvia ao mercado. O artista carimbou em notas de dinheiro a frase "Quem matou Herzog?". Vladimir Herzog trabalhou como jornalista durante a vida e nas dependências do DOI-CODI foi vítima de tortura e pressão. A provocação era exposta a um número incalculável de pessoas e era impossível de ser controlada totalmente pela censura. O movimento artístico apresentava uma abordagem multissensorial, colocando o corpo e o público como objetos centrais da obra de arte, que, na verdade, eram feitas a partir de objetos banais para serem manipulados pelo receptor.

Embora sejam completamente contrários, a arte quanto à ciência subjetiva e a política como objetiva, são dependentes uma da outra em suas estruturas. Sem povo não há política, e o povo expressa seus sentimentos em forma de arte, e a arte depende de uma causa, muitas vezes uma causa política.

Um exemplo da arte como a voz do povo, é durante a ditadura no Brasil, uma vez que é impossível não citarmos as manifestações artísticas durante um dos períodos mais pavorosos da história do nosso país. Com a censura causada pelo AI-5, ficou cada vez mais difícil ocorrerem oposições a respeito do Estado, e foi pela arte que conseguiram demonstrar sua repulsa pela situação.

O TEATRO



Cena de Roda Viva, de Chico Buarque, montada pelo Teatro oficina em 1968. | Foto do Acervo Teatro Oficina

Além da música e das artes plásticas, produções cinematográficas e teatrais tiveram grande importância na resistência da ditadura militar de 1964.

Apesar de ser uma fase muito complicada, pelo isolamento do público com os artistas, a ditadura foi uma etapa de 'crescimento' das artes teatrais. Durante esse período de muita censura, essas produções sofreram grandes mudanças estéticas, como o do teatro oprimido criado por Augusto Boal, que tinha o objetivo de democratizar os meios de produções teatrais e popularizá-las. Além disso, temas polêmicos no âmbito rural e urbano como as greves operárias, movimentos sindicais, reforma agrária,

entre outros, tornaram muito presentes nas atuações. Para driblar as opressões do período, produtores e atores foram muito presentes na tentativa de expressar suas opiniões divergentes do governo. A primeira grande obra de resistência, durante o período ditatorial, aconteceu ainda em 1964, no ano de início do regime, foi a peça "Opinião" dirigida por Augusto Boal.

O espetáculo é montado por uma junção de diversos meios como a música, a escrita, citações de jornais e livros, depoimentos de pessoas, etc. Seu elenco contava com Nara Leão, Zé Ketti e João do Valle, importantes personagens durante a ditadura.

Além disso, obras como "Liberdade, liberdade", de Millôr Fernandes e Flávio Rangel (1965), "Papa Highirte", de Oduvaldo Vianna - Vianninha (1968), "O abajur lilás", de Plínio Marcos (1969) e "Roda viva", de Chico Buarque (1967).

Durante essa época outra revolução no ramo do teatro e do cinema aconteceu. Os grupos Teatro Arena e Oficina foram destaque nesse período de repressão, visando aproximarem os atores da plateia, a prática quebrar a quarta parede se tornou muito comum. Assim, durante uma apresentação o elenco avançava na plateia, provocando-os, às vezes, até de forma agressiva.



QUEM FOI AUGUSTO BOAL?

Augusto Boal foi uma figura na dramaturgia brasileira de extrema importância social e política. Seu principal objetivo era demonstrar, por meio da atuação, a realidade do Brasil no período ditatorial. Boal é mundialmente conhecido e possui inúmeras obras. No regime militar, produziu várias peças, lutando contra a censura, mas acabou sendo preso, torturado e exilado na Argentina. Após o exílio, continuou na produção de obras na América Latina até sua morte em 2 de maio de 2009 no Rio de Janeiro.



Rita Lee no período da ditadura | Foto: Reprodução

MÚSICA

A música também foi uma maneira de expressão crucial na denúncia contra a ditadura. Sendo o maior alvo de censura, as canções continham muitas figuras de linguagem, principalmente metáforas. Era necessário interpretação de texto para compreender as mensagens de protesto nas letras, que precisavam ser camufladas. Embora tenham se destacado artistas como Chico Buarque, Elis Regina e Caetano Veloso, a compositora mais censurada do período foi a rainha do rock brasileiro, Rita Lee Jones.

Conhecida por seus sucessos que transitam entre rocks políticos, bossa nova e baladas românticas, a ex-vocalista dos Mutantes foi uma militante bastante perseguida na ditadura. Na época, a cantora simbolizava a liberdade sexual feminina em um momento extremamente conservador no país. Várias de suas canções foram consideradas eróticas demais e censuradas ou modificadas para não ferir a moral e os bons costumes, sendo assim, ela foi bastante vigiada e perseguida pelas autoridades.

Com isso, após alguns episódios de censura, em agosto de 1976 a cantora foi abordada pela Divisão de Entorpecentes, enquanto estava grávida do primeiro filho. Segundo a polícia para a imprensa da época, os agentes foram convocados após receber denúncias sobre uso de drogas da roqueira durante os shows da época. No dia, os agentes reviraram a casa da cantora, afirmando ter encontrado maconha, restos de cigarro e um narguilé.

Entretanto, Rita afirmou que foi tudo armado e nenhum dos narcóticos era seu, já que estava grávida e tinha parado de fumar na época.

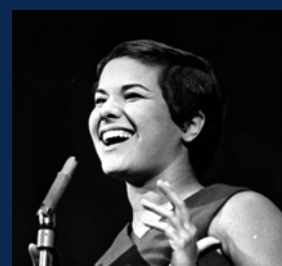
Mesmo assim ela não foi ouvida, principalmente porque os militares tinham guerra declarada aos Híppies e não simpatizavam com as letras ousadas da cantora. No primeiro momento, Lee ficou no Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deic), onde, segundo ela, “a última pessoa que eu esperava que fosse me visitar na cadeia” apareceu, Elis Regina. Segundo a roqueira, ninguém mexia com a Elis, ela chegou no departamento cobrando os militares, exigindo comida para Rita, deu dinheiro a ela e ameaçou chamar a imprensa, a ajudou como se fosse uma amiga de infância. Após esse episódio, a compositora foi levada ao presídio feminino do Hipódromo, onde foi muito bem recepcionada pelas detentas. Lee afirmou que, apesar desse acolhimento, os dias na cadeia foram muito sofridos, e que, se não estivesse grávida, não teria suportado, mas sua maior preocupação no momento era a vida do filho. Ao sair da prisão, foi condenada a um ano de prisão domiciliar e multa de 50 salários-mínimos, podendo ficar fora de casa das 7h às 19h, passando esse período na casa de seus pais.

Apesar de tudo isso, a audácia de Rita Lee permaneceu intacta, o que ficou evidente em seu primeiro show após liberta. Lá a estrela do rock apareceu com um uniforme estilizado de presidiária, para uma plateia de cerca de oito mil pessoas. Além disso, continuou escrevendo suas músicas não aprovadas pelas autoridades, tendo várias mais censuradas. Dentre elas havia “X 21” inspirada pelos seus dias atrás das celas, ou “Prometida” cuja letra foi exposta somente em 2021, em uma mostra de homenagem à cantora feita no Museu da Imagem e do Som (MIS). Um de seus maiores sucessos também passou pelas mãos da ditadura, a letra de “Banho de Espuma” que conhecemos foi, na verdade, alterada, antes a canção se chamaria “Afrodite”, Como era:

“Que tal nós dois
 Numa banheira de espuma
 El cuerpo caliente
 Num dulce far niente
 Sem culpa nenhuma
 Fazendo massagem
 Relaxando a tensão
 Em plena vagabundagem
 Em qualquer posição
 Falando muita bobagem
 Bulinando com água e sabão”

Sendo assim, mesmo após diversas reviravoltas ao longo dos anos, a cantora continua muito conhecida e amada. Uma prova viva disse foi o sucesso da exposição no MIS e a quantidade de ouvintes em aplicativos de streaming musical. Rita Lee está atualmente com 74 anos, venceu recentemente uma luta contra um câncer de pulmão e permanece casada com Roberto de Carvalho, o amor de sua vida. Assim, a rainha do rock, hoje aposentada, fez uma carreira e tanto, e continuará na história da música brasileira para sempre.

ELIS REGINA



Também perseguida pelos militares na época da ditadura, Elis Regina foi outro sucesso na resistência e defesa da liberdade de expressão. Referência na Bossa Nova e no MPB, Regina possui grandes sucessos atemporais, como “Águas de Março”, “Como Nossos Pais”, “O Bêbado e a Equilibrista”. A cantora, apesar de tudo isso, defendia o clássico nas musical, desgostava do rock e chegou até a protestar em uma passeata contra a guitarra elétrica na música brasileira.

O CINEMA É UM REFLEXO DA CULTURA?

O cinema está muito presente na sociedade e causa muito impacto.



Por: Wanderson André

Em 1895 foi criado o cinema, com sua primeira exibição de um filme de 45 segundos em um café em Paris, os irmãos Lumière deram início a tudo o que vemos hoje em dia. Auguste e Louis Lumière nasceram em Besançon no leste francês, Auguste nasceu em 1864 e seu irmão em 1862. Seu pai, Antoine Lumière, era um conhecido fotógrafo e fabricante de películas fotográficas, e ao se aposentar passou a fábrica para seus filhos. Assim vieram seus primeiros conhecimentos sobre materiais fotográficos, os quais resultaram em seus apelidos, “pais do cinema”, justamente por serem os pioneiros na exibição de imagens em movimento.

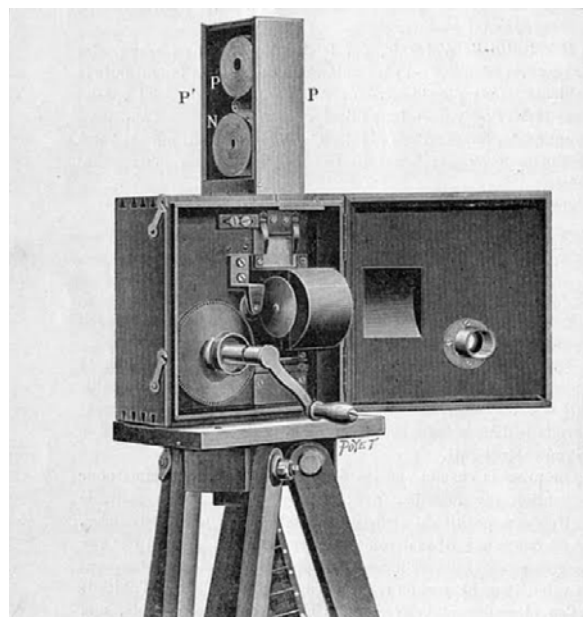
Além disso, algo que os ajudou a conquistar essa fama foi o cinematógrafo, a máquina que eles usavam para fazer suas famosas exibições.



Por Cecília Fernandes

Embora essa máquina tenha sido inventada pelo francês Léon Bouly em 1892, por falta de condições financeiras a patente foi vendida e passou a pertencer aos irmãos Lumière. Ademais, também é evidenciado que sua construção se deu a partir do aperfeiçoamento do cinescópio, invenção de autoria de William Dickson, assistente de Thomas Edison.

Sendo assim, entende-se que a diferença entre as duas era que enquanto cinematógrafo era capaz de projetar imagens em movimentos em uma tela, em quadros por segundo. O cinescópio apenas exibia as figuras dentro de uma máquina exigindo que o espectador colocasse seu olho em um orifício para assistir, portanto não havia espetáculo.



Por: <https://dunapress.org/2020/03/14/o-cinematografo-dos-irmaos-lumiere/>

Pouco depois, as primeiras exibições por meio do cinematógrafo foram feitas pelos irmãos Lumière, a primeira sendo em 22 de março de 1895, e recebendo o nome “A saída da Fábrica Lumière em Lyon”, pois mostrava a saída dos trabalhadores da fábrica dos próprios pais do cinema.

Dessa forma, não demorou para que cenas dramáticas também fossem exibidas. Em decorrência das suas características teatrais, esse foi o tipo de cena que levou o cinema a ser considerado arte. O cinematógrafo foi a primeira invenção a exibir cenas para o público, portanto foi o que tornou o cinema possível. Foi o que tornou essa forma de cultura uma das maiores, responsável por transmitir informações, emoções e reflexões.

A INFLUÊNCIA DO CINEMA

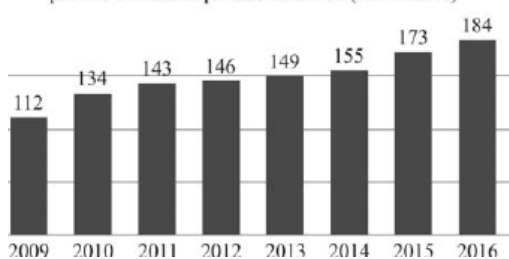


Cena de Roda Viva, de Chico Buarque, montada pelo Teatro Oficina em 1968
- | Foto do Acervo Teatro Oficina

Porquanto o cinema se mostra um grande influenciador de nossas vidas desde muito tempo, e possivelmente tem o papel de construir uma cultura ou apenas ser um reflexo da sociedade.

Sendo assim, é imprescindível apontar a função de anúncio que essa arte pode ter, uma vez que a grande tela na qual os produtos são apresentados se torna um reflexo da sociedade, apresentando tudo aos olhares. Sem contar, o lucro obtido já que por ser aberto a todos, uma vez que a propaganda consegue de atrair atenção e gerar desejo em um número maior de indivíduos. Enfim, desde então os filmes vêm crescendo mais a cada ano e cada vez com mais histórias irreais ou grandes invenções.

público de cinema por ano no Brasil (em milhões)



Por: Anuário estatístico do cinema Brasileiro

Nesse sentido, uma das várias áreas que compõem os estudos fílmicos é o interesse pela organização sociocultural do cinema e o que a experiência cinematográfica traz para uma determinada sociedade. A princípio podemos dizer então que o cinema, como outras mídias, é a base produto da sociedade contemporânea,

Porém, uma pergunta a se fazer é: “O cinema é um reflexo da nossa cultura ou ele a desenvolve?” Certamente o cinema e suas invenções foram responsáveis por criar vários grupos sociais. Por exemplo, aqueles que são grandes fãs do cinema se autodenominam “cinéfilos”, ou aqueles que são entusiastas do mundo Marvel. Para ilustrar, podemos utilizar o cigarro como exemplo, criado em 1833 não tardou a aparecer nas grandes telas e assim consequentemente gerando não só uma forma de expressão cultural, mas também uma representação da sociedade que adotava o hábito do fumo. Em síntese, é através de um filme que representamos algo, seja por uma realidade percebida e interpretada, seja um mundo imaginário livremente criado pelos autores de um filme. Portanto, o cinema se mostra como um grande influenciador social.

Outro exemplo desse conceito, é o jogo poker que ficou mundialmente conhecido por meio das suas diversas aparições em filmes diversos. Em suma, cinema pode ser entendido como uma estrutura multifacetada que contém valores produtivos aperfeiçoados, habituais, criativos, simbólicos e imaginários relacionados a uma determinada sociedade.

A psicologia da participação na comunidade, a consciência e a experiência do indivíduo participante.

Assim, o cinema é visto um conjunto de agentes históricos distintos que permite o estudo sistemático das relações políticas, também a apuração das práticas e representações culturais.

Com isso podemos concluir que o cinema desde sempre foi um reflexo da nossa cultura. Sempre apresentou situações criadas a partir da cultura do povo, sejam histórias, produtos ou até mesmo o cotidiano.

No entanto, a cinematografia também é uma forma de cultura, ou seja, por ser um dos principais meios de transmissão, ela sempre será uma forma de transmissão de tudo que temos.

O cinema sempre será a melhor forma de mostrar a sociedade o que temos e quem somos. Por fim, ressalva-se que representação cultural é de certa forma obrigatória, principalmente por meio do cinema, já que ele tem um das maiores potenciais para a transmissão e representação da cultura para sociedade.



Por: Luiz Alexandre

MARVEL



Em 1939 foi fundada a Marvel, uma empresa de quadrinhos, nos dias de hoje muito conhecida devido ao seu grande sucesso no cinema com seus filmes de super-heróis

ARTE E QUESTÕES DE NEGRITUDE

Quando pensamos em arte, quais são as figuras que lhe vêm à mente? Talvez Monet, Van Gogh ou Picasso. A história da arte esconde artistas por conta de diversos problemas sociais, sendo um dos principais a questão racial. Por consequência, muitas pessoas com a habilidade de interpretar a vida através da arte são menosprezadas ou até mesmo esquecidas, com isso o mundo se fecha a novas visões artísticas por conta do racismo.

Além dessas questões, é muito importante reforçar que o racismo já está enraizado em nossa sociedade há muito tempo e existem várias consequências desse ato. Entre elas, é importante citar, a grande diferença da oferta de trabalho, que é muito menor para as pessoas negras. Mas o racismo não afeta apenas os adultos, na verdade atinge todas as idades, inclusive as crianças que, geralmente, têm mais dificuldade de lidar com isso, o que acaba afetando tanto a saúde mental, quanto física delas.

Ademais, uma diferença estabelecida entre as crianças brancas e negras, por conta do racismo, é a interação com os sistemas de educação e saúde, que é muito discrepante, por conta da desigualdade social do país, agravando mais ainda o racismo. Pensando nisso, o IBGE disponibilizou uma matéria que constata que "negros são 17% dos mais ricos e três quartos da população mais pobre" o que é muito desequilibrado.

E mesmo com uma quantia enorme de talento e esforço, o caminho que um artista negro precisa percorrer é muito maior do que o de um artista branco. Mesmo depois de percorrer essa jornada, as oportunidades são diferentes, ainda que sejam as mesmas, existe uma diferença grande de salário e valorização do trabalho.



Woman with Bouquet, Laura Wheeler Waring

Por conseguinte, ao sofrimento que o racismo causa e sua extrema presença na história e continuação no presente, a maioria dos artistas negros buscam sempre exaltar a origem de seus antepassados. Um exemplo, é a artista Laura Wheeler Waring que ficou conhecida pelos seus retratos de mulheres afro-americanas, após ter a oportunidade de expor suas obras na Fundação Harmon, a qual possui o objetivo de enaltecer artistas afro-americanos. Assim como Jean-Michel Basquiat, artista afro-americano, filho de pais imigrantes. Ele sempre busca, em suas obras, causar uma reflexão com um certo impacto sobre o espectador, além de acrescentar a cultura popular. Uma de suas obras mais conhecidas é a *Ironia do Policial Negro (1981)*. Jean-Michel Basquiat faz uma crítica nada sutil sobre as práticas racistas que vigoram nos Estados Unidos.



Ironia do Policial Negro (1981)
Jean-michel basquiat

Além disso, salienta-se que a manifestação artística tem como definição "Qualquer forma de expressão de ideias, podendo ser feita através da música, pintura, escultura, literatura, etc." Ou seja, um formato e um jeito de podermos expressar pensamentos, ideias, emoções e muito mais. As obras são em formato de livro, artes plásticas, dança, etc.

Ademais, a cultura afro-brasileira é carregada por muita arte e se mistura muito com o movimento de manifestação artística, já que muitos negros usam desse formato para que assim possam transformar suas dores, causadas pelo preconceito, em obras, assim elas podem ser lidas, vistas e compreendidas, além de que, esse formato populariza os discursos de luta dos negros.

Outro exemplo, é a artista paulista Rosana Paulino, que, em suas obras, tem o objetivo de passar mensagens sobre o racismo e a mulher na sociedade brasileira, para isso ela retrata sua história, seu passado, suas conexões com a atualidade e como essas ações formam uma sociedade impregnada pelo racismo estrutural.

A mesma tem grande importância na cultura brasileira, pois o seu trabalho, divulga de forma mundial a cultura e história, com representatividade brasileira desde 1990.

Em uma obra literária, um romance, de Ana Maria Gonçalves, "Um defeito de cor", a escritora apresenta a história de uma africana idosa, cega e à beira da morte que viaja da África para o Brasil em busca do filho perdido há décadas. Ao longo dessa travessia, ela vai contando sua vida, marcada por mortes, estupros, violência e escravidão. Na obra a escritora, também, conta com diversos trabalhos da artista Rosana Paulino, como "As gentes", que mostra exatamente o fio condutor de seus trabalhos, que são as discussões sobre racismo e mulher na sociedade brasileira.

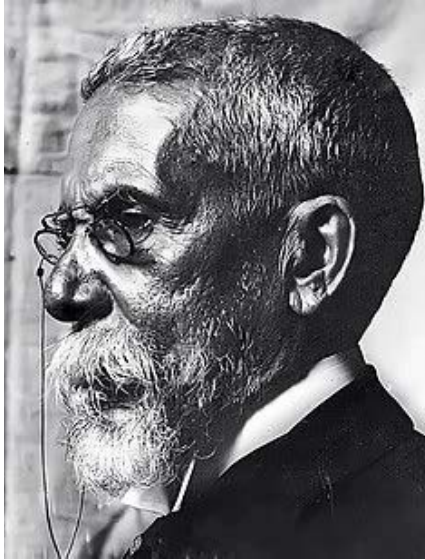


Um defeito de cor (2006); Ana Maria Gonçalves

Em suma, é possível notar que a maioria dos quadros relacionados ao racismo ou pessoas negras têm como objetivo mostrar problemas presentes no cotidiano dessas pessoas. Dessa forma, a arte tem como papel principal passar uma visão sobre a exclusão que ocorre com a maioria das pessoas negras, com a ideia de causar reflexão sobre a gravidade do racismo estrutural presente na sociedade. Os artistas afrodescendentes têm como objetivo passar mensagens sobre o racismo e a desigualdade que acontece na sociedade, enaltecendo seus antepassados que sofreram na mão de seus senhores, assim formando um novo pensamento na cabeça dos leitores, sobre a realidade atual, em que a maioria da população negra se encontra. Portanto, a arte é uma maneira muito importante de expressão e comunicação sobre os preconceitos e a desigualdade, passando uma mensagem com o objetivo de mudar a mente do leitor, fazendo-o refletir sobre a inclusão dessa minoria em nossa sociedade

MACHADO DE ASSIS, O MARCO DA CULTURA BRASILEIRA

A história de um dos maiores autores de literatura clássica da língua portuguesa e sua bela obra Dom Casmurro



Joaquim Maria Machado de Assis, nascido em 21 de junho de 1839 no Rio de Janeiro, era filho de um pintor e dourador chamado Francisco José de Assis e da açoriana Maria Leopoldina Machado de Assis, que morreu quando ele era muito novo, por isso acabou sendo criado por sua madrasta. Machado de Assis morava no Morro do Livramento onde nunca teve muitas oportunidades de estudo de qualidade. Mas mesmo assim, aos quatorze anos ele publicou seu primeiro soneto chamado "À Ilma". Por sempre gostar muito de livreria e tipografia, em 1856, ele entrou para a Imprensa Nacional, onde foi aprendiz de tipógrafo. Lá, ele teve a sorte de conhecer Manuel Antônio de Almeida, que logo tornou-se seu chamado "protetor". Ademais, Joaquim teve a oportunidade de ser revisor no correio mercantil e redator do diário do Rio de Janeiro, e também escrevia regularmente para a revista "O espelho", onde publicou alguns de seus contos.

Seu primeiro conto, foi uma tradução de "Queda que as mulheres têm para os tolos", impresso na tipografia de Paula Brito. Já o seu primeiro livro de poesia foi publicado em 1864, tendo como nome "Crisálidas".

Porém, o autor não só escrevia sobre romances, mas também os vivia. Em 1869, Machado de Assis casou-se com Carolina Augusta Xavier de Novaes e permaneceu em união com ela por 35 anos, até que a morte de sua esposa os separou.

Com o tempo, foi ficando cada vez mais popular em relação a suas obras e até participou de um grupo de intelectuais, formando a Academia Brasileira de Letras e foi eleito presidente da instituição.

A partir daí, Machado de Assis entrou na grande fase das obras-primas. Assim, logo se tornou um dos maiores autores de literatura da língua portuguesa.

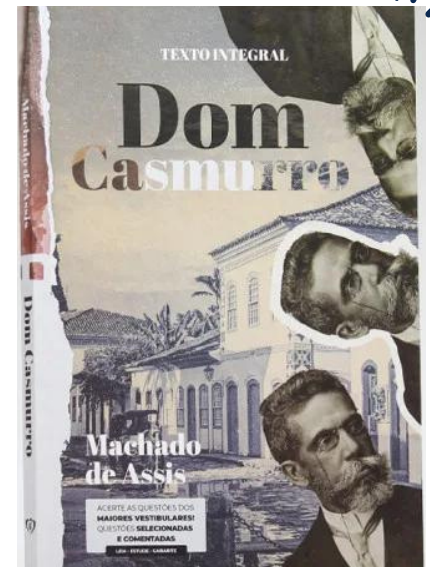
"DOM CASMURRO", O RENOMADO ROAMANCE DE MACHADO DE ASSIS

Um de seus melhores livros é chamado "Dom Casmurro". Quando Machado de Assis publicou a obra, estava em uma fase realista em que críticas ácidas à sociedade do momento estavam à tona. Assim, esse período foi marcado por várias mudanças intelectuais, sociais e políticas (como a abolição da escravidão, a Proclamação da República, a modernização no Brasil...). Agora, a história em si se passa no século XIX no Rio de Janeiro e é narrada por Bentinho. O homem decide transformar sua vida em um livro, como uma forma de retrospectiva de sua jornada e de seu relacionamento com Capitu. Já nas primeiras páginas, o narrador conta que ganhou o apelido de Dom Casmurro por ser considerado teimoso, tristonho e mal-humorado. Ademais, o livro se inicia mais especificamente na juventude de Bentinho, quando ele descobre que seu amor por Capitu (sua vizinha e amiga de infância) é correspondido. O problema é que sua mãe prometeu mandá-lo para um seminário quando ele completasse 15 anos, para que assim ele pudesse virar padre. Depois disso, Capitu e Casmurro tentam se livrar desse destino, mas nenhum de seus planos funcionam e ele acaba tendo que ir.

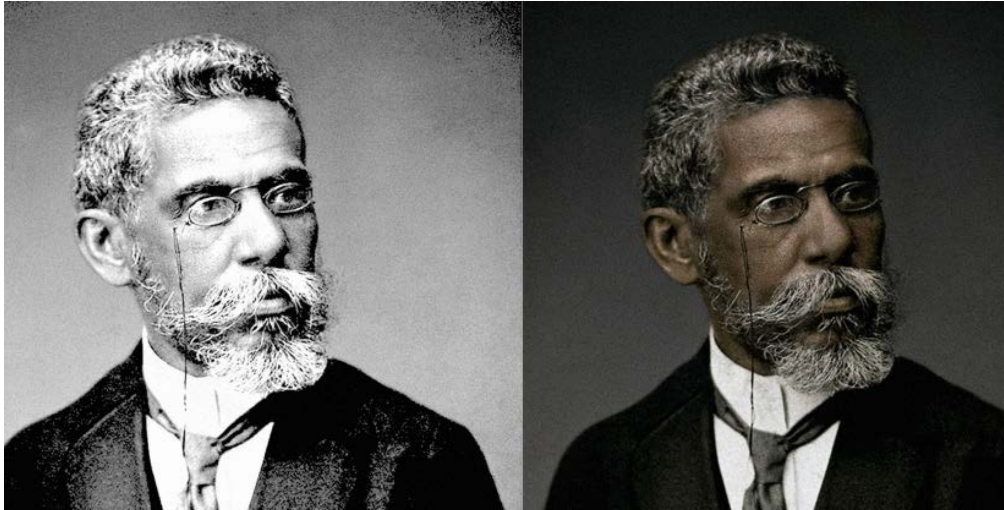
Lá, ele faz amizade com o estudante chamado Escobar, que o ajuda a fugir e a voltar para se casar com seu amor. Juntos, Capitu e Bentinho têm um filho, e Ezequiel se casa com Sancha (melhor amiga de Capitu). Após esse acontecimento, Escobar morre afogado e, em seu velório, Bentinho cria uma teoria de que sua mulher o traiu com o atual defunto. Além disso, ele começa a perceber semelhanças entre Ezequiel e Escobar, assim achando que ambos são pai e filho. Em vista disso, Bentinho, em um estado de desespero, tenta se matar bebendo veneno, mas Ezequiel atrapalha seu plano. Então, o objetivo da vingança de Dom Casmurro é de ferir o menino, afirmando não ser o seu pai.

Por fim, o protagonista decide abandonar a família e seguir sua vida de uma forma melancólica e solitária.

Em suma, um dos motivos para o grande sucesso desse livro se dá principalmente pela dúvida causada em relação a paternidade de Ezequiel. Ao acabar a leitura, não se sabe se Capitu realmente traiu seu esposo, o que torna o livro mil vezes mais interessante. Além dos complexos elementos de metalinguística, o que possibilita várias interpretações melhorando a qualidade literária do mesmo.



EMBRANQUECIMENTO DO REVOLUCIONÁRIO AUTOR



Durante o século XIX, na época colonial, a cultura e o objeto de manifestações artísticas afro-brasileiras foram muito desvalorizados no Brasil, sendo algumas vezes até mesmo proibidas, para dar espaço ao protagonismo europeu. Entretanto, com o passar do tempo, mesmo que de forma demorada, algumas dessas obras, passaram a ser admiradas pela sociedade brasileira, trazendo mais representatividade à arte.

O escritor brasileiro Joaquim Maria Machado de Assis, mesmo sendo um dos nomes mais importantes da literatura brasileira do século XIX, teve sua história apagada por muito tempo. Machado de Assis era retratado como um homem branco, ou seja, sua imagem era embranquecida, com técnicas de luzes e sombras para amenizar os seus traços originais.

Com isso e levando em consideração o fato de que o Brasil é um país de estrutura racista, tais movimentos são responsáveis pela ideia de ignorar o papel e a importância da construção da literatura nacional por parte da população afro-brasileira. Por fim, retratá-lo como um homem preto é uma correção histórica, uma recuperação de identidade. Machado de Assis teve quase tudo contra si, vivendo em uma sociedade desigual e cruelmente injusta, apontando-o até em seu atestado de óbito em 1908 como branco, para que tivesse algum grau de respeito e reconhecimento de sua genialidade.

Assim, apesar de a sociedade estar em um processo de desenvolvimento, essas ações continuam recorrentes, enfatizando ainda mais a violência à comunidade preta e o problema que o racismo traz para nossa atualidade

RACISMO, MACHADO DE ASSIS E ODS

Analisando a biografia de Assis, é perceptível o tanto que ele sofreu, tanto pelo racismo quanto pela desigualdade causada por esse preconceito. Dentre os livros que ele escrevia, tais assuntos foram retratados, "Dom casmurro" é um grande exemplo disso, pois o romance representa críticas à sociedade da época e que surpreendentemente pode se relacionar até com os dias atuais, considerando que era discutido sobre a grande desigualdade racial presente no local das histórias contadas, através dos personagens que sofriam os efeitos das injustiças que o autor já havia passado. Um ODS que se encaixa perfeitamente a esse assunto é o décimo objetivo da lista, Redução das Desigualdades, que pode caracterizar a tese que Machado de Assis defendia, tendo em vista o fato dele apoiar a diminuição da distância entre as pessoas com mais condições e privilégios e as que sofriam por falta disso



HISTÓRIA E MEMÓRIA: O PATRIMÔNIO HISTÓRICO EM SP

Patrimônios históricos em SP, processos de tombamento e preservação

Os patrimônios históricos são compostos por todos os bens materiais, imateriais ou naturais que foram construídos ou preservados ao longo dos anos. Eles têm ligação com a cultura, identidades locais e possuem elementos que ajudam a entender como a sociedade se desenvolveu. Os patrimônios devem ter um valor universal do ponto de vista da história, da arte ou da ciência. Pelo lado da lei, “constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”. Assim, o legado nacional nos permite conhecer a cultura, a arte, as tradições, os costumes, a religião e toda a história de um povo. Por conta do seu valor e de toda importância que carrega, ele deve ser preservado.



<https://www.correio24horas.com.br/amp/mid/empacados-espera-para-tomar-um-bem-na-bahia-ultrapassa-os-30-anos/>

A herança histórica é reconhecida como tal quando passa pelo processo de tombamento, esse processo é uma ação administrativa do Poder Executivo, que começa pelo pedido de abertura de procedimento, por iniciativa de algum cidadão, instituição pública ou privada. Essa atividade, após avaliação técnica preliminar, é submetida à deliberação dos órgãos responsáveis pela preservação. Um imóvel tombado

é um imóvel preservado pelo Poder Público por causa de sua importância histórica.

O patrimônio histórico significa tudo aquilo que é produzido pela cultura de uma sociedade, tanto material quanto imaterialmente. Ele precisa ser preservado devido à sua grande importância científica e cultural, pois representa a riqueza do conhecimento de um povo tanto para a comunidade quanto para a humanidade. A importância da preservação do patrimônio histórico também pode ser associada a memória coletiva e individual, pois é através da memória que nos orientamos a compreender o passado, o comportamento de um determinado grupo social, cidade e nação. Reviver as memórias também contribui para, como já dito, a formação de identidade. O resgate de raízes está ligado formação cultural e econômica de um povo.

PATRIMÔNIOS HISTÓRICOS EM SP

https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_Estadual_Amadeu_Amaral



ESCOLA ESTADUAL AMADEU DE AMARAL

A escola Amadeu de Amaral é uma das escolas mais antigas da zona Leste de São Paulo, ela foi criada durante a Primeira República em 1907, a escola passou a funcionar no ano de 1911, em um prédio no largo São José do Belém onde permanece inteira até hoje. Fundada em 1907, em um prédio emprestado pelo governo, a escola funcionava na Avenida da Intendência,

em 1908 sob a direção do professor Carlos de Escobar. Ela tinha 129 alunos de ambos os sexos divididos em turmas de 1º e 2º ano.

Em 1909, a escola ganhou um novo estatuto e passou a ser chamada oficialmente de Grupo Escolar do Belenzinho. A mudança fez parte do projeto de 1983 do governo do Estado de São Paulo que criava grupos escolares com o objetivo de reunir escolas isoladas em um mesmo lugar. Em 1932, a instituição foi rebatizada como Grupo Escolar Amadeu Amaral, em homenagem ao poeta brasileiro Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteado. A partir de janeiro de 1976, a instituição passou a ser chamada de Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Amadeu Amaral, depois da junção do Grupo Escolar Amadeu Amaral e do Colégio Estadual Brigadeiro Veloso. O conjunto de edificações da escola representa também um marco importante no projeto arquitetônico da cidade, pois é a concretização de uma

planta inovadora, que adaptou modelos preconcebidos pelos arquitetos da época e possibilitou uma mudança na disposição dos espaços no ambiente escolar, como é o caso da elaborada por Hypolito Gustavo

Atualmente, a sede escolar oferece aulas para alunos do ensino fundamental II e do ensino médio nos períodos da manhã e da tarde. No mesmo edifício, há também uma unidade da ETEC José Rocha Mendes, escola técnica voltada para cursos superiores. Diferentemente das escolas estaduais da época, que tinham em média dois andares com cerca de 8 a 12 salas de aula, a arquitetura do prédio da Escola Estadual Amadeu Amaral era grandioso: 20 salas de aula divididas em três andares, incluindo o térreo. O pé direito é alto e tem janelas verticais, portas grandes, escadarias e varandas em diferentes pontos do prédio. Além das salas de aula, a escola abriga também uma seção administrativa no piso térreo.

ESTAÇÃO DA LUZ



Estação da Luz

Em 1867, foi construída a primeira estação ferroviária da "The São Paulo Railway", no bairro da Luz, em terreno cedido pelo governo da Província de São Paulo. Esta ferrovia, que ligava o porto de Santos a Jundiá, foi construída para escoar, principalmente, as mercadorias

provenientes da economia cafeeira. Dez anos depois, suas linhas e instalações não mais comportavam o movimento de passageiros e cargas. Em decorrência desse fato, foi desenvolvido um novo projeto para a Estação da Luz, que ocuparia uma área aproximada de 7.500 m², de autoria de engenheiros ingleses e construída em material exclusivamente importado da Inglaterra. Depois de cinco anos de iniciadas as obras, a estação foi inaugurada, em 1901. Construída em alvenaria de tijolos combinada a estruturas metálicas, o edifício se constituía, originalmente, de duas grandes plataformas paralelas que se comunicavam através de três passadiços de ferro. Após incêndio

ocorrido em 1946, introduziu-se mais um pavimento numa das alas do edifício principal. O edifício foi restaurado e passou a abrigar, além da estação ferroviária, o Museu da Língua Portuguesa, inaugurado em 20 de março de 2006.



Estação da Luz

CASA DAS ROSAS:



Casa das Rosas

A Casa das Rosas – Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, instalada num casarão construído em 1935, é um dos poucos casarões que ainda restaram na Avenida Paulista, que no começo do século 20 era toda ocupada por imóveis deste tipo. E é o único ainda conservado e mantido como um espaço cultural aberto ao público. A mansão de 1935 embeleza a cidade com seu estilo clássico francês e seu jardim de roseiras, inspirado no paisagismo do Palácio de Versalhes, na França. Ameaçado de demolição, o casarão foi tombado em 1985 pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico e Turístico) desapropriado pelo governo do Estado no ano seguinte e preservado no Brasil, com a liberação parcial do terreno.

Sobre a arquitetura do casarão e seus arredores, há aqueles que caracterizam a construção como pertencente ao estilo da Renascença Francesa. Por outro lado, existe a corrente que defende a assinatura do movimento eclético na concepção da mansão histórica. Em relação a sua concepção física, o imóvel conta com quatro espaços: sótão, porão, andar térreo e andar superior. Ao longo do terreno de 5.500 metros quadrados podemos encontrar oito quartos, escritório, salas, cozinha, copa, mansarda e lavanderia.



<https://incantourbano.blog/paraíso-historico/casa-das-rosas-conheca-sua-historia/>

A construção possui varanda em seu andar térreo, com terraços descobertos, proteção e decoração de elementos vazados, no superior.

Quase todos os materiais utilizados são importados como por exemplo, os mármore das escadarias, os quatro dormitórios são de origem italiana; os vidros e os cristais vieram da Bélgica, os canos condutores de água, de cobre, as louças do banheiro e da cozinha foram trazidos também da Europa pela firma de importação de Ernesto Dias de Castro, genro de Francisco de Paula Ramos de Azevedo. A importância da Casa das Rosas se dá por ser um bem cultural de interesse tanto histórico quanto arquitetônico. A Casa das Rosas representa o período dos palacetes construídos no início do século passado até 1930. Os construídos a partir de 1940 marcam a verticalização da Avenida Paulista. O patrimônio tem sua importância calcada em ser uma construção do período da produção cafeeira em São Paulo, sendo uma das últimas que contam com essa importância. Sendo assim, confere tipos caracterizados como predominantes na primeira fase de ocupação da Avenida.

DESAFIOS ENFRENTADOS

Um dos grandes desafios que o país enfrenta hoje em dia é a conservação desses patrimônios históricos, pois a falta de investimento pelas autoridades e a desvalorização da arte pela sociedade resultam em grandes perdas tanto para São Paulo quanto para o restante do país. A destruição do patrimônio histórico significa não apenas a perda de qualidade de vida, mas de cultura e de pertencimento aos locais e aos grupos comunitários. Alguns grupos que são a favor da destruição de alguns monumentos e patrimônios históricos acabam ficando sem poder fazer nada que retire efetivamente as estátuas dos locais onde foram instaladas, eles optam pela destruição do patrimônio histórico como forma de se manifestar contra o passado sombrio das imagens representadas e o presente desigual motivado por essas personalidades. Alguns historiadores e antropólogos defendem que monumentos que homenageiam figuras históricas que representam assuntos polêmicos do passado devem ser retirados pelo Estado dos locais onde estão instaladas e recolocadas em outros ambientes, voltados ao estudo da História, como museus. Um bom exemplo de destruição de patrimônios históricos no Brasil é o incêndio que ocorreu no Museu Nacional, localizado em São Cristóvão (RJ).

O palácio serviu de residência à família real portuguesa de 1808 a 1821, abrigou a família imperial brasileira de 1822 a 1889 e sediou a primeira Assembleia Constituinte Republicana de 1889 a 1891, antes de ser destinado ao uso do museu, em 1892.

O edifício é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1938. Fundado por Dom João VI em 6 de junho de 1818 sob a denominação de Museu Real. O Museu Nacional abrigava um vasto acervo com mais de 20 milhões de itens, englobando alguns dos mais relevantes registros da memória brasileira no campo das ciências naturais e antropológicas, bem como amplos e diversificados conjuntos de itens provenientes de diversas regiões do planeta, ou produzidos por povos e civilizações antigas. Formado ao longo de mais de dois séculos por meio de coletas, escavações, permutas, aquisições e doações, o acervo era subdividido em coleções de geologia, paleontologia, botânica, zoologia, antropologia biológica (incluindo-se neste núcleo os remanescentes do esqueleto de Luzia, o mais antigo fóssil humano

das Américas), arqueologia e etnologia. O incêndio ocorreu em 2 de setembro de 2018 e acredita-se que o fato ocorreu por falta de manutenção adequada e de investimentos. A direção do museu tentou revitalizar o prédio a partir de recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). O contrato com a instituição foi assinado em junho de 2018, mas a verba não foi liberada.

Em 2020, a Polícia Federal encerrou as investigações sobre a tragédia e afirmou que o incêndio não foi criminoso, as chamadas foram iniciadas a partir de um curto-circuito causado pelo superaquecimento em um aparelho de ar-condicionado. Nessa tragédia, o Museu e a história perderam quase todos os itens que abrigavam. Logo, implicando na falta de conhecimento de algumas gerações, pois não terão acesso aos itens de seu passado, afetando as pesquisas de historiadores e pesquisadores.

Outro exemplo de destruição de um patrimônio histórico são os atos de vandalismo contra a estátua Borba Gato que faz homenagem ao bandeirante. Em 24 de julho de 2021, o Monumento a Borba Gato sofreu um atentado terrorista feito por um grupo radical de extrema esquerda chamado Revolução Periférica. Os terroristas atearam fogo no monumento utilizando-se de pneus velhos nos quais foram incendiados a fim de causar danos à estátua. Acredita-se que o motivo dos ativistas para tal ato foi por discordarem completamente de ter uma estátua que homenageia a figura ligada à exploração e dizimação de indígenas e negros.



Incêndio no Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2018.



Incêndio na estátua Borba Gato, São Paulo, 2020.

José Roberto Linaris, Júlia Luna, Catarina Dellore e Hadija Atala

A REPRESENTAÇÃO INDÍGENA NAS ARTES PLÁSTICAS

Os indígenas devem ter mais visibilidade e menos estereótipos.



A cultura dos povos originários possui uma importância fundamental na construção da identidade brasileira. Assim, os diversos tipos de artes feitos por eles, como pintura corporal e cerâmica, devem ser valorizados. Denilson Baniwa, nascido em 1984, na aldeia Darí, conhecida como barreira, em Barcelos (AM), à beira do Rio Negro, inicia sua trajetória como artista a partir das referências culturais de seu povo ainda na infância. Observando as mulheres indígenas construir artefatos e utensílios que seriam usados em seu cotidiano, sua primeira impressão de pintura foi a corporal extraídas do crajirú. Entre rituais e tradições, formou sua identidade através da arte e cultura indígena de seu povo, morando até o final de sua adolescência no Rio Negro, interior do Amazonas. Iniciou seus estudos e teve contato com modelos formais de arte na mesma época, se destacando e ganhando prêmios na região como desenhista. O comprometimento com a questão indígena foi e é até hoje sua ferramenta de trabalho e laboratório de estudos, sendo um exemplo para artistas indígenas e importante para a arte contemporânea.

Isso devido ao seu esforço em romper paradigmas e abrir caminhos para o protagonismo dos indígenas no território nacional, com o objetivo de disseminar sua cultura, atuando principalmente em torno do Rio de Janeiro.

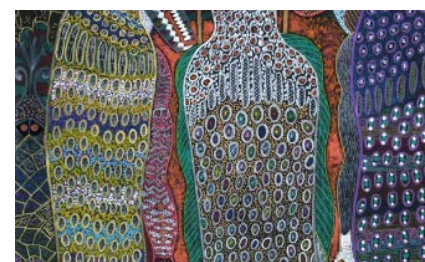


O mural "Yawareté Payé Soprando o Universo" foi feito na Reitoria da UFU Uberlândia, em Minas Gerais. Foto: Denilson Baniwa/divulgação

Outro artista indígena interessante é Jaider Esbell, que nasceu em uma aldeia do povo macuxi na reserva Raposa Serra do Sol, em Roraima, em 1979 e, ainda jovem, participou de movimento sociais indígenas. Sendo assim, aos 18 anos, deixou a aldeia para continuar seus estudos em Boa Vista. Trabalhou como eletricista na Eletrobras, oportunidade que lhe permitiu viajar por várias regiões e ampliar seus conhecimentos sobre a realidade dos povos nativos. Contudo, em 2 de novembro de 2021, Jaider foi encontrado morto em seu apartamento, na cidade de São Paulo.

Apesar de não estar mais presente, Jaider envolvia diferentes tipos de arte em seu trabalho, como pinturas, textos, desenhos e instalações, procurando sempre divulgar as histórias e tradições indígenas através das obras contemporâneas. Também resgatando um legado cultural ancestral e denunciando os problemas que afligem esses povos, sendo eles: a violência, a discriminação e as ameaças à posse de terra.

Para ilustrar melhor, Esbell disse: "O objetivo é levar a esse ambiente público, de formação e de opinião pública, uma reflexão, pensando sobre a questão da guerra recente, política, ideológica e filosófica, buscando minimamente uma compreensão a partir do nosso povo, da nossa história que é bastante conflituosa e de uma cultura muito viva".



Série Kanaimé, de Jaider Esbell



'Vindo da Cachoeira' de Carmezia Emiliano



de Carmezia Emiliano

Outra artista plástica brasileira contemporânea é Carmezia Emiliano. Nascida na comunidade indígena de Maloca do Japó, mudou-se para Boa Vista (Roraima) em 1990, para trabalhar como empregada doméstica. Começou a pintar de forma autodidata a partir de 1992. Em 2005, conheceu Augusto Luitgards, que se tornou seu marchand e levou suas obras a circularem pelo país, participando de exposições e recebendo premiações. É uma indígena da etnia Macuxi, considerada uma expoente das artes naïfs, tendo participado das edições de 2014, 2012, 2010 e 2008 da Bienal Naifs do Brasil.

Quando falamos de artes e artistas indígenas, as ODS 10 (redução das desigualdades), 15 (vida sobre a terra) e a 16 (paz, justiça e instituições fortes) são essenciais. A ODS 10 tenta mitigar a desigualdade em todos os aspectos inclusive em relação aos indígenas, sendo assim, em conjunto com a ODS 15, é esperado que o problema de desigualdade de representatividade desse povo na cultura no geral seja resolvido.



O QUE É A FUNAI?



A Fundação Nacional do Índio (Funai) é o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Criada por meio da Lei nº 5.371, de 5 de dezembro de 1967, vinculada ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, é a coordenadora e principal executora da política indigenista do Governo Federal. Sua missão institucional é proteger e promover os direitos dos povos indígenas no Brasil. Cabe à Funai promover estudos de identificação e delimitação, demarcação, regularização fundiária e registro das terras tradicionalmente ocupadas pelos povos indígenas, além de monitorar e fiscalizar as terras indígenas. ODS 16 é responsável pela paz e justiça a partir de instituições como a Funai, por isso a sua importância.

OS ASPECTOS



Série Kanaimé, de Carmezia emiliano

A arte indígena brasileira guarda aspectos individuais de cada tribo. Ela é expressa pela pintura corporal, que não busca apenas um valor estético, mas sim a transmissão de valores culturais de cada tribo. Ela é muito utilizada durante os rituais e, principalmente, como uma forma de diferenciação dos grupos, identificando a posição hierárquica das entidades mais importantes da tribo.

Para realizar a pintura, por exemplo, os índios utilizam tintas naturais feitas à base de plantas e frutos. A cor branca é alcançada com o uso da tabatinga, a tonalidade vermelha, por sua vez, é obtida com o urucum. Outros frutos como o jenipapo também são bastante usados. Dentro dos rituais, os desenhos buscam relatar momentos e sentimentos específicos.

Além disso, cada tribo aplica os seus costumes a partir de desenhos. Existem grupos que optam por pintar as crianças diferente dos adultos, nas plumagens que eles usam sobre a cabeça. A plumária apresenta características estéticas que têm criação singular, conectadas com ritos e celebrações culturais. Com uma variedade de formas e riqueza de cores, a plumagem dos pássaros constitui o principal material das peças.

É o elemento da natureza que permite aos índios a produção da arte. Junto com as penas e plumas, outros materiais são aplicados na confecção das peças da arte plumária, muitas usadas para o embelezamento do corpo e preservação de toda uma tradição, em cerâmicas, que possui um valor simbólico, pois muitas delas eram usadas para guardar corpos de entidades importantes da tribo.

Contudo, até os dias atuais ainda são produzidas urnas funerárias feitas em cerâmicas, além de outros produtos, como: pratos, vasos, brinquedos, potes, estátuas, esculturas, instrumentos, entre outros.

Algumas tribos gostam de aprimorar a cerâmica com diferentes desenhos.

Dessa maneira, entende-se que a dança indígena possui intenções diferentes de outras danças porque é uma prática que abrange rituais e costumes. Para desenvolver essa parte de sua cultura, eles utilizam outros elementos complementares como a madeira, miçangas, palmas, sementes, cipó, couros, ossos, casaca de coco, dentes, conchas, garras etc.



retirado do site educamais brasil.

Esses artistas ressaltam a importância da divulgação da cultura indígena para sensibilizar a população a viver de forma sustentável e assim, utilizar práticas conservacionistas e transmitir para as futuras gerações o conhecimento adquirido por esses povos. Portanto, a valorização da cultura indígena se enquadra como um dever de todos os países.

No entanto, é importante ressaltar que esse reconhecimento não se deu sem que houvesse muitas perdas.

Tais quais ocorreram a partir do encontro colonial com os portugueses, processo que resultou na dizimação de muitas comunidades indígenas e com elas, as línguas, cultura, cosmologias e saberes que possuíam.

De acordo com dados do Censo 2010, atualmente existem cerca de oitocentos mil indígenas no país, o equivalente a 0,4% da população nacional. Esse número chegava a cinco milhões antes da chegada dos colonizadores ao Brasil.

Um fato curioso na produção de cerâmicas é que a maioria dos índios que produzem essa arte não utilizam a roda do oleiro como suporte, e mesmo assim conseguem belas criações, nas máscaras, as máscaras indígenas apresentam um simbolismo sobrenatural. Elas são feitas de cascas de árvores ou outros materiais como palha e cabaças e podem ser enfeitadas com plumagem. Normalmente, são utilizadas em ritos cerimoniais, e até mesmo nas danças.

A dança indígena tem o objetivo de realizar rituais que podem ser por várias razões, como: fazer homenagem às pessoas mortas, agradecer a colheita, pesca, além de outros motivos.



Gravite "Onço Vvoreté" feito no Museu Emno-Arqueológico de Iojai.

Os povos indígenas foram sistematicamente silenciados, assassinados e marginalizados ao longo da história brasileira. Sendo assim, dar conhecimento ao assunto no cotidiano e apoiar instituições que atuam na defesa desses povos é de suma importância principalmente no Brasil, um Estado onde habitam mais de 300 etnias indígenas, com culturas muito distintas.

A fim de que povos deixem de ser silenciados, marginalizados e assassinados, é primordial que algo seja feito e que as pessoas se conscientizem a respeito da xenofobia. Assim, devemos mudar esse cenário para que essas populações possam continuar reproduzindo suas culturas, tendo oportunidades e espaço e voz que merecem.

ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA E O ATIVISMO

MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E POLÍTICAS

A arte muitas vezes é vista como uns produtos bonitos, misteriosos e que provocam reflexões profundas sobre os infindáveis mistérios da existência, restrita apenas a uma parte elitizada e culta da sociedade. Mas arte é cultura, e onde há um povo, onde há um modo de viver, há cultura e por conseguinte arte. Arte essa que reflete os pensamentos, emoções e lutas daqueles que a produzem. Muitas vezes, essa arte ocupa formas, espaços e temas que, aos olhos dos mais conservadores, a desqualificam como projeto artístico.

Entretanto, por representar a realidade em sua forma bruta, por quem conhece e vive essa realidade na pele, é que esses tipos de arte "não tradicionais" cada vez mais ganham protagonismo na denúncia dos problemas que afetam as populações mais expostas a essas mazelas. As quais privadas das formas comuns de cultura, encontraram seu próprio jeito de se expressar com o que as cercava.

Desse modo, que lugar melhor para proliferação desses movimentos artísticos de protesto que o Brasil? Um país historicamente dividido e com diversos problemas atuais a serem denunciados, aqui estão alguns exemplos dessa arte-ativista nacional:

EDUARDO KOBRA

Eduardo Kobra, nasceu em 1975 nas periferias de São Paulo, hoje é um dos grafiteiros mais conhecidos no mundo inteiro, tendo produções em 5 continentes. Entretanto, antes de tudo é importante frisar que o muralista enfrentou muitas dificuldades para chegar aonde está hoje. Segundo relatos próprios, Eduardo diz que foi extremamente complicado encarar o preconceito e desvalorização da sociedade em relação às suas escolhas profissionais: "Precisei me esforçar em dobro, para conseguir coisas simples, como comprar um pacote de arroz e de feijão, ou pagar o aluguel. Vivendo na periferia, a palavra artista não fazia parte do vocabulário, a realidade sempre foi outra. Fui chamado de vagabundo, e tive que enfrentar todo tipo de preconceito."

Kobra possui diversos exemplos de obras aclamadas por críticos e apreciadores, como 'O Beijo', pintado em 2012 em Nova York, ou o maior mural grafitado no mundo, 'Etnias', produzido para os Jogos Olímpicos do Rio de 2016. Além disso, o brasileiro também é muito reconhecido por suas artes de protesto e por valorizar causas sociais.

Entre seus projetos mais significantes está o 'Olhar a Paz', no qual Kobra retrata personalidades históricas importantes na luta contra racismo, violência e cultura. Durante toda a sua carreira, o artista sempre deixou claro que defende fortemente os direitos humanos, espalhando mensagens de fraternidade e de não-violência. Todavia, ele não para por aí, já que também possui produções com temas retratando o aquecimento global, poluição e desmatamento



EDUARDO SRUR

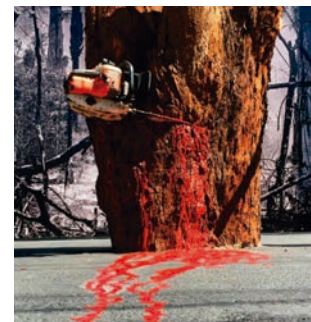
Eduardo Srur, habitante da cidade de São Paulo, hoje trabalha no mesmo local em que estudou, mais precisamente na Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). Porém, a cidade para ele não é só o seu lar, é também a matéria prima da sua arte.

Foi a partir do ano 2000 que Srur começou a utilizar-se do espaço público e de diversos materiais inovadores para suas instalações, abrindo assim caminho para o que ficaria ainda conhecido como intervenções urbanas. Apesar de São Paulo ser o epicentro de seu trabalho, o artista chegou a participar em intervenções até em outros continentes, como uma ocupação de edifícios seculares na cidade francesa de Metz.

Alguns dos seus mais célebres trabalhos são aqueles que têm em vista críticas a produção excessiva de resíduos plásticos e a falta de reciclagem. Essa crítica normalmente vem na forma da resignificação desses resíduos ao usá-los como matérias primas das suas obras, como o labirinto gigante construído no Ibirapuera apenas com lixo, produzido por Eduardo no ano de 2012.

Além da crítica, Srur tenta ao máximo engajar a população da cidade em seu processo criativo, afinal apenas assim ele pode ter certeza de que a sua arte está tendo o impacto desejado, algumas formas as quais ele faz isso é participando de palestras em escolas e eventos maiores como TED e Sustainable Brands. Eduardo também incentiva mais pessoas a ocuparem os espaços públicos da forma que ele faz em seu livro "Manual de Intervenção Urbana".

Uma obra que demonstra bem o viés ambientalista de Srur é a lbyra Uguy ou "A árvore sangra", que vem acompanhada da seguinte descrição feita pelo próprio artista: "Expôr uma árvore aleijada, sangrando, com motosserras enfiadas no seu corpo diz muito sobre o momento atual. O Brasil, que leva uma árvore no próprio nome, não merece esta grandeza. Nós, brasileiros, estamos omissos a destruição do nosso bem mais precioso: as riquezas naturais."



FROM THE SCREENS TO REAL LIFE

The influence of Cinema on our Culture

The cinema industry is a very lucrative one and has grown drastically since 1930/1940, as a matter of fact, these years were entitled "The Golden Age" for cinematographic industry. After the economic crisis of '39, the progress in this industry was one of the factors that helped the US, for instance, to recover itself. Hence, one of the most known movies of all time was released during this period: Citizen Kane (1941). Nonetheless, before being a form of art, cinema is an industry, therefore, it will always be thriving to reach high rates of popularity. Moreover, cinema is a competitive business, to always be on its top game, the industry must keep up with the world around and its innovations. Keeping that in mind, its only logical to infer that cinema and the world around us walk hand-to-hand. In other words, the line that separates planet, impacts on the film commerce and, consequently, the cinema influences our reality and culture.

Figure 1 - Hollywood: "The Golden Age"



Source: Studio Binder, 2021.

Chauvinism & Objectifying Women

As stated previously, the cinema, mostly, molds accordingly to the reality around. However, there are some facts that have remained throughout history, such as the role of women and men, that have been established and internalized in society for so long.

Up to nowadays, it has been proven by statistics that women receive less money in relation to men even if having the same job, and contradicting what many people might think, in the cinematographic industry this difference is excruciating. According to the Oscar-winning Hollywood actress Natalie Portman, when in comparison to men, in most professions,

"The Suicide Squad"



Source: Vogue 2021

"women make 80 cents to the dollar. In Hollywood, we are making 30 cents to the dollar". In spite of that, by propagating such conduct, the cinema institutionalizes even more chauvinist patterns into our community.

Besides the technical part that happens off the screens (different salaries), the movies also pass a sexist view of women, objectifying their image. For instance, take the famous movie that was released in 2016, "Suicide Squad" starring Will Smith, Margot Robbie, and other well-known actors. In the movie, the actress Margot Robbie plays Harley Quinn, a woman that used to be a doctor, but fell in love with a dangerous man named Joker and left her whole life behind, becoming wild just like her boyfriend. She is portrayed in an over sexualized and objectified way, by wearing extremely short clothing and clearly stating her unconditional love for Joker, which surpasses everything including her own life, at some cases. Plus, the rest of the characters are constantly emphasizing her body.

Why is Harley Quinn featured for her body?

In addition, reaching a younger public, there is Cinderella. The princess is drawn as a woman who lives miserably and is stuck in a house with a cruel stepmom who makes her do all the chores by force. By the end of the movie, Cinderella leaves the house because she marries the prince. Now the reflection that remains is: why does Cinderella can only be saved by a prince? Why can't she save herself?

Romanticizing Toxicity Furthermore, another issue nowadays is the number of movies that romanticize toxic relationships transmitting mostly to teens the image that this type of romantic relationship is not a problem.

If the youth does not have reference about healthy relationships and how does it work, or at least having critical sense, they will be influenced by a toxic love shown by movies and series.

Movies such as, 'After' (2019) and 'Suicide Squad' (2016). And series, for instance, 'You' (2018), 'Orange is the New Black' (2013-2019) and 'Pretty Little Liars' (2010). The movie series 'After' (2019), as an example, tells a story about Tessa Young (Josephine Langford), a teenager which is a perfect student and enters in college, that is when she meets Hardin Scott (Hero Fiennes Tiffin) a mysterious rebel boy that changes the way she portrays life, and after a while, they develop a disturbed and toxic romantic relationship.

Nonetheless, it is another toxic relationship normalized by the cinema. Movies represent a big part of the mediatic knowledge teens carry, meaning that decisions and influences in their life will be based on what they watch and the toxic relationships in this person's head is normalized, so they won't see it as a problem if it really happens with them.

Trends and Beauty Standards

The woman's ideal body type has changed throughout history. While in the "Golden Age" of Hollywood, the beauty standards for women were curves, large breasts, and hourglass figure, in the 2000's it changed to flat stomach, skinny and visible thigh gap. Consequently, the beauty standards that are portrayed in the cinema reflect what people in that time are considering pretty.

Figure 3 - Marilyn Monroe



Source: *The New Nation*, 2016

As that famous quote goes "The beauty is in the eye of the beholder," meaning the beauty standards are subjective. Since the beginning of Hollywood, there were many actors who became the standards of generations: Marilyn Monroe, Audrey Hepburn, George Clooney, Brad Pitt, and others.

Regardless of how, nowadays, the awareness about the institutionalized beauty patterns is bigger, meaning that it is quite common to see people addressing the beauty standards that are portrayed by the characters on movies and series. Subsequently, a lot of films have been dedicated to criticizing the beauty example such as 'I feel Pretty', starring Natalie Wood, 'Tall girl', starring Ava Michelle, 'Sierra Burgess is a Loser', starring Shannon Purser and few others. In other words, as the historical moment takes a change, and beauty becomes something else, cinema quickly changes along and reinforces what is being commented among society. Therefore, influencing the standards.

Clothing trends, Based on the clothing that appears in movies, trends are created and propagated in society for an extended period. Often used for economic purpose, the relation between the film and the fashion industry has been widely explored by the major producers. For instance, a clear example is the film 'Breakfast at Tiffany's', in which Audrey Hepburn wears the iconic black dress and outfits that, later on, launched new trends, like the little black dress, the oversized men's shirt, and many other bold outfits.

Although the movie makes up the actress to have fancy and expensive clothes, the audience was strongly influenced and soon started to incorporate the style. As a result, most luxury brands were benefited from it, such as 'Chanel'.

In addition, as time goes by, the film industries can either incorporate new trends or retrieve the old ones to keep up with the consumerism and profit. One example is the movie 'Karate Kid' that first appeared in 1984 but was released again in 2010 with a minor change in the plot. However, it was not until 2018 that the film industry profited from it,

with the streaming platform Netflix they were able to launch the series 'Cobra Kai' which was extremely welcomed by the audience.

Smoking Trends, Even though the habit of smoking had already come to life before its appearance on the cinematographic industry in the 1920s, that was when it became "cool" and common throughout adults and the youth. With the use of cigarettes in movies, there was a growth in the tobaccos industries, which until nowadays have its sells boosted by the use of cigarettes on cinema.

Moreover, Hollywood stars, such as, Audrey Hepburn and Humphrey Bogart were always seen smoking, making it something glamorous and popular in society. Yet with the scientific research developed in the 70s proving that cigarettes are harmful and anti-smoking movements gained strength, productions began representing it as a harmful habit or simply stopped showing actors and actresses smoking. Therefore, there was a loss to the industries.

But what does cinema have to do with smoking? A report published in 2015 by the WHO (World Health Organization) outlines the scientific information that there is so far concerning the impact of cinematographic pictures. Some brain investigations are among the evidence acquired by the WHO. When participants in one of them saw excerpts of videos featuring adult right-handed smokers, the brain was aroused in areas connected with desire as well as for those involved for planning the action of the right hand.

This finding implies that witnessing an actor smoke not only arouses desire, but also actively prepares the brain to start a cigarette.

Last Regards, In conclusion, the cinematographic industry has a huge impact on our daily life, once it portrays our current reality. Regarding culture, more specifically, cinema also influences on that, since it is an industry that is composed by a lot of countries, we often see different perspectives around the same global issues, such as beauty patterns. Consequently, other points of view can change the way that certain matter is perceived in your own culture. Not only that, but the sustainable development goals, established by the UN, also relate to the matter in this article. As an impact of the chauvinism present in the film industry, women are often victims of various kinds of prejudice and end up earning lower salaries than men and suffering multiple kind violence's. In relation to the SDG 5, that stands for Gender Equality, the women rights must be preserved and protected without any doubt, and it is urgent the action upon those who violate them. To do so, we must have more rigorous laws and regulations and a greater popular commotion, such as protests.

Figure 4 - Audrey Hepburn Breakfast at Tiffany's



Source: *ReelViews*, 2022.

Besides, SDG 9 - Industry, Innovation, and Infrastructure - can also be related to the impacts cinema has on our culture regarding the changes that should be made considering the influence it has on society. Such as, in smoking and creating unachievable beauty standards that can be harmful to people, especially the youth.



By attending these so honourable principles, it's possible to talk about SDG 8 - Decent Work and Economic Growth. As mentioned on the subtopic 'Clothing trends', the cinema industry earns an insane amount of money out of fashion trends they launch through their movies. Each time the cinematographic industry takes advantage from their power over people, they consequently earn more money.



For example, in 2017 the film industry played a crucial role in the United Kingdom's economic growth. According to the Office of National Statistics, the UK had a growth of 0,5% in their GDP 2017, the film sector being the second largest contributor. Nonetheless, the industry does not make money on fashion trends only, but also on the sales of the starting of big movies, such as 'Eternals' from Marvel, which raised around \$300 million worldwide.

Thus, it's been proven, and it still is, that the movie industry is a big money-maker.



With that being said, it can be stated that there are many ways in which cinema influence our culture. As seen throughout the text, despite the effect it has on the population in general, there is also an economic influence in society. As an example, in the tobaccos industries.

200 ANOS DE UMA PÁTRIA INDEPENDENTE



Proclamação da independência, François-René Moreaux, 1844

Há 200 anos, no dia 7 de setembro de 1822, Dom Pedro proclamou a independência do Brasil às margens do Rio Ipiranga e transformou a frase “Independência ou morte!” em um marco histórico do país. A partir de então, desvinculamos nossos laços coloniais com Portugal e iniciamos um novo período cultural, sociológico e histórico no país. O dia 7 de setembro é mais do que uma simples data para nós brasileiros, pois simboliza o início da liberdade de uma pátria, uma era de dominação e controle sobre uma nação, que por fim ganhou sua independência. Comemorar essa data é de grande relevância para entendermos a nossa própria história. Agora vamos retornar ao passado para entender melhor a nossa trajetória. A independência do Brasil aconteceu no dia 7 de setembro de 1822, e, por meio desse acontecimento, o país conquistou a sua emancipação de Portugal. Nesse dia aconteceu o grito da independência, realizado às margens do Rio Ipiranga, em São Paulo, e dado por Pedro de Alcântara (futuro D. Pedro I). A independência brasileira foi acompanhada por conflitos armados após 1822, sucedidos principalmente no Nordeste, como na Bahia em 2 de julho de 1823, quando o país conquistou de vez a sua emancipação de Portugal. Mas foi o grito da independência, realizado às margens do Rio Ipiranga, em São Paulo, que marcou esse evento histórico.

A independência do Brasil foi declarada oficialmente em 1822, e esse acontecimento tem relação direta com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808. A vinda da corte portuguesa para a colônia aconteceu devido à invasão de Portugal realizada pelas tropas napoleônicas, em 1807. Nessa época, Portugal tinha D. Maria como rainha e D. João como príncipe regente. A vinda da família real para o Brasil resultou em transformações profundas nas áreas culturais, comerciais e econômicas, e deu abertura para um processo político que procedeu na autonomia da colônia. A primeira grande medida decretada por D. João VI foi a abertura dos portos brasileiros para as nações amigas, permitindo que os comerciantes brasileiros negociassem diretamente com comerciantes ingleses. D. João VI também tomou uma série de medidas que incentivaram o desenvolvimento cultural e a modernização do Brasil, demonstrando o intuito de torná-lo uma parte integrante do reino português e não apenas uma colônia

O processo de independência do Brasil avançou e concretizou-se durante a regência de D. Pedro. As Cortes portuguesas, instituição política surgida com a Revolução do Porto, tomaram algumas medidas que foram bastante impopulares no país: o retorno de algumas instituições originadas no Período Joanino em Portugal, o envio de mais tropas para o Brasil e o retorno do príncipe regente para o país europeu. As negociações realizadas entre as autoridades brasileiras e portuguesas ficaram marcadas pela intransigência dos portugueses e contribuíram para aumentar a resistência dos brasileiros em relação a Portugal. Esse distanciamento entre brasileiros e portugueses deu margem para o discurso de independência Nacional, e é importante frisar que o desejo inicial dos brasileiros não era a separação.



Bandeira do Império, Debret, 1822

Quando os portugueses exigiram o retorno de D. Pedro, os brasileiros reagiram e criaram o Clube da Resistência, que entregou um documento a D. Pedro, com milhares de assinaturas, exigindo a sua permanência no Brasil. Por causa dessa reação dos colonos é que D. Pedro I declarou a sua permanência no país, em 9 de janeiro de 1822, no que é conhecido como Dia do Fico. Os acontecimentos dos meses seguintes e a continuidade da posição intransigente e desrespeitosa (na visão dos colonos) são os fatores que levaram o Brasil à ruptura com Portugal. Nesse processo, D. Pedro foi muito influenciado por duas pessoas: D. Maria Leopoldina, sua esposa, e José Bonifácio de Andrada e Silva, seu conselheiro.

Ademais, a independência do Brasil não foi pacífica. Depois que a notícia se espalhou, algumas regiões se rebelaram contra o movimento e permaneceram leais aos portugueses.

Esses movimentos de resistência independentes ocorreram no Pará, Bahia, Maranhão e Cis Platina (atual Uruguai). A Guerra da Independência durou até 1824 e terminou com a derrota dos leais a Portugal.

A independência do Brasil só foi reconhecida pelos portugueses em 1825, por meio de um acordo realizado entre Brasil e Portugal e mediado pela Inglaterra. Dentre as consequências desse acontecimento, destacam-se: aumento da força do sistema escravista, reconhecimento do Brasil como nação, o termo brasileiro se junta ao léxico da cidadania, inicia-se uma monarquia no regime político e endividamento do Brasil com os Portugueses. Além disso, também houve o sentimento de pertencimento das províncias brasileiras a só um país, o Brasil passou a ter maior autonomia e liberdade na tomada de decisões políticas, houve criação do símbolo da bandeira, hino do Brasil e principalmente a criação da primeira constituição do Brasil.

A história da independência do país, contudo, apresenta alguns mitos em sua composição. Como por exemplo Dom Pedro I estava às margens do Ipiranga por conta de uma diarreia. No início de setembro, ainda sem saber da separação dos países, Dom Pedro I e seus homens iniciavam uma viagem de volta para o Rio de Janeiro. Mas, por conta de uma forte desinteira, sua tropa era obrigada a fazer paradas não programadas e se manter perto do rio. No dia 7 então, às margens do Ipiranga, Dom Pedro recebe a notícia e dá o famoso grito da independência. Outro mito também é que a famosa cena do quadro de Pedro Américo é apenas uma representação. O quadro do Grito do Ipiranga que se popularizou por todo o mundo pintado por Pedro Américo em 1888 é, na verdade, uma representação poética. Na imagem, Dom Pedro aparece cercado por sua guarda imperial, com lindos uniformes brancos e vermelhos, o que não existia na época. Outro fato curioso é o uso de cavalos para locomoção, quando, na verdade, o animal mais utilizado para transportes no século 19 era a mula.



Independência ou morte, Pedro Américo, 1888

Mas qual é a importância da data? A celebração é mantida ainda hoje pela relevância que traz: o 7 de setembro marcou, simbolicamente o fim do laço de colonização que existia com Portugal. A partir de então, desvinculamos nossos laços coloniais com Portugal e iniciamos um novo período cultural, econômico, sociológico e histórico no país, e então o Brasil passou a ser uma nação autônoma. Muitas tentativas anteriores ocorreram e muitas pessoas morreram na luta por este ideal. A independência deu para o Brasil uma identidade com características únicas, já que antes era apenas uma colônia portuguesa.

O Museu do Ipiranga é a sede do Museu Paulista, que é um monumento especializado em história e cultural material, e integra a Universidade de São Paulo. O edifício em que hoje estão instaladas as exposições e espaços para atividades educativas e culturais foi projetado para ser um monumento em comemoração à Proclamação da Independência, ocorrida em 1822. O edifício foi construído entre 1885 e 1890. Em 1894, o recém-criado Museu do Estado (Museu Paulista) foi transferido para o monumento. Foi assim que as histórias do Museu público mais antigo de São Paulo e do Monumento à Independência se misturaram e, desde então, ele ficou conhecido como Museu do Ipiranga.

Em 2013, o Museu da Independência, mais conhecido como Museu do Ipiranga, foi interditado às pressas por conta de problemas sérios de conservação e segurança, e em 2019 entrou em reformas. Após 9 anos fechado e R\$ 235 milhões gastos, em comemoração aos 200 anos da independência, o museu foi reaberto dia 6 de setembro de 2022. O evento faz parte das comemorações dos 200 anos da Independência do Brasil e permite que o público veja o coração de Dom Pedro I, que está conservado em uma cápsula de vidro. Emprestado pelo governo português para ser exposto durante as comemorações, o órgão do primeiro imperador brasileiro foi trazido de Portugal a bordo de um jato executivo da Força Aérea Brasileira (FAB). No Itamaraty, o coração está exposto na Sala



Museu do Ipiranga, São Paulo

Santiago Dantas, climatizada para servir de exposição e cripta.

Algo que acontece só de 100 em 100 anos da comemoração da independência é o fato de o governo português emprestar o coração de Dom Pedro I para a celebração da independência brasileira. O coração do imperador brasileiro Dom Pedro I está preservado desde sua morte em 1834. O órgão é guardado em uma jarra de vidro, com formol, na Igreja de Nossa Senhora da Lapa. O recipiente é mantido em uma urna,

trancado a sete chaves. O coração é considerado uma relíquia pelo governo português.

Em suma, ensinar crianças e jovens a apreciarem e valorizarem esse dia é mais um passo para um futuro harmonioso e com menos problemas sociais. Lembrar da nossa história, da nossa luta diária e das nossas conquistas levam à reflexão e reforçam valores de cidadania que levamos na nossa bandeira. Valorizar o país é cumprir seu dever como cidadão, assim como se preocupar com o futuro da nação.



Festejos pela independência do Brasil na Bahia, 2 de julho de 2022

AGRADECIMENTOS

Muitos devem ser os homenageados, mas não caberiam nesta página. Além disso, vale lembrar das possibilidades que o Colégio São Luís ofereceu para seus estudantes, como as atividades múltiplas e diversificadas que nos levaram às experiências de produção como esta. Foi muito bom utilizar tanto conhecimento mobilizado nas várias disciplinas ao longo de 2022 para aplicar nesta produção jornalística.

Nosso muito obrigado também vai para todos os estudantes da primeira série do EM e do IB que se dedicaram em escrever reportagens tão interessantes e com temas para todos os gostos. Às equipes de diagramação e revisão que no último mês estiveram trabalhando todos os dias na preparação desta revista. Agradecemos também a ajuda valiosa das estagiárias **Letícia Nascimento e Marcia Santos.**

A todos os professores envolvidos que oportunizaram a formação desta atividade e que nos proporcionaram uma nova visão acadêmica, ética e cidadã (principalmente ao Professor **Juliano Sobrinho**, pela coordenação geral da revista, pelo apoio incondicional e pelo empenho em nos orientar). Também é importante agradecer à Professora **Paula Galasso** pela contribuição na escolha do layout da revista e na arte da **capa.**

Por fim, agradecemos ao artista **Cássio Vasconcellos** que gentilmente nos cedeu a fotografia fine art **Dríades 17**, que **ilustrou a capa desta edição.**
Esta revista já é uma marca do colégio e fizemos parte dessa **história.**

Equipe de edição geral

